



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE PORTO NACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

ANDRÉIA MUNIZ LISBOA

**FAKE NEWS NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS BRASILEIRAS DE 2018:
CONSTITUIÇÃO E FUNCIONAMENTO DISCURSIVO**

**Porto Nacional, TO
2024**

Andréia Muniz Lisboa

**FAKE NEWS NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS BRASILEIRAS DE 2018:
CONSTITUIÇÃO E FUNCIONAMENTO DISCURSIVO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT) – Câmpus Universitário de Porto Nacional (TO) – como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Barbosa Soares.

**Porto Nacional, TO
2024**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

L769f Lisboa, Andréia Muniz.

Fake news nas eleições presidenciais brasileiras de 2018: constituição e funcionamento discursivo. / Andréia Muniz Lisboa. – Porto Nacional, TO, 2024.

134 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Letras, 2024.

Orientador: Thiago Barbosa Soares

1. Fake news. 2. Eleições brasileiras 2018. 3. Mídias digitais. 4. Análise do Discurso. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Andréia Muniz Lisboa

**FAKE NEWS NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS BRASILEIRAS DE 2018:
CONSTITUIÇÃO E FUNCIONAMENTO DISCURSIVO**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT) – Câmpus Universitário de Porto Nacional (TO) – como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras, tendo sido aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 22 /04 / 2024

Banca Examinadora

Prof. Dr. Thiago Barbosa Soares, Orientador, UFT/CNPq

Profa. Dra. Sílvia Melo-Pfeifer, Arguidora, Universidade de Hamburgo

Profa. Dra. Mônica da Silva Cruz, Arguidora, UFMA

Prof. Dr. Ariel Elias do Nascimento, Arguidor, UFT

*Em memória ao meu avô, Antônio Muniz
Sobrinho, minha maior inspiração de vida.*

AGRADECIMENTOS

Para a escrita deste trabalho, pessoas fizeram parte desse processo. Houve aqueles que corroboraram por meio do cuidado, amor e afeto, mesmo não compreendendo os liames que configuram o saber científico, mas que foram cruciais em cada linha que constrói esta pesquisa, como também os que ofereceram suporte teórico necessário para materialização das questões aqui pontuadas. Certamente, não seria possível findá-la se não fosse todo esse conjunto de pessoas que participaram comigo dessa jornada. Por isso, a todos que serão citados, extendo minha imensa gratidão.

A todos os membros, zeladores, técnicos, pessoais da limpeza e professores que constituem a Universidade Federal do Tocantins, que juntos tornam reais o acesso à educação pública de qualidade.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de estudos, a qual possibilitou maior dedicação no tratamento da pesquisa. Sem dúvida, foi essencial para minha permanência no mestrado, além de ser o meio para a construção do conhecimento obtido, como também para a abertura de novos horizontes.

Ao meu orientador, Thiago Barbosa Soares, pelas valiosíssimas aulas, apontamentos críticos e sugestões necessárias à pesquisa, além das orientações para a escrita dos artigos e eventos científicos que participei. Pelo seu profissionalismo, dedicação e amadurecimento teórico que fizeram esta pesquisa tomar rumos mais consistentes. Certamente, há muito mais a agradecer ao professor, durante o percurso do mestrado foram muitos os momentos de aprendizado e, com isso, pude absorver um pouco da vastidão teórica que ele carrega sobre o campo de saber Análise do Discurso e áreas afins. Ademais, o professor, naturalmente mineiro, durante o convívio, me fez lembrar um pouco de minhas raízes que estão, também, pelas bandas de Minas Gerais.

À professora Sílvia de Melo Pfeifer, por percorrer conosco uma longa etapa burocrática para cadastrá-la no sistema de usuário externo da Universidade. Além disso, agradeço pelas suas enriquecedoras contribuições na pesquisa desde o processo de qualificação, além da amabilidade e solicitude desde o primeiro momento que nos conhecemos, no Simpósio Mundial de Estudos da Língua Portuguesa.

À professora Mônica da Silva Cruz, que conheci na disciplina de Discurso, Memória e história da Universidade Federal do Maranhão, foi ali que tivemos nossos primeiros diálogos sobre a pesquisa. Professora, agradeço pelos excelentes apontamentos teóricos pelas veredas foucaultiana, ampliando minha visão dentro do campo de Saber, Análise do Discurso.

Ao professor Ariel Elias de Nascimento pelas valorosas contribuições que seu olhar de historiador trouxe à pesquisa. Seus apontamentos do campo de história, essencial a Análise do Discurso, foram cruciais para o desenvolvimento desta pesquisa.

À coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras, que tanto me auxiliou nas dúvidas e recorrentes solicitações. Sempre estiveram dispostos a procurar meios para possíveis resoluções.

A minha querida amiga Paula Ramos Ghiraldelli, e sua amável família que compartilharam comigo momentos incríveis de afeto e alegrias. A sua mãe, Denise Ramos, que tanto me inspira e tratou de mim com tanto zelo como se fosse minha mãe, sempre muito preocupada comigo, pacientemente, ouvia meus clamores e desatinos que enfrentei durante esses dois anos longe dos meus, oferecendo seu colo materno. As boas risadas e os nossos encontros de domingo fazem muita falta. A Paula, em especial, por fazer brotar o melhor de mim, pelas revisões, diálogos teóricos e, principalmente, pela irmandade que construímos. Como se não bastasse, prestigiou-me com a sagacidade de Mariana, fazendo-me lembrar do meu sobrinho Jorge Daniel e o lastro de amor que esses pequenos provocam em nós. Paulinha, por tudo que não cabe aqui mencionar, quero que saiba que sou imensamente feliz por sua companhia, honrarei sempre sua existência em minha vida.

A minha amiga Elizangela, que tanto me auxiliou na compreensão da teoria, pelas preciosas revisões em meus textos, pela paciência e carinho. Elizangela é aquela pessoa sempre proativa, sempre disposta a ajudar no que for preciso. Em tudo que faz é muito cuidadosa, detalhista e de um coração muito generoso. Obrigada, amiga, por sempre se fazer presente.

Aos meus colegas do mestrado, em especial, Vanuza, Rhoselly, Luciana, Roseane e Marise, as quais eu tive uma maior aproximação e que, durante os dois anos, compartilharam comigo algumas disciplinas e um pouco de ansiedade que o processo acadêmico traz, além dos momentos de alegria e bem-estar que partilhamos. Obrigada, meninas, por tudo!

A dona Izabel, outra amiga que o mestrado oportunizou conhecer. Imensa gratidão pelo cuidado, pelas receitas maravilhosas que recebia quase que semanalmente durante o mestrado. Sua força é inspiradora. Obrigada pelas prosas e quitutes saborosos.

A Maraiza, que conviveu comigo durante um período do mestrado. Lembro-me com muito carinho das nossas caminhadas e trocas de experiências culturais entre a Bahia e o Pará. Agradeço pelas partilhas que tivemos e pelos aprendizados que puder sorver de ti referente às questões biológicas, sua área de atuação. Nossas divertidas idas ao supermercado e as deliciosas receitas, além do amparo nos dias que a saudade de casa apertava.

A Fernanda, Aline e Luzia, amigas que conheci na graduação da Universidade do Estado da Bahia-UNEB, e permaneceram. Elas foram e são fundamentais na minha vida, sigo compartilhando com vocês mais um capítulo de minha história.

A minha mãe, Helena Alves Muniz Lisboa, essa mulher é indescritível, qualquer agradecimento não chega nem perto do que representa na minha vida. Ah, mãezinha, como é maravilhoso ser sua filha, que orgulho eu sinto disso! Helena é a pessoa que materializou a esperança em mim, ela nunca deixou de acreditar e foi exatamente por isso que eu me inscrevi no processo seletivo de mestrado da Universidade Federal do Tocantins. Elattinha a certeza de que eu iria passar e finalizar o curso. É mãe, a senhora sempre inspira o melhor de mim. Obrigada, por tanto e por tudo! De todos seus conselhos, este eu levarei comigo aonde for: Andréia, bens materiais podem ser retirados de ti, mas, o estudo não. Estude, minha filha! Meu Pai, Adelson de Jesus Lisboa, que não sabe ler e nem escrever, mas as linhas que curvam a vida, ah, essas ele tem a sagacidade, a astúcia e o amadurecimento para lidar. Não sabe da existência da teoria da Análise do Discurso, não obstante, entende tanto sobre a vida e eu tenho aprendido diariamente com ele. Esses senhores camponeses fizeram e fazem tudo por mim e pelos meus irmãos, Nivaldo Lisboa e Adriana Lisboa. Todos eles constituem a minha essência, o lugar ao qual sempre volto, meu aconchego. A partir desta pesquisa, levarei para minha família o primeiro título de mestre almejado por mim, materializado pela Universidade Federal do Tocantins e a bolsa Capes, mas traçado e acreditado, primeiramente, pela minha família. Eu amo vocês e farei de tudo para vê-los bem neste mundo tão difícil de viver.

Aos meus avôs, José Francisco Lisboa, Josina Lisboa, Ormezinda Alves e, em memória, Antônio Muniz. Os senhores são peças fundamentais que alicerçam minha existência, enchem minha vida de ensinamentos tão valiosos que sigo colocando-os em prática.

A minha querida Cele que partiu desta vida tão abruptamente, deixando-nos desapontados e profundamente entristecidos. Você também faz parte dessa história, recordo das cestas de legumes preparadas com muito amor, muitas vezes seguidas durante meu percurso acadêmico na graduação e dos abraços carinhosos de bom dia a sua Deinha. Também, a sua família que sempre me amparou por um período antecedente ao mestrado. Ah, Cele, que falta você faz! Agradeço o privilégio de compartilhar contigo nove anos de minha vida. Se em outras dimensões vidas tiver, que tenhamos a sorte do reencontro.

A minha comunidade, Taquaril dos Fialhos, que tanto me ensina sobre a vida e a resistência e luta frente aos empreendimentos do capital que viola cotidianamente nosso modo de vida e produção. Cada morador que constitui as 32 famílias que moram na comunidade, muito obrigada por me encorajar e me ensinar tanto.

Aos meus companheiros de luta com os quais aprendo sobre resistência, sobretudo, em se tratando dos filamentos estruturais das questões sociais que enfrentamos. A eles e a minha comunidade, dedico a sutileza poética de Bertolt Brecht; “há homens que lutam um dia, e são bons; há outros que lutam um ano, e são melhores; há aqueles que lutam muitos anos, e são muito bons; porém há os que lutam toda a vida, estes são os imprescindíveis”.

A todos aqui citados e também aqueles que não os mencionei, muito obrigada por fazer parte de uma parte da minha vida e participarem, mesmo que indiretamente, do trajeto de escrita desta pesquisa.

“Imagina homens numa morada subterrânea, em forma de caverna, provida e uma única entrada com vista para a luz em toda a sua largura. Encontram-se nesse lugar [...] de forma que são forçados a ali permanecer e a olhar apenas para frente” (PLATÃO, 2000, p. 319).

RESUMO

Esta pesquisa analisa a constituição e o funcionamento discursivo das fake news disseminadas no Brasil durante o pleito eleitoral brasileiro de 2018. O corpus é constituído por materialidades subscritas socialmente com *fake News*, que foram extraídas dos conteúdos retirados das agências de checagem de notícias Fato ou fake (2018), Lupa (2018), Aos fatos (2018), Lupa (2018, 2019) e E-farsas (2018). A hipótese levantada é que as fake news contemporâneas tratam de uma atualização de outros gêneros associados ao eixo paradigmático da mentira na história, tendo como diferencial sua produção e disseminação, a partir da sociedade hipermediatizada e relativista. A abordagem utilizada é qualitativa de cunho interpretativista. Essa oferece uma leitura discursiva sobre o gênero notícia falsa, ampliando o entendimento sobre o fenômeno, fornece subsídio para a sociedade identificar suas condições socio-históricas de produção e veiculação, de que forma se estabelecem na sociedade contemporânea, bem como os mecanismos discursivos e ideológicos que podem assumir como lugares de construção e desconstrução dos sujeitos contemporâneos, justificando a relevância da pesquisa. Na descrição/interpretação das materialidades, utilizou-se dos conceitos teóricos do quadro epistemológico da Análise do Discurso, sobretudo, dos trabalhos de Michel Pêcheux (2011; 2014a; 2014b; 2015a; 2015b), Foucault (1988; 2002; 2014; 2015; 2021a, 2021b), entre outros. Por meio das análises, verificou-se que as notícias falsas disseminadas no processo eleitoral brasileiro de 2018 remontam a um evento histórico no campo político que entrou no cenário mundial pela ruptura da internet que, com recursos tecnológicos avançados, volatizou uma diversidade de materialidades em curto espaço de tempo, também pelo esvaziamento de sentido do gênero notícia pelo relativismo. Na interpretação do gênero notícia falsa, observou-se que nem tudo que foi discursivizado como fake news é propriamente uma notícia falsa, todo esse processo se dá pelo esvaziamento de sentido do gênero notícia provocado pelo relativismo, dentro do contexto sócio-histórico da sociedade digital, que produz um território fluido, portanto, factível para qualquer materialidade ser considerada notícia falsa, o que funciona não é o gênero, mas seu valor que está atrelado às formações imaginárias e discursivas que os sujeitos do discurso assumem no processo discursivo.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Eleições brasileiras 2018. Relativismo. Mídias digitais. Política.

ABSTRACT

This research analyzes the constitution and discursive functioning of fake news disseminated in Brazil during the 2018 Brazilian elections. The corpus consists of material socially subscribed to as fake news that was extracted from content taken from the news-checking agencies Fato ou Fake (2018), Lupa (2018), Aos fatos (2018), Lupa (2018, 2019) and E-farsas (2018). The hypothesis raised is that contemporary fake news is an update of other genres associated with the paradigmatic axis of lies in history, with the difference being its production and dissemination in a hypermediaized and relativistic society. The approach used is qualitative and quantitative, and cross-sectional analytical. It offers a discursive reading of the fake news genre, broadening the understanding of the phenomenon and providing a subsidy for society to identify its socio-historical conditions of production and dissemination, how they are established in contemporary society, as well as the discursive and ideological mechanisms they can assume as places of construction and deconstruction of contemporary subjects, justifying the relevance of the research. The description and interpretation of the material used theoretical concepts from the epistemological framework of Discourse Analysis, especially the works of Michel Pêcheux (2011; 2014a; 2014b; 2015a; 2015b), Foucault (1988; 2002; 2014; 2015; 2021a, 2021b) and others. The analysis showed that fake news disseminated in the 2018 Brazilian election process dates back to a historical event in the political field that entered the world stage through the disruption of the internet, which, with advanced technological resources, volatilized a diversity of materialities in a short space of time, also by emptying the meaning of the news genre through relativism. In interpreting the fake news genre, it was observed that not everything that has been discursivized as fake news is properly fake news. This whole process is due to the emptying of meaning from the news genre caused by relativism, within the socio-historical context of digital society, which produces a fluid territory, therefore, it is feasible for any materiality to be considered fake news; what works is not the genre, but its value, which is linked to the imaginary and discursive formations that the subjects of discourse assume in the discursive process.

Keywords: Discourse Analysis. Brazilian elections 2018. Relativism. Digital media. Politics.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Montagem da camiseta da Manuela D'Ávila.....	34
Figura 2 – Lula e Jesus Cristo.....	40
Figura 3 – Fake news da troca da padroeira.....	46
Figura 4 – Urnas eletrônicas e Hackers.....	69
Figura 5 – Urnas eletrônicas e Venezuela	72
Figura 6 – <i>TSE</i> e urnas eletrônicas.....	75

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise do Discurso
ARPANET	Advanced Research and Projects Agency Network
NSFNET	National Science Foundation Network
LGBTQIAP+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais
PL	Projeto de Lei
SD	Sequência Discursiva
PT	Partido dos Trabalhadores
IFCN	International Fact-checking Network
OMS	Organização Mundial de Saúde
PL	Partido Liberal
PMDB/MT	Partido do Movimento Democrático Brasileiro de Matogrosso
TSE	Tribunal Superior Eleitoral
CPMI das fake news	Comissão Parlamentar Mista de Inquérito das Fake News
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
2	CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO FENÔMENO FAKE NEWS	24
2.1	Fato ou <i>fake</i> ? Ler as fake news hoje.....	25
2.2	Discurso religioso nas eleições de 2018.....	33
3	FAKE NEWS E O RELATIVISMO.....	55
3.1	O relativismo como um instrumento: gestão de <i>fake news</i>	62
3.2	Fake news sobre urnas eletrônicas.....	67
4	CIRCULAÇÃO E DISSEMINAÇÃO DE FAKE NEWS.....	81
4.1	Do projeto Escola sem homofobia ao ‘kit gay’: atualizações discursivas.....	90
4.2	Efeitos de sentido do enunciado Kit gay no pleito eleitoral brasileiro de 2018.....	96
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
	REFERÊNCIAS	123
	ANEXO.....	140

1 INTRODUÇÃO

As eleições presidenciais brasileiras de 2018 foram marcadas pela polarização político-partidária que não tem seu início nesse ano, mas advém de um processo longínquo que culminou na modificação estrutural da sociedade brasileira expressivamente pós ditadura. Com a quebra do regime ditatorial, pelo menos momentaneamente, “o país (...) ‘revolucionou-se’ em termos políticos, mas permaneceu distante da vida democrática plena” (CHAUÍ; NOGUEIRA, 2007, 207 aspas do autor). Em 2011, com a “‘troca de bastão’ dos candidatos do PT¹, observa-se uma pequena queda no percentual eleitoral, já demonstrando um pouco do desgaste causado pelas denúncias do mensalão² em 2005” (CNN BRASIL, 2022, [s. d] aspas do autor). As falhas constitutivas pelo modo de atuação política e o envolvimento dos partidos de esquerda em casos de corrupção desmembrado pela investigação da Operação Lava Jato³ fragmenta e desarticula a ala política, provocando rachaduras entre os partidos. O descontentamento da população sobre o envolvimento da esquerda em processos de corrupção, bem como o silenciamento midiático sobre os partidos de direita na investigação, afluam as manifestações ocorridas em 2016, que culminaram no *impeachment* e cassação do mandato de Dilma Rousseff. Esse cenário vai configurar a polarização político-partidária, na qual se move a sociedade brasileira que, segundo Fuks e Marques (2022), tem alinhamento assimétrico. Assim, “o antipetismo deu lugar a uma das maiores polarizações já vista no Brasil, de um lado os que votam no PT e de outro os que não votam de forma alguma, dando espaço para novos atores e correntes políticas surgirem” (CNN BRASIL, 2022, [s. d]). É importante enfatizar que as posições dos eleitores-aqui sendo pensadas pela ótica discursiva, sejam elas de esquerda ou direita estão condicionadas a formação social capitalista. Os processos políticos não só fazem parte dessa estrutura como se

¹ O Partido dos Trabalhadores (PT) foi fundado em 1980 com pautas apoiadas, inicialmente, no socialismo democrático. As mobilizações e lutas por reivindicações sociais culminaram em algumas conquistas como as diretas já e a aprovação da constituinte brasileira. Atualmente, se constitui como um dos expressivos partidos da esquerda (PARTIDO DOS TRABALHADORES, [s. d]).

² O mensalão foi um esquema de corrupção iniciado em 2002 e descoberto em 2005 por meio de uma gravação. Nela, Maurício Marinho, chefe do departamento de contratação dos correios, na época, é flagrado recebendo propina em nome do ex-deputado federal, Roberto Jefferson, que era filiado ao Partido Trabalhista Brasileiro-PTB. Após a divulgação da gravação, Marinho fez uma delação premiada com detalhes sobre o esquema que não envolvia somente os Correios e o PTB, mas os partidos PT e o Partido do Movimento Democrático Brasileiro-PMDB (DARIE, 2018).

³ A operação Lava Jato foi um conjunto de esquema de corrupção e lavagem de dinheiro investigado pela Polícia Federal, iniciado em 2014. Durante a operação, várias personalidades políticas foram presas, não só dos partidos de esquerda, mas a que rendeu inúmeras matérias em horário nobre da televisão brasileira foi o presidente Lula, condenado e preso de 2018-2019 por corrupção passiva e lavagem de dinheiro pelo caso tríplice do Guarujá. Em 2021, o Supremo Tribunal Federal anulou a condenação contra Lula por falta de provas, absolvendo-o. Nesse mesmo ano, é encerrada a operação (CNN BRASIL, 2021, [s. d]).

constituem por ela. Isso mostra que não são os eleitores de direita e esquerda que promovem a polarização política, mas a posição desses indivíduos que, assujeitados ideologicamente, se inscrevem em formações discursivas que se organizam à esteira do capital.

Conforme Charaudeau (2018), o político constrói para si uma dupla identidade discursiva, a primeira veicula-se no lugar de constituição de um pensamento sobre a sociedade, o espelhamento, a segunda diz respeito a prática. A junção das duas auxilia na construção da imagem que o legitima para ocupar a posição que deseja. Nesse caso, “é preciso que as figuras políticas saibam inspirar confiança, admiração, isto é, que saibam aderir à imagem ideal de chefe que se encontra no imaginário coletivo dos sentimentos e das emoções” (CHARAUDEAU, 2018, p. 79-81). Com efeito, as estratégias políticas utilizadas para atrair a simpatia do público se debruçam na construção da identidade social, sendo feitas pelo alinhamento da opinião pública e, também, com a de seus oponentes políticos. Pode-se verificar tal movimento na política brasileira. Um caso exemplar foi a transição do deputado de extrema direita, Jair Messias Bolsonaro, para presidente do Brasil em 2018. O ex-presidente se tornou conhecido na mídia pelas suas declarações polêmicas, anticorrupção e ataque direto ao PT. Com discurso inflamado contra a descriminalização do aborto, sucessivas declarações homofóbicas, racistas, pró-ditadura e armamento, ganha adesão da população, em especial, a ala religiosa e conservadora, tornando-se candidato na corrida eleitoral de 2018. Revestido pelo slogan patriota e religioso ‘Deus acima de tudo e Brasil acima de todos’, Bolsonaro venceu as eleições desse ano. Nesse processo de ascensão da extrema direita no Brasil, a corrida eleitoral é marcada por uma avalanche de informação sobre os diversos candidatos, dispersa nas mídias sociais.

O que chama atenção, inicialmente, é a quantidade de materialidades sendo reportadas como gênero notícia falsa. Isso não é uma novidade na política, dado que essa esfera social sempre foi caracterizada pela presença de materialidades denominadas como notícias falsas (FEITOSA, 2017). Pode-se notar algumas similaridades na história⁴ como as pasquinadas⁵, o

⁴ A terminologia História, utilizada nesta pesquisa, refere-se à noção de Nova história que teve seus primeiros filamentos pela Escola de Annales, na França, na metade do século XX. Michel Foucault é um dos autores que faz críticas a concepção positivista da história tradicional, a qual é organizada como continuidade, partindo de um modelo de narrativa que é observada de forma sequencial. Foucault (2015) observa o processo enunciativo pelas rupturas, as dispersões e as descontinuidades

⁵ As pasquinadas refere-se a um caso do jornalista do século XVI, Pietro Arentino (1492-1556) que escrevia sonetos de difamação para publicar nas batalhas políticas. Esses escritos eram fixados na estátua de um personagem conhecido como Pasquino, localizada perto da Piazza Navona, em Roma, assim ficaram conhecidos como ‘pasquinadas’ (DARNTON, 1995; 2017).

Homem-parágrafo⁶ (DARNTON, 1995; 2017), a crise das cartas⁷ (WESTIN, 2022) e O santo menino da guarda⁸ (ALTARES, 2018). Todos esses casos, em sua formulação, produzem um recorte de sentido por meio da dicotomia verdade (dito) e falso (não dito) que traz significados aos enunciados; as pasquinadas e a crise das cartas por compreenderem um teor de verdade manipulada podem se encaixar na definição de ‘difamação’; os relatos dos homens-parágrafos, por boatos. Já a morte do ‘O santo menino da guarda’, por se tratar de um crime sem nenhum tipo de prova, insere-se no teor da suposição. Assim, o falso e a mentira concretizam-se sob títulos diversos opostos entre si por seu valor (SAUSSURE, 2012), o seu significado em um momento específico, sempre dado em oposição a outros. Esse movimento está imbricado também nas notícias falsas da atualidade, sua principal distinção é o modo como elas são reportadas, as condições de produção em que elas emergem.

Diante disso, emergem os questionamentos: o que caracteriza essas materialidades como falsas? O que as distinguem de outros gêneros associados ao eixo paradigmático de verdade e mentira? O que permite que essas notícias surjam nesse momento da sociedade? A hipótese levantada é que as fake news⁹ contemporâneas são atualizações de outros gêneros associados a mentira na história, produzidas e disseminadas a partir da sociedade hipermediatizada e relativista. Visando responder as questões norteadoras que levam a confirmação ou não da hipótese, o objetivo geral a que esta pesquisa se dispõe é: Compreender a constituição e funcionamento discursivo das fake news disseminadas durante o pleito eleitoral brasileiro de 2018. Para atingir o objetivo geral, formularam-se os seguintes objetivos específicos que serão trabalhados ao longo dos quatro capítulos: i) examinar o conceito de notícia falsa ao longo da história, ii) expor as condições de produção das fake news contemporâneas e propor um gesto

⁶ O Homem-parágrafo era o nome das pessoas que recolhiam fragmentos de notícias duvidosas e as vendiam para editores que construía, a partir desses materiais, reportagens, em sua maioria, de caráter difamatório e as publicavam. Tal fato ocorreu em Londres em 1770 (DARNTON, 1995; 2017).

⁷ A crise das cartas trata-se de um caso discursivizado como notícia falsa ocorrido no Brasil, em 1922, envolvendo Arthur Bernardes, candidato à presidência da república na época. Publicada no jornal Correio da Manhã, as cartas imitavam a caligrafia do presidente. Nelas, haviam conteúdos ofensivos direcionados aos seus adversários políticos. O resultado das eleições favorável a Arthur desencadeou, posteriormente, uma ruptura política que culminou em alguns movimentos, como o Tenentismo e a revolução de 1930 (WESTIN, 2022).

⁸ Santo Menino da Guarda ocorrido em 1490 em Toledo, na Espanha, concerne num boato de que judeus teriam assassinado um menino, cujo corpo nunca foi encontrado. Na época, judeus confessaram o crime sob tortura e muitos queimados para justificar que tais atos eram intoleráveis perante a igreja (ALTARES, 2018).

⁹ A terminologia em inglês “fake news” disseminada no Brasil a partir das eleições presidenciais brasileiras de 2018 possui um desmembramento discursivo distinto da terminologia notícias falsas em português. As duas maneiras serão utilizadas nesta pesquisa, sendo a primeira para marcar as condições de tempos atuais e seus efeitos de sentido e a segunda, escrita em português, será utilizada para demarcar as que foram disseminadas na história antes da ruptura ocorrida em 2018. A justificativa para esse delineamento será discutida no primeiro capítulo, mais especificamente, na segunda seção.

de leitura sobre o gênero notícia falsa, iii) verificar de que forma o relativismo¹⁰ contribui para o esvaziamento de sentido da notícia jornalística, e, iv) identificar como é feito o processo de circulação de fake news.

As fake news disseminadas durante o pleito eleitoral brasileiro foram aqui tomadas como campo de referência para construção do *corpus* analítico extraídas dos conteúdos retirados das agências de checagem de conteúdo. Este estudo se justifica pelo fato de as fake news colocarem em circulação discursos em funcionamento na sociedade, que podem assumir lugares de construção e desconstrução dos sujeitos contemporâneos. Além disso, elas podem ser pensadas como acontecimento¹¹ discursivo (PÊCHEUX, 2015a), fato que evidencia sua característica enquanto objeto discursivo. Conforme Pêcheux (2015a), o acontecimento discursivo é o ponto de encontro entre a memória e sua atualização. Enquanto acontecimento discursivo, tais notícias se relacionam a enunciados¹² já ditos em uma condição de produção específica e que, ao retomar na atualidade e derivar de sentidos, produzem uma série de enunciados heterogêneos. Com isso, abre-se espaço para o funcionamento de outros acontecimentos discursivos, como o Projeto de Lei 2630/20¹³ (VIEIRA, 2023), que está sendo discutido enquanto este estudo é gestado, para averiguar de modo que as notícias falsas contribuem para a formação de outros discursos. Há outro aspecto importante que permeia a justificativa deste estudo, relacionado ao reconhecimento das notícias falsas pela população. Segundo uma pesquisa realizada pela empresa cibersegurança Kaspersky, em campanha intitulada ‘Iceberg Digital’, “70% dos latino-americanos não sabem identificar ou não têm certeza se conseguem diferenciar se uma notícia na *internet* é falsa ou verdadeira” (DA REDAÇÃO, 2020, [s. d] aspas do autor).

O estudo das Kaspersky, que se debruçou sobre a análise da situação da segurança dos internautas dos países da América Latina (Argentina, Brasil, Chile, Colômbia e Peru), concluiu

¹⁰ Em linhas gerais, o relativismo é um um gesto de interpretação e argumentação utilizado pelas epstemas para entender a realidade e o conhecimento. Advém desde a época pré-socrática, porém, a partir da transformação da sociedade de um estágio para outro; paradigma positivista para o paradigma emergente), tal visão interpretativista torna-se fulcral no desenvolvimento do saber científico. Essas questões serão mais incorporadas no segundo capítulo, bem como a relação do relativismo com a teoria que fundamenta esta pesquisa, a Análise do Discurso.

¹¹ A noção de acontecimento discursivo, que será utilizada como categoria analítica nos objetos, faz parte do ferramental teórico de Michel Pêcheux, todavia, esse conceito é formulado na terceira fase da vertente da AD materialista, influenciada pela fase arqueogenealógica de Foucault. Dito isso, cabe ressaltar que a noção de acontecimento também é proposta por Foucault, as distinções sobre elas serão apresentadas no terceiro capítulo.

¹² O termo ‘enunciado’ não diz respeito a categoria analítica proposta por Foucault que observa o enunciado ligado a noção de funcionamento, focando não mais nas estruturas materialistas da língua como faz, em boa medida Pêcheux, mas sobre o que se faz com a língua, a função que os objetos ocupam. Nesta pesquisa, os termos seqüências discursivas e enunciados são tomados como sinônimos, cuja função é organizar os elementos linguísticos a serem analisados retirados das materialidades.

¹³ O Projeto de Lei 2630/20 que institui a Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet (VIEIRA, 2023).

que 62% dos brasileiros não sabem reconhecer uma notícia falsa, mas a grande maioria conhece a expressão. Isso ocorre porque a constituição das notícias falsas atuais, no Brasil, está ligada também às relações históricas do modo de formação da sociedade brasileira, por isso, o conhecimento do termo no Brasil é maior que a capacidade de reconhecimento do gênero. Essas questões são partes estruturantes da investigação que aqui se segue e serão expostas nos capítulos com maior profundidade. Desse modo, o trabalho contribui para: i) a ampliação do entendimento sobre as fake news, fornecendo subsídio para a sociedade poder se utilizar desse conhecimento; ii) a expansão do conhecimento científico e acadêmico, principalmente, na área da Análise do Discurso, ao fornecer a abertura necessária para se pensar o funcionamento desses objetos, as condições de produção e circulação e de que forma se estabelecem discursivamente na sociedade contemporânea, produzindo, assim, um recorte histórico social.

O acontecimento fake news provoca transformações no processo eleitoral brasileiro, em 2018, e, em vista disso, torna-se necessário investigá-lo pela teoria do discurso que se estabelece pelo quadro epistemológico da Análise do Discurso, derivada dos trabalhos de Michel Pêcheux (2014a; 2014b; 2015a; 2015b). Esse quadro teórico concebe o discurso articulado ao materialismo histórico, da linguística “atravessado por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica)” (PÊCHEUX, 2014b), (MALDIDIER, 2011), como um lugar que estabelece a relação da língua com a história. O batimento entre descrição e interpretação, (PÊCHEUX, 2014a), (GREGOLIN, 2004), permite que se verifique o contexto de constituição discursiva das fake news de 2018, considerando as condições sócio-históricas. Tal teoria oferece as bases necessárias para examinar as condições de produção que propiciam a emergência do acontecimento fake News e a entrada dessas em circulação pela ruptura¹⁴ da internet, produzindo discursos.

Cabe salientar que esta pesquisa tem abordagem qualitativa de cunho interpretativista. O *corpus* é constituído por 7 materialidades que se configuravam como notícias falsas disseminadas durante o pleito eleitoral de 2018, veiculadas pelas agências de checagem de conteúdo Fato ou *fake* (2018), Aos fatos (2018), Lupa (2018, 2019), E-farsas (2018). Optou-se por essas agências, pois oferecem importante instrumento de checagem de conteúdo, pela maneira com que efetuam o processo de checagem, veiculando-se as outras parcerias, inclusive internacionais, além de dispor de assistência técnica e tecnológica especializada para época.

¹⁴ A noção de ruptura é delineada na arqueologia do saber de Foucault (2015). Nela, o autor trata da construção de saberes, observando as fissuras discursivas no processo enunciativo pela descontinuidade. Já em Pêcheux (2014a), a ruptura pode ser observada pelos efeitos metafóricos constituintes do processo de significação que são manifestados por meio do acontecimento discursivo, pelo choque da memória com a atualidade. Nesta pesquisa, o uso da terminologia compreende a internet como uma ruptura no processo de disseminação e circulação das notícias falsas, mas observa a continuidade do eixo paradigmático de mentira e verdade tanto nas notícias falsas da história, como as contemporâneas.

Nelas, há uma equipe jornalística que analisou, checkou todo o material, oferecendo melhor seguridade no tratamento do objeto. Contudo, cabe enfatizar que, no segundo turno das eleições, as agências firmaram uma parceria com o Tribunal Superior eleitoral, com fins de evitar o conjunto expressivo de fake news, dentre as agências escolhidas as que constituem o corpus desta pesquisa estavam na lista (TSE, 2018). Mais detalhes sobre cada agência serão expostos na medida em que forem apresentados os objetos analíticos.

Para selecionar as fake news que constituem o *corpus*, foram adotados os seguintes critérios: i) escolha pelas agências de checagem de notícias falsas, ii) acesso ao acervo digital e iii) seleção dos conteúdos publicados sobre as fake news durante o período eleitoral, para construção do arquivo. No primeiro recorte do *corpus*, a partir das agências de checagem de conteúdo, foi encontrado um total de 189 materialidades disseminadas durante o pleito eleitoral com maior número de engajamento midiático. Posteriormente, ao separar as materialidades pelos 3 eixos (religião, gênero, urnas eletrônicas) mais discursivizadas durante as eleições, verificou-se que nem todas as materialidades eram notícias. Desse modo, foi necessário fazer outro recorte, classificando-as por gênero. Das materialidades classificadas, selecionou-se: uma notícia falsa¹⁵, uma montagem, um conteúdo sensacionalista e uma fake news (primeiro capítulo); três manchetes jornalísticas falsas sobre as urnas eletrônicas (segundo capítulo); uma entrevista reprisada no Jornal Nacional concedida ao candidato à presidência do Brasil, Jair Messias Bolsonaro (terceiro capítulo).

A pesquisa está organizada em quatro capítulos: no primeiro capítulo, “as condições de produção do fenômeno *fake news*”, é traçado um panorama entre o advento da *internet* e as mídias digitais no intuito de investigar de que forma elas possibilitam o acontecimento *fake news*. Ainda nesse capítulo, realiza-se a leitura das notícias falsas hoje (fake news), o que propriamente se categoriza como notícia falsa que foi disseminada nas eleições brasileiras de 2018, a partir da análise dos objetos selecionados para essa seção.

Já no segundo capítulo, “Fake news e o relativismo”, as discussões acerca da concepção relativista tomada na atualidade são levantadas. Para isso, recorre-se às contribuições advindas da filosofia e antropologia sobre o relativismo, de que forma ele se apresenta na sociedade atual e sua relação com as fake news. Nessa perspectiva, os atributos da pós-modernidade pensados pela ótica da relativização, gestados numa sociedade hipermediática contribuem para a

¹⁵ As nomenclaturas utilizadas para apontar os objetos a serem analisados no primeiro capítulo fazem parte da discussão levantada de que nem todas as materialidades discursivizadas socialmente como *fake news* são de fato *fake news*. Será feita uma exposição mais detalhada no primeiro capítulo desta pesquisa, mais precisamente, na segunda seção.

saturação das informações de modo que “todas as ‘verdades’ passam a ser consideradas e questionadas pelos indivíduos de que tudo é válido e passível de ser considerado” (LISBOA; SOARES, 2022, p. 80). O modo como são produzidos os conteúdos no digital ressignifica a noção de informação relativizando-a, com isso, possibilitando que diversas materialidades sejam discursivizadas como notícias.

No terceiro capítulo, “circulação e disseminação de *fake news*”, serão expostos os mecanismos de circulação e disseminação das notícias falsas, o uso massivo de tecnologias que possibilita a automatização e veiculação das informações, potencializando a disseminação das materialidades subscritas como *fake news* em um curto espaço de tempo. A posição do sujeito que repassa uma mensagem produz efeito de verdade sobre tal conteúdo, isso porque a circularidade dessas materialidades discursivas “vai sendo subjetivado à medida em que é repassado por determinados sujeitos inscritos no jogo das formações imaginárias” (MARIANI, 2018, p. 6). Para análise do objeto discursivo, realiza-se uma reconfiguração histórica de elementos que contribuem para o surgimento do discurso em questão – o programa de combate à violência e a discriminação contra a comunidade LGBTQIAP+, lançado pelo Governo Federal em 2004, que depois foi discursivizado como ‘kit gay’. Posto isso, a partir das contribuições da AD, identifica-se o processo de disseminação e circulação das *fake news*, a partir da noção de formação imaginária (PÊCHEUX, 2014a) e sujeitos do sucesso (SOARES, 2017, 2020a, 2022).

Adiantando um pouco as questões que ainda serão tecidas, as chamadas notícias falsas, desde outrora, possuem características similares com as atuais. Seu ponto de partida é um dado histórico, sobretudo, polêmico na sociedade que, ao ser gestado, costura outras narrativas e, para tomar proporções maiores de visualização e engajamento, recorre a outras modalidades, tais como postagens sensacionalistas, recortes de vídeos incorporados com a mesma temática. Elas sofrem uma ruptura pelos avanços tecnológicos, se atualizam pelo fenômeno *fake news* e popularizam-se no cenário político, no que se refere ao Brasil, nas eleições presidenciais de 2018, a produzir uma reconfiguração da política brasileira e também no tratamento da verdade. Esses liames que ancoram o termo são apenas uma ponta do *iceberg*. O processo de construção dos fatos, a partir de verdades e mentiras, culmina na atualidade, em diversas possibilidades, como o fenômeno das *fake news*, que exige, pelo exposto, uma ampla investigação para que se possa delimitar no que exatamente consiste, bem como suas matrizes de interpretação.

Esse fenômeno é regido por um conjunto técnico, científico da era tecnológica. Com o surgimento das redes sociais, a relação entre o mundo físico e o digital sofre transformações, as plataformas virtuais e as redes sociais são criadas e, ao serem introduzidas no seio social, produzem mudanças na forma de os indivíduos se organizarem. O acesso às mídias digitais,

promovido pela era da informação (CASTELL, 1999), estabelece uma revolução na forma de os sujeitos se constituírem em sociedade. “Cada novo aparato eletrônico criado pelo homem produz mudanças sociais, econômicas e culturais profundas na sociedade, delimitando, com propriedade, sistemas de troca simbólica, impressa, audiovisual ou digital” (MARSHAL, 2014). Esse sistema fragmenta e dilui a relação dos indivíduos com o mundo, afetando o modo de leitura e o conhecimento mais aprofundado sobre os conteúdos compartilhados: “poderíamos dizer que o digital se tornou o grande sistema lógico portátil no qual todos os outros se convertem em sistemas menores, divisíveis e aparentemente independentes” (DIAS, 2018, p. 59-61).

Assim, o desenvolvimento tecnológico cria um novo mundo e abre um espaço para criação de inúmeras possibilidades de contar histórias de outras histórias pela sua visão individualizada, como a produção e circulação de fake news. Pensar as chamadas fake news da atualidade requer entender as condições de produção que possibilitam sua emergência, seus mecanismos de circulação que se dão pelos recursos tecnológicos avançados e acessíveis para quaisquer informações poderem ser produzidas, vinculadas, recebidas e compartilhadas em questões de segundos. Parte desse processo será feita agora, no próximo capítulo, em que serão tratadas as questões relativas às condições de produção das fake news.

2 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO FENÔMENO *FAKE NEWS*

No escopo da Análise do Discurso (AD), o discurso, como objeto de análise, não é propriamente a língua ou a fala, mas um intermédio constituinte de elementos linguísticos – visto que a língua é a base material dos sentidos (PÊCHEUX, 2014a) – a serem considerados através dos aspectos sócio-históricos e ideológicos provenientes da exterioridade da língua. De acordo com Pêcheux (2014a), toda produção social é atravessada por condições de produção específicas, que podem ser, estrito senso, o contexto imediato de produção e o sócio-histórico. São as condições de produção do discurso que permitem a apreensão dos sentidos, uma vez que interferem neles diretamente. Os sentidos não são fixos, eles sofrem mutações a partir de uma dada conjuntura sócio-histórica que determina as posições ideológicas que ocupam o sujeito¹⁶ do discurso, afetado pela língua a partir de uma dada condição de produção que “implica o que é material (a língua sujeito ao equívoco e a historicidade), o que é institucional (formação social e sua ordem) e o mecanismo imaginário” (ORLANDI, 2015, p. 38). Esse processo é parte constituinte da formação dos indivíduos e, pela ótica da AD, as transformações sociais não ocorrem, embora se apresentem, linearmente, no discurso.

Soares (2018) afirma que “a ideologia não existe *per se*, mas, isto sim, materializada no nível global das relações sociais, em específico, pelo constrangimento colmatado pelas condições de produção aos sujeitos, na formação social” (SOARES, 2018, p. 10). Assim, a verificação das condições de produção permite que se determinem as posições ideológicas que os sujeitos assumem no processo discursivo. Por isso, a internet e as mídias digitais não surgem tão somente pela necessidade de impulsionar os meios de comunicação, elas são acontecimentos histórico e discursivo, que emergem em um contexto imediato de instabilidade econômica mundial e a globalização. Três processos que culminaram para os avanços na era da sociedade informacional: i) as exigências da economia pela flexibilização e maior globalização, ii) a demanda da sociedade por uma liberdade de expressão individual e, iii) os avanços na área da computação e telecomunicação possibilitados pela revolução microeletrônica (CASTELLS, 1999, p. 80). Esses processos, segundo ele, foram fundamentais para desenhar uma nova estrutura social sustentada em redes.

¹⁶ A noção de sujeito tratada nesta pesquisa está ancorada ao campo de saber da Análise do Discurso, que não se refere ao sujeito empírico, mas ao sujeito do discurso, interpelado pela ideologia no processo de produção discursiva (PÊCHEUX, 2014a).

Com seu advento e posteriores incorporações tecnológicas¹⁷, provocam transformações nos mais diversos campos sociais, além de fornecer uma interlocução histórico-social e ideológica, produzindo novos sentidos e práticas discursivas. Assim, o ciberespaço¹⁸ revoluciona os modos de vida da sociedade, agora conectada, com as diversas formas de comunicação por meio das tecnologias digitais. Com crescimento exponencial de conteúdos e plataformas digitais, abre-se uma disputa entre produção e veiculação de conteúdo, nessa direção, há uma saturação de informações sendo produzidas e veiculadas nas redes. Todo esse processo estrutura a era da desinformação¹⁹ que se vivencia hoje. Contudo, cabe pontuar que, “a internet e o crescimento das mídias sociais não inventaram o fenômeno da desinformação, mas criaram um ambiente propício para que houvesse uma difusão em massa de notícias falsas, em velocidade nunca vista na história da humanidade” (ALVES; MACIEL, 2020, p. 149). Dessa maneira, é nesse cenário que é gestado o fenômeno fake news. Embora pareçam simples, sua definição e funcionamento requerem um pouco mais de atenção: é preciso verificar como se dá a leitura das fake news, enquanto discurso, ou seja, como são lidas a partir de sua veiculação nas redes. Por isso, na próxima seção, será apresentado um gesto de leitura sobre as fake news, a partir de uma perspectiva discursiva.

2.1 Fato ou *fake*? Ler as fake news hoje

A terminologia fake news ganhou notoriedade a partir das eleições norte-americanas de 2016, quando Donald Trump recorre à expressão “como forma de se opor às notícias veiculadas pela mídia tradicional que poderiam prejudicá-lo na campanha” (QUESSADA, 2022, p. 27). No Brasil, as fake news com esse formato tecnológico avançado têm ascensão no pleito eleitoral brasileiro de 2018, e sua forma de disseminação segue os mesmos parâmetros das eleições norte-americanas, em 2016. Elas têm sido utilizadas por políticos e diversos outros, no caso da política tem finalidade de “rejeitar coberturas jornalísticas das quais discordam e tem sido usado como arma para atacar e enfraquecer a mídia de notícias independente” (LEMOS, 2022, p. 180-

¹⁷ A evolução da internet se baseia a partir de quatro fases; a primeira denominada como Web 1.0, utilizavam-na para exibição de conteúdos estáticos. Nela, os usuários só podiam apenas acessar os conteúdos; a segunda, Web 2.0, já haviam um certo tipo de participação dos usuários, sobretudo, em comentários em páginas de blogs; a terceira, a Web 3.0, o uso da inteligência de dados; e a quarta, Web 4.0, para além da produção em massa de conteúdos, a proposta é de uma integração entre o mundo físico e o virtual, da qual estamos a caminho (BALDISSERA, 2023, s. d).

¹⁸ O ciberespaço é um espaço aberto de conexão de computadores e armazenamento de informações no universo das redes digitais como um “lugar de encontros e de aventuras, terreno de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural” (LÉVY, 1999, p. 104).

¹⁹ A definição do conceito será feita na seção seguinte.

181). Nessa esteira, os políticos, ao mesmo tempo em que criticam a mídia, utilizam-se dela para propagar a sua visão política. Segundo a autora, os políticos, ancorados a um certo tipo de mídia, defendem seus posicionamentos e essa “mídia rejeita a separação entre notícia e opinião e alinha sua cobertura política para oferecer uma cobertura favorável para políticos que confirmam seu posicionamento, bem como para atacar seus oponentes” (LEMOS, 2022, p. 186). Isso exemplifica que, embora a mídia se apresente com fins de neutralidade, ela não é neutra, pelo contrário, promove e embasa relações de poder e de influência que “através do entretenimento e da informação, manipula uma parcela expressiva dos efeitos de sentidos circulantes na sociedade” (SOARES, 2019, p. 35).

Todavia, dentro dessa conjuntura tecnológica que cerceiou um novo modo de disseminação de conteúdos falsos, o uso do termo em língua portuguesa sofre um efeito de apagamento. Isso ocorre por dois fatores; o primeiro diz respeito ao seu valor estar alinhado aos vestígios do Brasil-colônia que reside até os dias atuais, os quais pontuaremos mais adiante. O segundo diz respeito a política brasileira estar alinhada ao modo neoliberal norteamericano. Isso faz com que a carga semântica da estrutura lexical em inglês tenha mais força de especularização. Assim, a posição de poder dos Estados Unidos no cenário mundial populariza o uso da expressão no Brasil. Nesse interim, definir os significados das terminologias “fake news” e “notícias falsas” como iguais é produzir um efeito de opacidade sobre os liames que configuraram o conjunto tecnológico e discursivo das eleições presidenciais de 2018. Pois, o fenômeno das fake news constitui não só uma ruptura no capítulo nas eleições, mas, engendra acontecimentos discursivos em outras esferas da sociedade brasileira. Com efeito, faz-se necessário destrinchá-lo, identificando as condições de produção que determinam sua existência. É o que será feito, na sequência.

Para Alves e Maciel (2020), as fake news se referem a uma narrativa específica; mais do que manipular, envolvem embates ideológicos, já que seu motor fundador não está no “desejo de negar a verdade, mas sim na vontade de vencer a disputa a qualquer preço, mesmo que para isso seja preciso falsear a realidade” (ALVES; MACIEL, 2020, p. 153). Nesse contexto, não é um fator de preponderância acreditar na veracidade da informação compartilhada ou se o portador que envia é confiável, “a única coisa que importa é se a notícia favorece sua posição em um contexto polarizado” (ALVES; MACIEL, 2020, p. 153). O que se convencionou chamar de fake news são um tipo específico de informação distorcida que “simula uma notícia – ou novidade – para narrar fatos políticos e assim conquistar maior visibilidade no trânsito entre plataformas de mídias sociais” (GALVÃO, 2020, p. 4). Seu potencial para enganar advém da dicotomia verdadeiro e falso, da qual tais narrativas partem.

Em termos gerais, elas “são conteúdos que fornecem informações falsas ou enganosas que se parecem com um fato jornalístico e espalham principalmente através das mídias sociais” (HIMMA-KADAKAS, 2017 *apud* MELO-PFEIFER; GERTZ, 2022, p. 339, tradução livre)²⁰. Elas se apresentam em diferentes espaços, temáticas e formas, baseiam-se “na ignorância ou desconhecimento sobre acontecimentos reais” (GALVÃO, 2020, p. 40) e, ao disputar os espaços, provocam uma ruptura de sentidos a serem compreendidas dentro de uma estrutura ampla de materialidades passíveis de causar deturpação da realidade. De acordo com Lemos (2022), as fake news estão camufladas sob um véu de legitimidade que funciona em diferentes espaços. A autora pontua haver um jogo de interesse econômico, por parte da mídia, que se alimenta desses tipos de conteúdo.

Galvão (2020) chama a atenção para os elementos que constituem as fake news, apresenta-se com uma ‘notícia’, as peças que as formam na sua grande maioria são “ideias e valores já compartilhados em nichos específicos” (GALVÃO, 2020, p. 55). Esses elementos, bem computados, tornam-se relevantes para que o conteúdo seja passível de ser tornar verdade, uma vez que as fake news não são apenas fabricadas “são montadas estrategicamente, ou premeditadamente, para dar a impressão de que possuem verossimilhança” (GALVÃO, 2020, p. 54). Sobre os aspectos linguísticos, a autora mostra que, na expressão fake news, o substantivo fake torna-se mais importante, pois engloba toda gradação de sentidos do termo, e o gênero notícia pouco importa. Genesini (2018) argumenta sobre a dificuldade de estabelecer a veracidade total das informações contidas nas materialidades intituladas como fake News. Para ele, os conteúdos disseminados estabelecem uma linha tênue entre a verdade e a mentira:

Muitos enunciados têm contexto, têm timing, têm subtextos, usam números e estatísticas como argumento para sustentar um ponto de vista. Em alguns casos é possível ser exato. Em muitos outros, o trabalho de checagem é muito mais de análise e agregação de informações que um veredito final (GENESINI, 2018, p. 53).

O autor pontua que as notícias falsas possuem elementos característicos do gênero notícia, isso faz com que o processo de checagem seja mais complexo. A jornalista ucraniana, Olga Yurkova, durante uma palestra no *Ted Talk* em 2018, afirma que a problemática das notícias falsas é a incerteza que paira sobre elas, há uma dificuldade inerente sobre a confiabilidade de tais informações e, por isso, muitas pessoas são induzidas a pararem de acreditar²¹ (YURKOVA, 2018, *apud* TED, 2018). Segundo a jornalista, “as fake news não são

²⁰ No original: “‘Fake news’ is content that provides false or misleading information that impersonates or looks like a journalistic fact, mainly spreading through social media” (HIMMA-KADAKAS, 2017, *apud* MELO-PFEIFER; GERTZ, 2022, p. 339).

²¹ No original: “Fake news is not only bad for journalism. It’s threat for democracy and society” (YURKOVA, 2018, *apud* TED TALK, 2018).

apenas sobre jornalismo ruim. Elas são uma ameaça à democracia e a sociedade” (YURKOVA, 2018 *apud* TED, 2018, tradução livre). Conteúdos tendenciosos atrelados à falta de contexto são agentes fundamentais para difusão e validação das informações falsas.

Além de possuírem, em sua construção, a narrativa jornalística, as fake news possuem a força das crenças pessoais frente aos fatos: “a propagação de informações falsas é baseada em crenças que não são formadas no momento, mas na troca de experiências formativas realizadas por meio da socialização”²² (MELO-PFEIFER; GERTZ, 2022, p. 339, tradução livre), as crenças enredadas a valores humanos, religiosos e conservadores e fazem parte da construção da maquinaria de notícias falsas. Todavia, essas crenças que os autores citam são parte constituinte das formações discursivas – redes de dizeres, determinadas pela ideologia de uma dada formação social. São construções discursivas com seus efeitos de caráter ideológico, uma vez que seus “mecanismos enunciativos não são unívocos nem autoevidentes” (ORLANDI, 2006, p. 54).

De acordo com Wardle e Derakhshin (2017), há uma complexidade relacionada com as notícias falsas e, por isso, elas não devem ser tratadas literalmente, pois a depender da modalidade, o teor de desinformação se acentua e, respectivamente, os efeitos produzidos pela sua disseminação nas redes. Nessa perspectiva, os autores fornecem uma abordagem ao uso da terminologia fake news, recomendando a adoção do termo ‘desinformação’, devido à complexidade da forma com que as notícias são criadas. Assim sendo, os autores estabelecem três tipos distintos de nuances: “a) *Mis-information* consiste na difusão de informação falsa para prejudicar pessoas, grupo social, organização ou país; b) a *des-information* seria as informações falsas, mas que não foram fabricadas para gerar danos e a c), *mal-information*, as informações baseadas na realidade, utilizadas para causar danos para uma pessoa, organização ou país” (WARDLE; DERAKHSHIN, 2017, p. 20, tradução livre)²³.

Para Galvão (2020), as fake news não devem ser tratadas como sinônimo de desinformação, pois caso isso ocorra, há possibilidade de generalizar de tal modo, dificultando no seu tratamento, com isso torna o processo de identificação mais problemático. Conforme Ripoll, Ohlson, Romanini (2022), a terminologia ‘desinformação’, no âmbito de manifestação comunicativa, pode ser entendida como um “fenômeno produtor de significados e sentidos que

²² No original: “The spread of false information is based on beliefs that are not quickly formed, but rather a collection of formative experiences through socialization” (MELO-PFEIFER; GERTZ, p. 339).

²³ No original: “a) *Dis-information*. Information that is false and deliberately created to harm a person, social group, organization or country; b) *Mis-information*. Information that is false, but not created with the intention of causing harm; c) *Mal-information*. Information that is based on reality, used to inflict harm on a person, organization or country” (WARDLE; DERAKHSHIN, 2017, p. 20).

opera no interior das linguagens” (RIPOLL; OHLSON; ROMANINI, 2022, p. 62). Seguindo os apontamentos dos autores, num contexto contemporâneo, a estrutura lexical da terminologia desinformação “se apresenta articulada em diversas manifestações da comunicação, sendo que as mais conhecidas popularmente são fake news, pós-verdade e *deepfake*, definidos, grosso modo, como: notícias falsas, discursos enviesados e vídeos manipulados” (RIPOLL; OHLSON; ROMANINI, 2022, p. 63).

Com efeito, verifica-se que o eixo paradigmático da desinformação possui demasiadas significações, característica do seu processo de reformulação que se dá, principalmente, pelo avanço exponencial da internet. Fazendo um gesto analítico, há duas compreensões importantes. A primeira, é que há uma estrutura na qual a sociedade midiática está inserida, que se denomina como era da desinformação. Nela, comportam-se movimentos discursivos como os das notícias falsas. Conforme está sendo interpretado no decorrer deste trabalho, a era da desinformação como as notícias falsas não são novas, são atualizações discursivas de processos anteriores que retomam dentro de uma condição de produção específica; a sociedade hepermediatizada em que se tem uma saturação de informações veiculadas em um curto espaço de tempo. Dentre as modalidades que alimentam esse berço gestacional da desinformação estão as notícias falsas contemporâneas.

A segunda compreensão é que, no caso de as fake news poderem ser definidas como desinformação, tal pode ser explicado pelo fato de que o eixo paradigmático da terminologia fake news abarca dentre outras significações a de desinformação. Utilizando os pressupostos de Maingueneau (2015), a tipologia fake news é encenada no espaço específico chamado era da desinformação, numa condição de produção de uso tecnológico avançado, esse é o lugar em que o gênero notícia falsa materializa-se. Desse modo, definí-la como desinformação não está incorreto, mas do ponto de vista discursivo produz efeito de sentido de silenciamento de toda conjuntura da era da desinformação, resumindo-a apenas pelas notícias falsas.

Girão, Irigaray e Stocker (2023) classificam as fake news em torno de duas dimensões comunicacionais. A primeira é pelo gênero, “situações em que há a busca de desinformação com base na criação” (GIRÃO; IRIGARAY; STOCKER, 2023, p. 3); a segunda diz respeito à divulgação de notícias pseudojornalísticas, que eles assinalam como intencional, “quando o objetivo é deslegitimar, minar ou desacreditar a mídia tradicional” (GIRÃO; IRIGARAY; STOCKER, 2023, p. 3). Para os autores, aqueles que se alimentam desse certo tipo de conteúdo há uma necessidade de se autoafirmar em uma perspectiva privilegiada de um determinado grupo e, por essa afinidade, estabelecer uma “conexão emocional com um assunto ou personalidade específica” (GIRÃO; IRIGARAY; STOCKER, 2023, p. 4).

Adorno e Silveira (2017) mostram que os discursos engendrados pelos efeitos das fake news, além de trabalhar os sentidos antagônicos de verdade/mentira, real/ficção e atual/virtual, quando são confrontadas com uma leitura discursiva “permitem pensar o político no social tendo em vista o modo como o dizer das mídias sociais digitais parece produzir um embate (uma polêmica, uma disputa) com as mídias tradicionais, como a imprensa e a instituição televisiva” (ADORNO; SILVEIRA, 2017, p. 10). De acordo com Galo, Silveira e Pequeno (2019), as fake news não são designações de notícias falsas, mas fazem parte de “um processo de apagamento da velha distinção: verdadeiro/falso” (GALO; SILVEIRA; PEQUENO, 2019, p. 5). O que está em jogo são os efeitos de sentido da terminologia, as rupturas que elas desencadeiam do entendimento do que era notícia. Enquanto acontecimento, as rupturas discursivas desestabilizam as relações de sentidos entre notícia e fato, esvaziando seu sentido. Abrem-se, então, outras possibilidades de interpretação, de modo que explicar sobre a distinção entre verdadeiro e falso não é o suficiente, não se sustenta, pois o que seria hoje falso e verdadeiro depende da observação de condições de produção específicas. As fake news são um “lembrete de que são as materialidades que se costuram como condição de possibilidade dos discursos e que são as responsáveis por seus efeitos de sentido” (GALO; SILVEIRA; PEQUENO, 2019, p. 5).

No dicionário Cambridge (2023) online, a expressão fake news é definida como “histórias falsas que se parecem notícias, espalhadas na *internet* ou nas mídias, são geralmente criadas para influenciar opiniões públicas ou como piadas” (CAMBRIDGE, 2023, tradução livre)²⁴. Já no dicionário Oxford (2023), o sintagma é definido como “falsos relatos de eventos escritos e lidos em *sites*” (OXFORD, 2023, tradução livre)²⁵. Pelas definições, observa-se que, no dicionário Cambridge (2023), as notícias falsas possuem uma verossimilhança com o termo ‘notícias’, enquanto, no Oxford (2023), já são definidas como ‘falsos relatos’. Na perspectiva de gênero, o termo *news* reporta a uma notícia na esfera atual e o termo *fake*, um substantivo masculino que significa falso. Logo, as notícias falsas em sua definição estrutural não poderiam ser caracterizadas como relatos falsos, nem tampouco como histórias falsas, pois se encontram na esfera da informação – ou melhor, da desinformação. Entende-se que “a verdade ou a falsidade de um enunciado está ligada à diferença entre o sentido e a referência, o que nos leva à discussão sobre o enunciado e seu conteúdo informativo” (HENRIQUES, 2018, p. 122).

²⁴No original: “False stories that appear to be news, spread on the internet or using other media, usually created to influence political views or as a joke” (CAMBRIDGE, 2023).

²⁵No original: “False reports of events, written and read on websites” (OXFORD, 2023).

Em se falando de gênero, é preciso destacar que, para Charaudeau e Maingueneau (2004), a noção de gênero do discurso remonta desde a antiguidade, a tradição literária já fazia a classificação de produções escritas a partir de suas características estruturantes. Para os autores, no campo de saber Análise do Discurso há algumas distinções sobre o que é incorporado como gênero do discurso, estabelecendo-se a partir de quatro dimensões: a funcional, percebida “segundo o polo de comunicação em direção ao que elas são orientadas”; a enunciativa, que trata da “descrição do gênero considerando as características formais dos textos e reunindo as marcas mais recorrentes do texto”; a textual, que considera a “organização dos textos, regularidade composicional”; e a comunicacional, considerada a partir dos “tipos de discurso que aspiram um papel fundador” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 249). Segundo Maingueneau (2015), a lista de gênero tende a variar conforme os lugares, épocas e as coerções próprias de cada um, e devem ser analisadas tendo por objeto o discurso que nelas se materializam. Sendo assim, “o texto não é um conjunto de signos inertes, mas um rastro deixado pelo discurso em que a fala é encenada” (MAINGUENEAU, 2002, p. 84).

O gênero é, desse modo, construído no meio social, de modo a constituir, “de alguma maneira, átomos de atividade discursiva. Mas eles só adquirem sentido quando integrados a unidade de classe superior, os tipos dos discursos” (MAINGUENEAU, 2015, p. 66). A linguagem é o modo de representação do mundo ‘real’, e é por meio dela que a comunicação ocorre, o modo como ela se materializa deve-se também aos tipos de gêneros utilizados, que a partir de um contexto específico o discurso se manifesta por meio deles. As escolhas linguísticas que empregadas no comunicar estão carregadas de significados: “há relações de sentido entre o significado de um item lexical e o de outros itens lexicais. Mas não só: os itens sintáticos, os itens pragmáticos e discursivos também ajudam a construir os elos entre a linguagem e o mundo” (HENRIQUES, 2018, p. 124). Dito de outro modo, os liames que constituem a interação linguística humana, compreendidas no escopo da AD, são redes de dizeres que estão ancoradas as condições de produção específicas e a posicionamentos ideológicos que o sujeito do discurso assume no processo discursivo (PÊCHEUX (2014a, 2014b), conforme já foi aqui amplamente tratado.

Com base nas discussões acima realizadas, compreende-se que a matriz de sentido em que o termo fake news transita está para além de sua forma composicional e do conteúdo. Para compreender melhor tal questão, retorna-se, agora, às discussões de SAUSSURE (2012) e sua definição de ‘valor’:

A ideia de valor, assim determinada, nos mostra que é uma grande ilusão considerar um termo simplesmente com a união de certo som com um certo conceito. Defini-lo assim seria isolá-lo do sistema do qual faz parte; seria acreditar que é possível começar

os termos e construir o sistema fazendo a soma deles, quando, pelo contrário, cumpre partir da totalidade solidária para obter, por análise, os elementos que encerra (SAUSSURE, 2012, p. 160).

A explicação do valor atribuído às palavras é feita pelo linguista Ferdinand Saussure (2012) que, ao explicar o funcionamento da língua, desenvolve a teoria do valor, a partir de uma analogia ao jogo de xadrez: “uma partida de xadrez é como uma realização artificial daquilo que a língua nos apresenta sobre a forma natural” (SAUSSURE, 2012, p. 130). Voltando a interpretação para o objeto analítico em questão, não se trata tão somente do conteúdo e forma composicional, mas do seu valor que determina seu funcionamento social. Ora, “se as palavras estivessem encarregadas de representar os conceitos dados de antemão, cada uma delas teria, de uma língua para outra, correspondentes exatos para os sentidos” (SAUSSURE, 2012, p. 161). Estendendo mais um pouco o gesto interpretativo, o valor das fake news está ancorado a condições de produção específicas, em se tratando do seu uso no Brasil, uma sociedade constituída à base do processo de colonização exploratória e extrativista empreendida pelos portugueses, por isso, com influência eurocêntrica bastante relevante em todas as esferas da sociedade (RIBEIRO, 2002). Não obstante, esse processo intersecciona o que Mariani (2004) denomina como colonização linguística, isto é, um processo histórico de apagamento das línguas e cultura brasileira para uma construção de uma língua e cultura colonizada. Seguindo os apontamentos da autora, o português “é fruto de uma ideologia de legitimação nacional que se dá tanto em termos de uma política linguística interna à nação portuguesa quanto relativamente ao conjunto de outras línguas também gramatizadas, ensináveis e traduzíveis” (MARIANI, 2004, p. 28).

De acordo com Mariani (2004), a colonização linguística²⁶ provoca mudanças nos sistemas linguísticos do português e, com isso, rupturas nos processos semânticos, de modo que o português brasileiro carrega “uma memória europeia, mas historicizou-se de modo diferente em função do contato com as demais línguas e em função da própria formação histórico-social e posterior transformação política da colônia em nação independente” (MARIANI, 2004, p. 22). Assim, o valor da expressão fake news no Brasil está sob condições de produção que remontam os já ditos dos processos de colonização linguística e a desvalorização do léxico nacional. A posição social do país, na qual o termo emerge, e suas relações econômicas

²⁶ A terminologia ‘colonização linguística’ usada neste trabalho advém dos trabalhos de Betânia Mariani (2004) sobre língua, política e religião no Brasil nos séculos XVI à XVII. A autora examina como a concepção de língua nacional possui uma rede interdiscursiva lexical europeia que se apresenta não apenas no que se refere aos aspectos históricos da colonização, constituição de identidades nacional, mas na disputa política e econômica.

estruturantes aforizam a formação política econômica colonial, que se materializa na expressão ‘fake news’. Esse processo discursivo é parte constituinte da popularização do seu uso no Brasil, sendo marcado pela formação histórica brasileira colonial linguística, provocando rupturas nos processos semânticos da língua portuguesa. Há um fluxo contínuo de importação lexicológica europeia, enquanto isso, o arcabouço lexical nacional sofre rupturas discursivas e vai perdendo sua identidade nacional. Há, ainda, outras ponderações que carecem de ser observadas.

A gama de sentidos do termo fake news possui relações, ou melhor, é parte constituinte das notícias falsas na história. Das histórias ‘falsas’ que foram exemplificadas na introdução, todas elas possuem denominações distintas, mas em todas funcionava a verdade em oposição/gradação a mentira, e vice-versa, ou seja, “um termo só adquire seu valor porque se opõe ao que se procede ou ao que segue, ou a ambos” (SAUSSURE, 2012, p. 172). Enquanto tais notícias falsas se classificam em distintas denominações – boato, suposições, difamação –, as fake news também incorporam, em sua distinção, demasiados gêneros – vídeos, áudios, posts sensacionalistas, montagens, fato, dentre outros. Entretanto, mesmo abarcando denominações distintas, o valor permanece similar, de modo que não importa se o gênero modifica, a função de notícia continua a significar; todas as materialidades possuem a gradação de sentido similar e, por isso, desempenham uma única função social, a de que são notícias falsas. O termo apresenta, então, rupturas com relação aos outros, que permitem continuidades.

Assim, percebe-se uma repetibilidade, um mesmo movimento discursivo (relacionado ao valor) em acontecimentos diferentes que abarcam rupturas, a partir do ponto de vista cronológico-espacial e, portanto, social, histórico e ideológico (ou seja, a partir das condições de produção do discurso). A fim de se verificar como isso de fato opera no discurso, na próxima seção será feito um gesto interpretativo/analítico de três materialidades discursivizadas como fake news durante o pleito eleitoral brasileiro. Nelas, serão identificadas as condições de produção e os sentidos materializados, além de expor a conclusão analítica sobre a definição das notícias falsas da atualidade.

2.2 Discurso religioso nas eleições brasileiras de 2018

Empreendidas as discussões em torno da leitura das *fake news*, traçadas sobre um percurso discursivo, nesta seção, será feito um gesto interpretativo analítico de materialidades disseminadas durante o pleito eleitoral de 2018, para identificar o gênero que as compõem, bem como mostrar seus funcionamentos discursivos. Para tanto, foram recortadas sequências discursivas (SD) e, na descrição desses objetos, serão trazidos aspectos acerca do gênero que

ancora tais materialidades. É importante enfatizar que todas as materialidades estão subscritas socialmente como fake news, entretanto, faz-se importante mostrar as condições de produção que permeiam seus respectivos gêneros, pois, como afirma Maingueneau (1997) “um enunciado ‘livre’ de qualquer coerção é utópico” (MAINGUENEAU, 1997, p. 38). Dando prosseguimento ao que aqui se dispõe, apresenta-se, agora, a análise de três materialidades, sendo: a primeira, uma montagem; a segunda, um conteúdo sensacionalista, e a terceira, uma fake news). As especificidades discursivas de cada uma delas serão vistas individualmente. A primeira delas é uma montagem disseminada durante o período eleitoral de 2018 e tem como protagonista a candidata à vice-presidência no 1º turno, Manuela D’Ávila, que integrava a chapa do Partido do Trabalhadores (PT).

Figura 1 – Montagem disseminada no pleito eleitoral brasileiro em 2018.



Fonte: Tardáguila (2018).

Na imagem aparece a candidata sorridente com olhar fixado para o lado esquerdo e com as mãos segurando uma terceira peça do vestuário na cor preta. O enquadramento, em primeiro plano, destaca a estampa com a frase ‘Jesus é travesti’, seguido de um desenho de um arco-íris – símbolo da comunidade LGBTQIAP+, estrutura que compõe a primeira sequência discursiva (SD1) aqui selecionada. Segundo a redatora da agência de checagem Lupa²⁷, Tardáguila (2018), a imagem foi identificada pelo projeto de verificação de notícias da Lupa, disponível nas redes

²⁷ A empresa Lupa é uma agência de checagem de conteúdo ativa desde 2015, cuja especialidade é checar informações veiculadas na mídia. Expandiu suas atividades devido a era da desinformação. Segundo informações do próprio *site* da empresa, a Lupa integra uma rede de parceria, tais como a *International Fact-checking Network* (IFCN) – em que é membro, verificado e segue o código de conduta e princípios éticos – e a rede mundial de checadores reunidos em torno do *Poynter Institute*, nos Estados Unidos. Visando a segurança dos conteúdos, a empresa passa por auditorias anuais e, com isso, mantém seu selo verde, significando que a plataforma está aprovada pelos auditores. A expansão de suas atividades se intensificou na corrida eleitoral brasileira de 2018 e, segundo as informações disponíveis no *site*, toda a sua produção opera sob princípios de transparência e apartidarismo previstos pela IFCN, da qual é membro (LUPA, 2018).

sociais para os usuários poderem denunciar as informações duvidosas e, assim, os dados coletados pela agência são levados para análise. A redação da Lupa afirma que a imagem em questão é identificada como uma montagem: “na fotografia original, postada pela própria deputada, o que se lê na camiseta preta é a palavra ‘Rebele-se!’” (TARDÁGUILA, 2018, p. 1). Segundo o dicionário Aulete (2023), a montagem é um “processo de combinação de duas ou mais imagens, criando, assim, uma nova imagem, seja por meios fotográficos convencionais ou mediante os recursos da fotografia digital e computação gráfica; fotomontagem” (AULETE, 2023).

A imagem de si do enunciador²⁸ na materialidade mesclada a expressão sorridente, o gesto com as mãos, o tom de alegria evidenciado pelo sorriso da candidata, o olhar direcionado para o lado esquerdo ratifica os dizeres da camiseta, retomando os sentidos já-postos socialmente sobre o travesti, indivíduos postos à margem. Esses elementos juntos apontam um discurso religioso que movimenta os sentidos sobre os dez mandamentos da igreja católica em “não tomar seu santo nome em vão”. A construção discursiva diz respeito aos sujeitos que ocupam o lugar marginalizado historicamente definido que está ligada à população LGBTQIA+, que devem permanecer excluídos. Ao posicionar a candidata Manuela D’avila, nessa vestimenta, produz um sentido de afirmação advindo dela, produzindo um efeito de sentido de concordância e afirmação sobre os dizeres na camiseta.

Em uma perspectiva discursiva, a montagem é um recorte de sentidos, voltado para a produção de outros (sentidos). Sua formulação dá corpo a um sítio de significação que está atravessado por condições de produção específicas e filiado às formações discursivas e ideológicas. Por isso, segundo Maingueneau (1997) “a noção de ‘gênero’ não é de fácil manejo” (MAINGUENEAU, 1997, p. 35), em sua construção e materialização, os gêneros encaixam-se a outros tipos de gêneros. Tem-se como exemplo a própria materialidade em análise, que se caracteriza como montagem, mas que ao ser construída e veiculada faz uma intersecção com outros gêneros, produz outros discursos e desliza de sentidos. A sua construção depende de uma dada condição de produção, pois os elementos que as constituem não estão “simplesmente justapostos, mas mantêm entre si relações suscetíveis de variar segundo a natureza dos elementos colocados em jogo” (PÊCHEUX, 2014a, p. 85).

²⁸ A noção de ethos discursivo é trazida por Maingueneau (2002), que se refere à imagem de si do enunciador no discurso. Tal noção é, de certa forma, uma atualização do conceito de formação imaginária de Pêcheux (2014), mas da perspectiva da teatralização da fala. Escolheu-se, para essa notícia falsa, tratar do ethos porque em objetos visuais (como imagens), a encenação da fala torna-se mais latente, além do fato de que as imagens operam como simulacros da realidade.

As condições de produção da montagem em análise têm o protagonismo evangélico com ponto de atuação política inserido numa formação política e religiosa. Isso pode ser evidenciado pelo termo ‘Jesus’, ligado à ‘travesti’, como forma de associação contrária ou afrontosa à religião. Quando a frase é impressa nas vestes de Manuela D’Ávila, candidata de um partido de esquerda, caracteriza não somente a candidata, mas todo o PT (e até toda a esquerda política brasileira) como opositores da religião cristã, logo, opositores de Deus. Assim, o entrelaçamento entre religião e política acontece. Embora sejam discursivizados socialmente como heterogêneos, sob as vestes do argumento ‘política e religião não se misturam’ (no dito popular), tais elementos se conectam já no seio da formação da sociedade brasileira. O discurso da negação de tal fato produz um efeito de opacidade, de simplificação ou redução de nuances, em um movimento antiquíssimo de dissociação de aspectos sociais que estão, por sua natureza, ligados – no caso, enraizados pelo processo colonial que é político e também religioso. Entretanto, na prática, não toma corpo, não obstante, o discurso religioso é pauta frequente em eleições presidenciais brasileiras.

Assim, não é por acaso que a montagem da camiseta da candidata foi feita, são dizeres específicos, que remetem a constituições específicas da sociedade brasileira, sendo colocados como opostos à base de uma sociedade pavimentada pelos preceitos de religião cristã, durante a colonização. A memória histórica da sociedade brasileira carrega no âmago de sua constituição a ascensão burguesa europeia. Conforme Macedo (2008), “o nascimento do Brasil como nós conhecemos foi através da ‘descoberta’ por exploradores europeus profundamente imbuídos em levar a fé e o culto católico por terras ‘virgens’ e ‘incultas’” (MACEDO, 2008, p. 1, aspas do autor). Segundo Arruda, Costa e Magalhães (2020), o conservadorismo com sua ascensão desde 1.500 e, atualmente, forma um grupo relativamente extenso no país constituído por 30% cento da população. A “ascensão do conservadorismo evangélico foi possibilitada por uma política de moralidade, assumindo questões relativas à vida, família, sexualidade e papéis de gênero, articulando-os e alavancando-os à política” (ARRUDA; COSTA; MAGALHÃES, 2020, p. 8). Fala-se dos evangélicos conservadores por representarem, nas crenças neopentecostais atualmente, o maior grupo.

Na SD1, o enunciado estampado na camiseta da vice candidata à presidência da república brasileira em 2018 se inscreve numa formação discursiva religiosa conservadora atravessada pela formação ideológica cristã. Desse modo, compreende-se, a partir do objeto em análise, a formação discursiva religiosa como uma esfera maior que comporta outras esferas menores, isto é, outras formações discursivas que com elas possuem relações, a exemplo, FD de gênero ligado ao discurso homofóbico e de ódio à comunidade LGBTQIAP+ por meio da

memória, do intradiscurso. Conforme Orlandi (2001), “o interdiscurso (memória) determina o intradiscurso (atualidade), dando um estatuto preciso à relação entre constituição/formulação, caracterizando a relação entre memória/esquecimento e textualizações” (ORLANDI, 2001, p. 94). Assim, o enunciado ‘jesus é travesti’, inscrito sob a formação discursiva religiosa conservadora, estabelece uma rede interdiscursiva sobre o processo colonial religioso, raízes que possibilitaram a existência e atualização do enunciado e, dentro dessa conjuntura, remonta os aspectos bíblicos sobre a sagrada família. Essas instâncias interdiscursivas fazem emergir o discurso do ‘homossexualismo’ (e não ‘homossexualidade’), de base preconceituosa.

Sobre essa questão, é necessário trazer alguns apontamentos: o termo ‘homossexualismo’ é relativo à ‘doença’ e teve uma adesão social durante anos, em que a medicina e a psicologia consideravam-no uma patologia atribuída aos indivíduos que manifestavam algum tipo de subversão dos padrões sexuais calcificados socialmente. Conforme Carvalho (2021), a Organização Mundial de Saúde (OMS), em 1990, reconhece que o envolvimento afetivo-sexual não deve se configurar como doença e retira oficialmente o uso da palavra ‘homossexualismo’ em prol da adoção da palavra ‘homossexualidade’, sendo esse “o termo correto a ser usado, ao se referir a uma pessoa que é homossexual, indicando ‘modo de ser’. Assim, atualmente, o uso do termo ‘homossexualismo’ consiste em uma inadequação linguística e preconceituosa, visto que o sufixo “ismo” pode conotar doença, distúrbio, anormalidade” (GLOSSÁRIO LGBT, 2023). Como no enunciado em análise, verifica-se a formação discursiva conservadora que alude ao discurso da homofobia, chamou-o aqui como parte do ‘discurso do homossexualismo’ – cuja argumentação pauta-se, sobretudo, nos preceitos bíblicos da família enquanto instituição formada entre homem, mulher e filhos.

Desse modo, os homossexuais são tratados como pecadores, pois estão traçando o caminho destoante ao da sagrada escritura. Dessarte, compreende-se que o modo de operação do discurso religioso está na interpelação dos indivíduos como sujeitos que “supõe a ‘existência’ de um Outro Sujeito, único e central, em Nome do qual a ideologia religiosa interpela todos os indivíduos como sujeitos” (ALTHUSSER, 2022, p. 112-113). Isso significa que, ao obedecer aos ensinamentos promulgados pela sagrada escritura, Deus reconhecerá os feitos dos fiéis que nele creem e assim serão. Para Pêcheux (2014b), “o próprio de toda formação discursiva é dissimular, na transparência de sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso [...] essa que reside no fato de que ‘algo fala’[...] sempre ‘antes’, em outro lugar e independentemente” (PÊCHEUX, 2014b, p. 147, aspas do autor). Embora não esteja na transparência da linguagem, no enunciado, a formação discursiva religiosa conservadora retoma os já ditos de que Jesus é o senhor de todos, mas, na

materialidade todos os que ‘pregam’ e ‘vivem’ a religião, logo, Jesus não é para todos, mas para seu grupo específico.

Nesse contexto, colocar Jesus como travesti viola sua purificação e seu lugar de santidade, posicionando-o em um lugar pecaminoso do qual não faz parte, segundo os preceitos religiosos conservadores. Em outra dimensão intradiscursiva no objeto analítico, tem-se o *slogan* da campanha presidencial do candidato à presidência pelo Partido Liberal (PL) – opositor da chapa em que Manuela D’Ávila concorria em 2018 – que dizia, ‘Deus acima de todos’. O enunciado inscrito sob a ideologia religiosa faz funcionar já ditos do Deus punitivo do Antigo Testamento, aquele que pesa a mão contra os que lhe desobedecem. Assim, a ideologia religiosa “se dirige aos indivíduos para ‘transformá-los em sujeitos’, interpelando o indivíduo Pedro²⁹ [figura bíblica] para fazer dele um sujeito, livre para obedecer ou desobedecer a este apelo, ou seja, às ordens de Deus” (ALTHUSSER, 2022, p. 112). Pelas escrituras, todo aquele que crê e é a ela obediente receberá a salvação divina, em contraponto, todos os que desobedecem estão condenados à morte. Dessa maneira, existe o livre arbítrio, mas que não é tão livre, dado que viver na contramão da ideologia cristã é, segundo ela, passível de punição. Mas, não existe aparelho unicamente ideológico tanto quanto repressivo, há um jogo de forças entre eles (ALTHUSSER, 2022), ocasionados por distinções importantes a serem pontuadas.

O aparelho repressivo funciona por meio da violência e também através da ideologia. Por exemplo, as Igrejas e a Escola “‘moldam’ por métodos próprios de sanções, exclusões, seleções, etc. não apenas seus funcionários, mas também suas ovelhas” (ALTHUSSER, 2022, p. 77, aspas do autor). Conquanto, as ideologias religiosa, moral, jurídica e política são, segundo Althusser (2022), concepções mundanas que, observadas pelo ponto de vista crítico, correspondem a uma representação imaginária e não real. Dessa maneira, a interpelação dos indivíduos em sujeito de fé só é possível pela condição de existência do sujeito supremo, onipresente, onisciente e onipotente, Deus. Assim, “só existe uma tamanha multidão de sujeitos religiosos possíveis sob a condição absoluta da existência de um *Outro Sujeito Único, Absoluto, ou seja, Deus*” (ALTHUSSER, 2022, p. 112, itálicos do autor). Segundo Foucault (2015), todo enunciado é regido sob uma ordem do discurso estabelecida nas relações de poder que determina os lugares e posições sociais dos sujeitos, pois como argumenta o autor, o enunciado não é tão somente uma unidade, mas “uma função que cruza um domínio de estruturas e de

²⁹ O apóstolo Simão Pedro é conhecido, nas tradições religiosas judaica cristã, como a pedra angular da igreja católica, “e eu voz digo: tu és Pedro e sobre esta pedra construirei a minha igreja e as portas do inferno nunca levarão vantagem sobre ela. Eu te darei as chaves do reino dos céus, e tudo que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo que desligares na terra será desligado nos céus” (BÍBLIA SAGRADA, 2005, Mt., 16:18, p. 1177).

unidades possíveis e faz com que apareçam, com conteúdo concreto, no tempo e no espaço” (FOUCAULT, 2015, p. 105).

Importa também observar a figura feminina como parte do enunciado, quando se parte do questionamento ‘por que ela e não outro em seu lugar?’ (FOUCAULT, 2015). Essa indagação remonta o interdiscurso do grupo político progressista, ao qual a candidata é aliada, também se conecta a famosa passagem bíblica do pecado original – cometido pela mulher. O episódio fruto do pecado mortal, no qual é mostrada a passagem bíblica do livro do êxodo, que simboliza Eva como causadora do pecado mortal, após ter comido do fruto proibido, é atualizado no objeto. O destaque que lhe é imposto ratifica a posição de porta-voz do pecado, pecado esse que se atualiza pelo enunciado ‘travesti’. A formação discursiva religiosa de cunho ideológico religioso judaico-cristão inscreve-se em um discurso patriarcal, em que a figura da mulher é posta como a origem do pecado, trabalhando o sentido de manipulação e culpabilidade feminina. Além disso, destaca-se que a constituição política da candidata se encaixa, no discurso, à contramão do posicionamento bíblico: é militante feminista, ligada às lutas plurais e de gênero, o contraposto do que uma base conservadora considera como lugar social feminino.

A posição social de Manuela D´Ávila, enquanto mulher, mãe, militante e candidata à presidência – lugar esse ocupado hegemonicamente por figuras masculinas, ao longo da história – compõe um feixe de traços que correspondem às projeções feitas sobre os sujeitos discursivos, as formações imaginárias (PÊCHEUX, 2014a). Nesse caso, a formação imaginária é dada pela negação, pelo oposto ao ideal e, somada aos dizeres da montagem, desloca sentidos através do funcionamento do discurso religioso-patriarcal e conservador, produzindo os efeitos de descredibilização de sua figura política para o público evangélico. Desse modo, constrói-se um fio interdiscursivo ligado a figura feminina representada pela candidata que traja a camiseta com os dizeres ali materializados, de modo a engendrar efeitos de sentido de rejeição a sua governabilidade, pois suas posições progressistas afligem a moral e bons costumes dos eleitores alinhados a formação discursiva religiosa. É possível se dizer que as condições de produção da materialidade em questão estão atreladas a uma conjuntura ideológica conservadora e cristã, materializam formações discursivas contrárias às filiações políticas de Manuela D´Ávila, sendo percebidas a partir de condições específicas, internas ao discurso – ou seja, a frase ‘Jesus é travesti’, a presença da bandeira LGBTQIA+ e a própria formação imaginária referente a figura feminina da candidata.

Dito isso, é possível seguir para a análise do próximo objeto para verificar suas condições de produção e perceber que, de certa forma, a formação discursiva religiosa também está presente. Trata-se, centralmente, de um enunciado que, supostamente, teria sido proferido

por Luíz Inácio Lula da Silva, filiado ao PT, atualmente, Presidente da República em seu terceiro mandato, e outros dizeres relativos a isso.

Figura 2 – Lula e Jesus Cristo



Fonte: Lopes (2019).

Conforme Lopes³⁰ (2018), a materialidade acima circulada nas redes sociais em 2018 foi checada pela Lupa através do projeto de verificação de notícias, a qual constatou ser falso o conteúdo. O objeto em destaque possui características sensacionalistas. Para entender melhor sobre isso, utilizou-se dos apontamentos de Pedroso (2019), que define o sensacionalismo como uma produção discursiva, com bases formativas na “intensificação e exagero gráfico, temático, linguístico e semântico, contendo em si valores e elementos desproporcionais, destacados, acrescentados ou subtraídos no contexto de representação e construção do real social” (PEDROSO, 2001, p. 52). O conjunto de todos esses elementos produz uma poluição estética e, na maioria das vezes, sua temática é polêmica. De modo geral, a princípio, se observa os elementos verbo-visuais que constituem a imagem acima: letras garrafais com diferentes

³⁰ E-farsas é uma agência de checagem de conteúdo que emerge em 2002 “com a intenção de usar a própria *internet* para desmistificar as histórias que nela circulam, o E-farsas.com nasceu no dia 1 de abril de 2002” (DA REDAÇÃO, 2023, [s. p]). Seu criador Gilmar Lopes é analista de sistemas responsável por chegar as informações. Segundo as informações disponibilizadas no site, em 2011, a agência passa a fazer parte do Portal R7, “queremos continuar levando informação a você que todos esses anos acompanha o E-farsas” (DA REDAÇÃO, 2020, [n. d]).

tamanhos, formatos e cores. Além disso, os enunciados presentes estão em posições distintas, causando uma desordem estética, todo esse conjunto caracteriza-se como conteúdo sensacionalista. Para a análise, o objeto foi selecionado em 5 sequências discursivas (SD2, SD3, SD4 e SD5), as quais serão destrinchadas, mas, antes, será feita a exposição da imagem de si do enunciador.

A SD2 comporta os dizeres ‘O ladrão que desafiou Jesus’, e movimenta duas instâncias interdiscursivas retomadas pelo enunciado ‘ladrão’: uma religiosa e uma política. A primeira é a narração bíblica sobre a crucificação e morte de Jesus. Segundo a Bíblia Sagrada (2005), Jesus foi crucificado junto a dois criminosos e, quando ele estava sendo flagelado, é questionado por um dos criminosos, em um ato desafiador “Se tu és o Cristo, salva-te a ti mesmo, e a nós”. (BÍBLIA SAGRADA, 2005, Lc. 23:39, p. 1254). A segunda instância discursiva retoma os desdobramentos da Operação Lava Jato³¹, que culminou na prisão de muitas figuras políticas, entre elas, o atual presidente do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva, acusado de corrupção e lavagem de dinheiro. De acordo com Pêcheux, “a formação discursiva tende a absorver – esquecer o interdiscurso no intradiscorso, de modo que o interdiscurso aparece como o puro ‘já-dito’ do intradiscorso, no qual se articula por correferência” (PÊCHEUX, 2014b, p. 154). No objeto em análise, a formação discursiva religiosa conservadora, atravessada pela ideologia judaico-cristã, absorve as instâncias interdiscursivas da crucificação de Jesus e da Operação lava jato no enunciado ‘ladrão’.

Indo um pouco além, no texto bíblico, na conjuntura da crucificação, havia dois ladrões e, enquanto um provoca Jesus, outro o defende. Essas duas figuras ocorrem, na ideologia judaico-cristã, como representações do bem e mal, Deus e o diabo. Considerando que, no enunciado, o adjetivo ‘ladrão’ encontra-se em associação à expressão ‘desafia Jesus’, a associação entre o político e o mal é feita por meio do deslizamento de sentido. Em consonância, o termo referente a Lula retoma o fato de sua prisão, gerando o efeito da providência divina perante a blasfêmia, uma vez que “é preciso que os homens, para serem ouvidos por Deus, se submetam às regras: eles devem ser bons, puros, devem ter mérito, ter fé” (ORLANDI, 1987, p. 247). Lula é, assim, o ladrão, o mal, que desafia a ordem divina, contrapondo-se a ela. Não obstante, a foto escolhida do presidente leva a expressão descontrolada e raivosa (supostamente gritando), compondo a imagem discursiva do ladrão mal e blasfemador. Vale ressaltar que a

³¹ A Operação Lava Jato iniciou-se em 2014 com objetivo de combater a corrupção e lavagem de dinheiro no Brasil (MPF, 2023). O nome da operação se deu devido ao “uso de uma rede de postos de combustíveis e lava a jato de automóveis para movimentar recursos ilícitos pertencentes a uma das organizações criminosas inicialmente investigadas” (MPF, 2023, p. 1).

imagem não corresponde ao ato real do enunciado – dado que esse nunca foi proferido por Lula, como esclarece a Lupa (2018) – e é, desse modo, uma imagem descontextualizada, mas, que, somada aos dizeres, gera sentido, sendo ali colocada como forma de construção narrativa: a do ladrão blasfemador.

Na SD3 – ‘O mal por si só se destrói’ –, o substantivo masculino ‘mal’ retoma as questões do ladrão e da punição divina sobre todo aquele que pratica o mal, entrelaçando-as com a figura do presidente Lula. Além disso, vê-se uma marcação que mobiliza esse movimento, o vermelho utilizado no enunciado. Segundo Orlandi (2015), “a cor vermelha está ligada historicamente a posições revolucionárias, transformadoras” (ORLANDI, 2015, p. 26), aos posicionamentos progressistas de esquerda; já o preto alinha-se aos “sentidos de direita” (ORLANDI, 2015, p. 28). No objeto, o uso do vermelho associa as práticas da esquerda ao mal (a ser destruído), expresso pelo dito. Dessa maneira, a expressão facial raivosa de Lula (constituente dos elementos da imagem de si do enunciador) ratifica essa posição, pois, as crenças religiosas costumam assemelhar o mal com os sentidos de raiva e ódio, e o bem com alegria e calma. Todos os dizeres convocados pela formulação pressupõe, entre outras coisas, que os sentidos não estão nas palavras, elas são apenas a materialização de uma rede de relações exteriores e interiores do discurso que, regidas sob condições de produção específicas, determina (pelas formações discursivas), isto é, o que deve ser dito (PÊCHEUX, 2014a), (ORLANDI, 2001; 2006; 2015).

No caso da materialidade, o conjunto dos enunciados mostra a formação discursiva religiosa, sob a ideologia judaico-cristã, funcionando outros discursos e sentidos, como, por exemplo, o discurso político-partidário de direita, sob o véu do conservadorismo religioso, em oposição à política da esquerda – tratada como o mal, a blasfêmia contra a ordem divina. A SD4 – ‘Nem a volta de Jesus vai impedir de eu assumir a presidência da república em 2018!’ – continua esse movimento de sentidos. Nela, ocorre o retorno de um acontecimento no campo político, um boato disseminado sobre Tancredo Neves,³² que teria supostamente dito semanas antes de morrer que ‘nem Deus me tira da presidência’ (BECKER, 2022). O boato foi investigado pela agência de checagem de notícias Boatos.org³³ e comprovada ser uma falsa informação. Segundo Pêcheux (2015b), o acontecimento provoca uma ruptura na regularização

³² Tancredo de Almeida Neves foi o primeiro presidente eleito após os 21 anos de Ditadura Militar. Filiado ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB), sua trajetória política está marcada pela oposição ao militarismo, além de ter sido um dos apoiadores ao movimento de redemocratização do Brasil. Eleito em 1985, não assumiu a presidência devido a problemas de saúde que o levaram a óbito (CHICARINO, 2012).

³³ Boatos.org é uma agência de checagem de conteúdo, ativa desde 2013, cujo objetivo é verificar e denunciar informações falsas que circulam na *internet* (BOATOS.ORG, 2023).

do enunciado e, por isso, tende a produzir outros enunciados que deslizam de sentidos, ou seja, o acontecimento “desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior” (PÊCHEUX, 2015b, p. 46). Por conseguinte, o enunciado no objeto retoma o boato sobre Tancredo Neves, bem como o interdiscurso (do texto bíblico) por ele acionado, sendo caracterizado como um acontecimento discursivo.

Tal enunciado, para além do boato que cerceou a figura de Tancredo, está igualmente ligado a outros enunciados no qual o castigo sobre a blasfêmia é mobilizado. Sobre isso, é possível ainda citar dois: o caso da Jovem morta em um acidente de carro, após debochar das recomendações religiosas da mãe³⁴; e uma falsa fala atribuída ao jornalista Ricardo Boechat, vítima de um acidente fatal em 2019, em que ele havia zombado de Deus³⁵. Todos esses enunciados fazem uma intersecção com uma narrativa bíblica do Antigo testamento, do livro de Levítico que diz que “quem blasfemar o nome do senhor será punido de morte” (BÍBLIA SAGRADA, 2005, Lev. 24:16, p. 151). Segundo Orlandi (2006), o processo parafrástico “permite a produção do mesmo sentido sob várias de suas formas (matriz da linguagem)” (ORLANDI, 2006, p. 19), assim, tem-se uma rede parafrástica que retoma – mesmo que em temporalidades distintas – o discurso religioso e, ao ser retomado durante o pleito eleitoral brasileiro, incorpora sob as condições de produção a dualidade política em que se tem, de um lado, um candidato que adere aos preceitos religiosos e, do outro, um grupo progressista ligado às pautas plurais e de gênero – como no caso de Lula.

Os sentidos de obediência a Deus deslizam para o efeito de sentido de rejeição àqueles que não seguem a escritura. Ao porta-voz, que está na materialidade, dirige-se a fala que blasfema o nome de Deus, é ele quem precisa ser punido tal qual descreve a escritura. Assim, observa-se o que Orlandi (1987) assinala, a intertextualidade é uma das principais características do discurso religioso, pois ela “se define pela remissão de um texto a outros textos para que ele signifique” (ORLANDI, 1987, p. 259). Essa característica mostra que o discurso religioso não é autônomo, há nele um sempre-já dito, essa memória carregada e atualizada constantemente. Orlandi (1987) argumenta que, no cristianismo, enquanto religião institucional, “os sentidos não podem ser quaisquer sentidos: o discurso religioso tende

³⁴ Uma história circulada na *internet* em 2005, sobre uma jovem que, ao sair de carro com amigos, ouviu de sua mãe, que fosse acompanhada por Deus. Zombeteira, a filha respondeu que só seria possível se Deus fosse no porta-malas, pois o carro estava cheio. Minutos após, ela sofre um acidente, morre e seu carro fica completamente destruído – exceto o porta-malas, encontrado intacto (MATSUKI, 2014).

³⁵ Ricardo Boechat, jornalista, teve um acidente fatal devido à queda do helicóptero em que estava. A causa de sua morte foi palco para disseminação de boato de caráter religioso. O mais disseminado deles dizia que, semanas antes de morrer, O jornalista teria zombado de Deus e desqualificado o livro do Apocalipse em que é tratada a segunda vinda de Jesus, o fim dos tempos e a redenção dos que creem (MATSUKI, 2019).

fortemente para a monossêmia”, por isso, há uma única interpretação, sendo a da igreja realizada pelos fiéis através do texto bíblico. Partindo dessa perspectiva, o discurso religioso é caracterizado por um desnível que opera na relação entre “o locutor e ouvinte: o locutor é do plano espiritual (o Sujeito, Deus) e o ouvinte é do plano temporal (os sujeitos, os homens)” (ORLANDI, 1987, p. 243).

Locutor e ouvinte são pertencentes a ordens distintas e atravessados pelo valor de hierarquia, através da qual o mundo espiritual tem o domínio sobre o mundo temporal, isto é, “na desigualdade, Deus domina os homens” (ORLANDI, 1987, p. 243). Assim, os homens não ocupam o lugar de Deus, “o representante, ainda que legítimo, jamais se apropria do lugar do qual fala, ou seja, jamais muda seu estatuto jurídico de interlocutor, seu poder de dizer” (ORLANDI, 1987, p. 257). Dando prosseguimento a análise, a formação discursiva religiosa continua atravessando o objeto. Na SD5 – ‘Palavras da besta sacrílega e bêbada em 2016. Que os cristãos não se esqueçam disso!’ –, o termo ‘besta’ faz referência ao uso cristão da palavra, para designar o Anticristo, aquele que se “levanta contra tudo que é divino e sagrado, a ponto de instalar-se no templo de Deus e apresentar-se como se fosse Deus” (BÍBLIA SAGRADA, 2005, Ts., 2:4, p. 1395). O enunciado refere-se a Lula, associando-o ao mal, oposto a Deus. Junto a essa formulação há uma marcação que a atesta, o adjetivo ‘bêbada’, fornecendo mais características a ‘besta sacrílega’, especificando o sujeito, ou seja, para falar de Lula. Sobre isso, cabe ressaltar a não recente associação de Lula ao consumo de bebidas alcoólicas. Durante os mandatos anteriores do atual presidente, seu gosto particular por bebidas alcoólicas, especificamente, a cachaça (preferência pela qual Lula tornou-se conhecido), foi um dos principais motivos para acusações de problemas alcoólicos, produzindo efeitos de sentidos de irresponsabilidade e colocando em xeque a qualidade da atuação política. Não obstante, em 2004, o jornalista correspondente do *New York Times* no Brasil, Larry Rother (2004), publicou uma matéria fazendo inferência sobre o suposto alcoolismo de Lula e como isso poderia afetar seu desempenho no cargo político.

No decorrer de sua matéria, Rother (2004) ainda compara Lula ao consumo de álcool de Jânio Quadros que foi presidente do Brasil durante os anos (1961-1961), “historicamente, os brasileiros têm razão para estarem preocupados com sinais de hábitos de abuso do álcool de seus presidentes. Jânio Quadros, eleito em 1960, foi um bebedor manifesto que um dia declarou: ‘Bebo porque é líquido’” (ROTHER, 2004, [s. d]). Entretanto, longe de se partir do princípio da preocupação dos brasileiros com o abuso de álcool por parte de um presidente, o termo ‘bêbada’, no enunciado, não ocorre desvinculado à posição social que Lula ocupa. Está atrelado à cachaça, a bebida que Lula faz uso, caracterizando sua figura. Tal derivado alcoólico é

socialmente atribuído às classes menos favorecidas, sendo, dessa forma, entrelaçada à pobreza e à vulgarização, principalmente, quando sua circulação está “circunscrita a vendinhas obscuras, botecos e bares suburbanos” (FEITOSA, 2005, p. 5). Esse tipo específico de bebida no seio ideológico social e a posição social que Lula ocupa mostra que “uma liderança identificada com o povo e com a classe trabalhadora como Lula não poderia jamais fugir do estigma de cachaceiro, como o próprio Rohter reconhece ao escrever que sindicatos são ‘um ambiente famoso pelo alto consumo de bebida’” (CARTA CAPITAL, 2019, [s. d], aspa do autor).

Em contrapartida, não há acusações sobre políticos que usam destilados importados, tampouco são taxados de alcoólatra ou têm suas reputações colocadas em questão por fazerem uso de tal, “não entra nos seus radares [do jornalista Rother] o uísque que o tucano [referente ao ex-presidente Fernando Henrique Cardoso] bebe em seu apartamento em Higienópolis” (CARTA CAPITAL, 2019, [s. d]). Assim, o problema não está no consumo de bebidas alcoólicas, mas em quais bebidas, quem faz o uso e o seu valor de prestígio social que carrega. Ademais, no conjunto das SDs SD2, SD3, SD4 e SD5, que compõem o objeto, abre-se um domínio de memória em que novos dizeres são produzidos, a partir dos já-ditos da crucificação de Jesus, da Operação Lava Jato e, por fim, da relação de Lula com a bebida, atualizando tais discursos e figurativizando o presidente como ‘ladrão’, ‘corrupto’ e ‘bêbado’. Todas essas caracterizações estão alinhadas a formação discursiva religiosa atravessada pela ideologia judaico-cristã. A fé, segundo Orlandi (1987), é o parâmetro “pelo qual se delimita a comunidade e constitui o escopo do discurso religioso em suas duas formações características: para os que creem, o discurso religioso é uma promessa, para os que não creem é uma ameaça” (ORLANDI, 1987, p. 250).

Assim, no objeto, a candidatura de Lula corresponde a tudo aquilo que não faz parte do cristianismo, dado que Jesus (o exemplo a ser seguido) não era corrupto, ladrão ou alcoólatra. Os fiéis imbuídos na relação com o sagrado devem assumir obediência aos valores santificados diante de Deus “esses sujeitos, para serem ouvidos, assumem as qualidades do espírito, qualidades do homem que tem fé” (ORLANDI, 1987, p. 247). Segundo o processo discursivo do conteúdo sensacionalista em questão, para os homens de fé, Lula não é, definitivamente, o candidato ideal, não podem escolhê-lo, pois não se adequa ao crivo religioso, pelo contrário, está aquém, ameaça e ofende a fé e os valores cristãos. Como evidenciado pelas análises, até agora, a formação religiosa é uma constante nas condições de produção das fake news – aspecto que continua em evidência no terceiro e último objetos analíticos desta seção. Trata-se de uma considerada fake news, produzida em 2018, atribuída ao jornal Folha de S. Paulo, a partir do

encontro do ex-presidente (na época, candidato pelo PL), Jair Messias Bolsonaro, com o bispo Edir Macedo (liderança evangélica), em que supostamente teria sido discutida a troca da imagem da padroeira do Brasil. A seguir, sua análise.

Figura 3 – Fake news da troca da padroeira



Fonte: respectivamente Lott e Resende (2018) e Schultz (2018) (organizado pela autora).

As imagens acima foram coletadas por duas plataformas distintas, a que está localizada no canto direito da tela é da agência de checagem Fato ou *fake*³⁶, já a do lado esquerdo é (supostamente) do jornal Folha de S. Paulo³⁷. Para fins didáticos de análise, recorreu-se ao conteúdo disposto na revista Folha de S. Paulo, pois na agência de checagem de conteúdo (suporte utilizado para montar o *corpus* da pesquisa) o material está timbrado, dificultando o processo analítico. Todavia, esse recurso de timbragem de materiais utilizado por algumas

³⁶ Fato ou *fake* é uma agência de checagem de conteúdo cujo objetivo é verificar os conteúdos disseminados na *internet*. A agência foi criada em 2018, período do avanço da era da desinformação, principalmente, no que diz respeito ao pleito eleitoral brasileiro. Embora a agência seja relativamente nova, ela se constitui a partir do grupo Globo, criado em 2006, e a equipe que faz apuração dos conteúdos é composta pelo conjunto de jornalistas de G1, O Globo, Extra, Época, Valor, CBN, GloboNews e TV Globo, “cada um desses veículos poderá publicar as checagens feitas em conjunto. Ao juntar forças entre as diversas redações, será possível verificar mais – e mais rápido. A atual editoria É ou não É, do G1, deixa de existir, para dar lugar ao Fato ou *fake*” (G1, 2018 [s. d]).

³⁷ A Folha de S. Paulo é um jornal de modalidade imprensa e *online*, considerado um dos maiores do Brasil. Sua criação é datada em 1921, inicialmente, com três titulações: folha da manhã, folha da tarde e folha da noite. Em 1960, as três modalidades se unem e formam o jornal Folha de S. Paulo, segundo informações do próprio site. Seu jornalismo opera pela linha de fiscalização crítica de caráter apartidário “Define-se como veículo de inspiração liberal, reformista e aberto à pluralidade de tendências, sempre mantendo firme compromisso com a defesa da democracia” (FOLHA DE S. PAULO, 2023, [s. d]).

agências de checagem de conteúdo faz-se importante, porque aponta para uma das condições de produção que está ancorada no processo de disseminação de fake news. Essa questão será melhor incorporada no terceiro capítulo, nesse momento, basta ambientar o leitor sobre a imagem e ratificar que esse procedimento será feito em outras análises no decorrer dos capítulos. Para esta última análise, foi trazido um conteúdo classificado como (gênero) notícia falsa. Sobre os liames que configuram tal definição, requer-se um pouco mais de atenção. Isso porque a notícia, enquanto gênero, é heterogênea, de modo que não deve ser separada das condições sócio-históricas em que é produzida.

Maingueneau (2015) mostra que o gênero do discurso se constitui por lugares, meios materiais, escolhas lexicais que esse está articulado a demasiados setores de atividades e aos sujeitos que dele faz uso (MAINGUENEAU, 2015; 2002). Nessa perspectiva, o gênero notícia pode ser de caráter político ou de entretenimento, sua função principal é a de informar algo, por isso, a linguagem utilizada carece de ser descritiva e objetiva, com foco específico. Em primeira instância, toda forma composicional que estrutura o objeto aponta para o gênero notícia, especificamente a notícia política, e aspectos gráficos e tipográficos que compõem o lugar de sua materialização, ou seja, (supostamente) a Folha de S. Paulo. Feitas as considerações estruturais que definem o tipo de gênero do objeto analítico, parte-se para explicar sobre a sua verificabilidade. Segundo Schultz (2018), redatora da agência de checagem de conteúdo Fato ou *fake*, não há “qualquer texto publicado com esse título na Folha nesta data. Além disso, a diagramação da página difere da encontrada nas páginas do jornal impresso ou *online*” (SCHULTZ, 2018, [s. d]).

Também se recorreu ao texto produzido pela Folha de S. Paulo, sobre esse conteúdo veiculado nas redes, o qual atesta que a imagem é falsa e argumenta que no dia em que ela foi veiculada, não havia nenhuma notícia como essa divulgada: “não foi publicado nenhum texto com o título igual àquele da mensagem compartilhada ou sobre qualquer proposta de alterar a imagem de Nossa Senhora Aparecida” (LOTT; RESENDE, 2018, [s. d]). Desse modo, o conteúdo foi criado com uma aproximação do *layout* quase que fiel a da revista e também ao do gênero notícia, dado que possui características estruturantes do gênero – texto de cunho informativo acompanhado da dimensão midiológica e organizado por título, subtítulo, *lead* e corpo do texto. No entanto, todos esses elementos foram criados a fim de se parecer com uma publicação do jornal, mas, trata-se, de uma montagem de notícia que acompanha a estrutura estilística do gênero. Em termos de condição de produção, a notícia atribuída ao jornal Folha de S. Paulo diz respeito a um *Projeto de Lei n.º 2623/07* (BRASIL, 2007, p. 1) do ex-deputado

Victório Gali, filiado ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro de Mato grosso (PMDB-MT).

Segundo Resende (2018), o relator do projeto, que previa a retirada do título de padroeira do Brasil concedida à Nossa Senhora, respaldava-se no artigo 19 da Constituição Federal que diz “é vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios [...] estabelecer cultos religiosos ou igrejas [...]” (BRASIL, 1988, p. 25). A proposta não propunha retirar o feriado, mas alterar a *Lei n.º 6.802/80* (BRASIL, 1980, p. 1) “que institui o feriado nacional de 12 de outubro em homenagem a Nossa Senhora Aparecida. O projeto substitui a expressão ‘padroeira do Brasil’ por ‘padroeira dos brasileiros católicos apostólicos romanos’ e a expressão ‘culto público e oficial’ por ‘homenagem oficial’” (RESENDE, 2018, [s. p], aspas do autor). Embora a PL exista, ela foi arquivada em 2008 e não foi capa do Jornal Folha de S. Paulo. Por isso, diante do exposto, a sua configuração como gênero caracteriza-se como notícia, mas sua verificabilidade atesta para um conteúdo falso, ou seja, fake news. Dessarte, essa fake news está inserida em uma formação discursiva religiosa conservadora, veiculada em um período político de polarização do país em que se tem um público religioso bastante efervescente em contraponto a outro grupo com pautas progressistas, plurais e de gênero.

Segundo Courtine e Haroche (1988, p. 39), “o rosto é um centro: a partir dele todas as semelhanças irradiam; para ele, todas as similitudes tornam; nele, todos os tipos de analogias familiares à ideia das assinaturas se descobrem”. Com base nisso, verifica-se que os rostos do ex-presidente e do evangélico Edir Macedo postos um ao lado do outro produzem sentidos sobre os enunciados que compõem a notícia. A expressão sarcástica de Bolsonaro gera para os eleitores católicos o descontentamento sobre o que está sendo posto nos enunciados. É como se pelo rosto ele afirmasse que a notícia é verdadeira e que ele não se preocupa com os eleitores que discordam de seu posicionamento. Ao seu lado à direita, Edir Macedo tem um semblante sério, passando a imagem de respeito e conhecimento sobre o assunto que defende retirar do feriado cristão, mostrando que ele respeita os católicos, mas mesmo sendo religioso, defende a laicidade do Estado, com isso adquire aderência do público não evangélico. No canto superior, a imagem de Nossa Senhora Aparecida, em um destaque menor que as figuras públicas, movimenta os sentidos de ataque aos católicos. A junção das diferentes semioses que corroboram para a análise dos enunciados será feita a seguir.

Considerando a manchete que acompanha a notícia, há dois nomes de figuras públicas que se tornaram referência dentro de algumas comunidades religiosas, sobretudo, as evangélicas. De um lado, está um bispo evangélico, teólogo, empresário, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus – uma das maiores igrejas protestantes do país – e, também,

proprietário do grupo Record e da Record TV, Edir Macedo. Do outro, o ex-presidente do Brasil, ex-militar e deputado, Jair Messias Bolsonaro (PL) – que tinha como carro chefe de sua campanha eleitoral os dizeres: Deus, Pátria e Família. Conforme Orlandi (2015), todo discurso está inserido sob condições de produções específicas e dentro dessa conjuntura há um jogo de formações imaginárias que “permitem ao sujeito passar da situação (empírica) para a posição discursiva. O que de fato produz significações, no discurso, são essas posições. E elas significam em relação ao contexto sócio-histórico e à memória (o saber discursivo, o já dito)” (ORLANDI, 2015, p. 38). Assim, os nomes das figuras públicas dispostos na manchete ocupam lugares sociais de prestígio que, chefiados pelo discurso religioso, credibilizam e dão corpo a proposta evocada.

De acordo com Pêcheux (2014b), “uma mesma palavra ou expressão podem mudar de sentido ao passar de uma formação discursiva a um outra” (PÊCHEUX, 2014b, p. 148), a partir dos lugares sociais e posições ideológicas que os sujeitos assumem. Nesse contexto, é possível observar o termo ‘polêmica’, que compõe a SD1 – ‘Encontro de Bolsonaro com Bispo Edir Macedo gera polêmica, ao sugerir a troca da imagem da Padroeira do Brasil’ –, e não dispõe de um único lugar de significação na notícia, pois está regido sob formações discursivas e interlocutores distintos. O primeiro interlocutor é atravessado pela formação discursiva religiosa de caráter ideológico evangélico, em que se manifesta os já ditos da reforma protestante liderada pelo alemão Martim Lutero. Além dessa, há outras formações discursivas, que estão filiadas ao substantivo: a formação discursiva religiosa de matriz africana e também a formação discursiva ateísta. Essa heterogeneidade discursiva significa haver, no enunciado, distintos sujeitos que, mesmo em formações discursivas distintas, oferecem posições discursivas de concordância com a temática, ao serem levados pelas posições ideológicas próprias, mas que se entrelaçam, a se posicionarem a favor do que está sendo noticiado.

Em contrapartida, o substantivo ‘polêmica’ também possui outro efeito de sentido: o de contrariedade ao que está sendo proposto e regimentado pelo grupo de religiosos inseridos na formação discursiva religiosa católica. Além disso, a SD1 aforiza os discursos de imparcialidade e democraticidade, regidos pelo discurso de laicidade do Estado. Contudo, ao evidenciar tais discursos, silenciam outros. Os silêncios estão presentes nas palavras e eles significam através do não-dito: “todo dizer apaga necessariamente outras palavras, produzindo um silêncio sobre os outros sentidos” (ORLANDI, 2001, p. 128). Outrossim, identificou-se o funcionamento de distintas formações discursivas alinhadas ao discurso de democraticidade, promulgado pelos já-ditos da laicidade do Estado, mas, que, por interesses ideológicos distintos, estão silenciados. É preciso que esses dizeres sejam de fato silenciados para funcionar o

entrelaçamento e desfavorecer apenas uma religião e evidenciar outras. A troca da Padroeira, a qual é o objeto da sugestão, pouco importa, o que é passível de ser considerada é a instituição de segregação religiosa em maior evidência.

A circulação da notícia, mesmo com as distinções apontadas, é conduzida tanto em movimento de concordância como de repúdio. Isso porque a dimensão midiática, na qual o conteúdo é produzido possui relações intrínsecas com seu alcance e também validação. O jornal Folha de S. Paulo é um jornal com grande alcance nacional e possui duas modalidades de veiculação (impresa e *online*) (FOLHA DE S. PAULO, 2023, [s. d]). Essas questões discursivas, que são inerentes à sua constituição, marcam o lugar de confiabilidade e produzem efeito de verdade sobre os dizeres que estão ali materializados. Por isso, a escolha do jornal está ancorada na formação imaginária que o compõe, a da credibilidade jornalística. Toda essa construção corrobora para a notícia a ser lida, creditada e repassada. Isso ocorre, pois, o processo discursivo funciona por um jogo de imagens que “resultam elas mesmas de processos discursivos anteriores (provenientes de outras condições de produção) que deixaram de funcionar, mas que deram nascimento a ‘tomadas de posição’ implícitas que asseguram a possibilidade do processo discursivo” (PÊCHEUX, 2014a, p. 85, aspas do autor).

O processo discursivo está sujeito à língua e à história, os efeitos de evidência produzidos pela ideologia através dos esquecimentos produzem em nós a impressão da realidade objetiva, isto é, tem-se a ilusão de que somos origem do que dizemos. No entanto, esse assujeitamento ideológico não é todo completo, pois o processo de interpelação ideológica dos indivíduos em sujeitos do discurso pode funcionar, de um certo modo, “às avessas, isto é, sobre e contra si mesma, através dos ‘desarranjo-rearranjo’ do complexo das formações ideológicas (e das formações discursivas que se encontram intrincadas nesse complexo)” (PÊCHEUX, 2014b, p. 202, aspa do autor). Já na SD2 – ‘A discussão da proposta de substituição da imagem de Nossa senhora Aparecida gerou inquietação entre eleitores de Bolsonaro’ –, é possível perceber que o substantivo ‘inquietação’ marca um discurso de oposição, funcionando em uma formação discursiva política de esquerda que aforiza o discurso religioso católico. Essa delineação discursiva aponta dois caminhos. O primeiro está sob efeito de sentido de confusão entre os eleitores. O segundo permeia o fato que nem todos os eleitores de Bolsonaro compactuam com o que está sendo noticiado.

Tal grupo se posiciona em favor das políticas de direitas ancoradas sob o *slogan* de ‘Deus, pátria e família’, mas compreendem, por ‘Deus’, a crença católica que seguem. Essa formulação se comprova pelo trecho seguinte, a SD3 – ‘Agora passou do limite, diz eleitor de Bolsonaro’. O advérbio de tempo utilizado para iniciar a sequência discursiva indica haver uma

dispersão marcada pelo efeito de sentido de oposição à proposta. Há uma marcação dos sujeitos que estão alegando o passar dos limites do candidato que se refere ao fato da sugestão da proposta de troca da padroeira do Brasil. Nesse conflito, há uma dupla representação imaginária que retoma a velha questão política brasileira, da qual nunca foi desprendida, mas acentuada nos últimos anos, o conservadorismo religioso em voga na política. À revelia dessas reflexões, há os discursos de anticorrupção e manutenção dos valores morais e tradicionais da família que unem os grupos conservadores a aderirem ao voto no ex-presidente do Brasil. O apoio à candidatura de Bolsonaro “não só de evangélicos, mas de cristãos católicos que o reconhecem como a melhor e única saída para as mazelas do país [...] permite estabelecer uma relação entre a figura do candidato e o forte messianismo do catolicismo popular e evangélico do pentecostalismo” (PINEZI; CHESNUT, 2018, [s. d]).

A próxima sequência, SD4: ‘A crítica Renata Leal, ressalta: acredito que Jair tomará essa postura, não somente pelo tom da pele da Padroeira, e sim para trazer mudança em todos os cenários’, mobiliza-se o discurso de justificação que “equivale a navegar entre a intenção e o resultado. Ele é o contrapeso à crítica que o provocou” (CHARAUDEAU, 2008, p. 126). Pressupõe-se que o lugar social de um crítico está imbuído de conhecimento aprimorado sobre determinado assunto, assim sua justificativa fundamenta argumentos, pois se trata de uma pessoa que difere do senso comum. Essa caracterização legitima o discurso e produz efeito de sentido de confiança e credibilidade em relação à proposta. Orlandi (2001) mostra que, ao longo do percurso do nível de constituição do dizer, “as diferentes formações discursivas regionalizam as posições do sujeito em função do interdiscurso[...] A relação do sujeito com a memória se materializa na relação sujeito/ autor, discurso/texto” (ORLANDI, 2001, p. 94). Assim, outros efeitos de sentidos podem ser rastreados na sequência: o termo ‘tom de pele’ quando inscrito pela formação discursiva religiosa atualiza os já ditos sobre o processo colonial, construído através da escravidão e do cristianismo, que legitimam a intolerância religiosa e o racismo vigentes no país.

Ainda na SD4, observa-se a escolha lexical do verbo transitivo ‘trazer’ [mudança] que, ancorado pelo discurso de democraticidade e laicidade, evidencia a formação discursiva política, fazendo funcionar já ditos dos casos de corrupção televisionados em rede aberta, a Operação Lava Jato. Diante de tais fatos, a última SD5 – ‘Edir Macedo por sua vez sugere a substituição, alegando que a Padroeira foi descoberta no fundo do rio, devido ao fato de o Vale do Paraíba ser o berço do Candomblé no Brasil’ – atesta os apontamentos anteriores. As SDs do objeto têm, em si, relações, haja vista que o discurso se realiza por meio de uma rede de relações complexas de formações ideológicas, “que determina[m] essa formação discursiva

como tal, objetividade material essa que reside no fato de que algo fala sempre antes” (PÊCHEUX, 2014b, p. 149). Assim, a SD5, inscrita sob a formação discursiva religiosa, em um discurso religioso conservador de caráter ideológico judaico cristão retoma os acontecimentos históricos de intolerância religiosa às religiões de matriz africana, e também marca o discurso racista e de ódio ao Candomblé, uma religião afro-americana que pratica cultos a divindades de origem africana. Essa filiação pode ser observada pelo uso do termo ‘berço do Candomblé’.

Recapitulando as discussões traçadas nesta seção, observa-se que, nos objetos coletados e analisados em sua compreensão do gênero notícia, encontram-se distintas interpretações. Ao analisar as materialidades pelo gênero, percebeu-se uma heterogeneidade: o primeiro objeto caracteriza-se como montagem, o segundo como conteúdo sensacionalista e o terceiro *fake news*. No entanto, há uma questão importante que os unem, o processo de montagem do conteúdo – todos os objetos passam por esse crivo na sua construção. O que se assemelha com a própria definição de gênero, segundo Maingueneau (2015), mas só adquirem sentidos se estiverem integrados a outros tipos de gênero e precisam ser observados a partir de uma “esfera de atividade, campo discursivo e lugar de atividade” (MAINGUENEAU, 2015, p. 67). Assim, os gêneros são constituídos por meio de um conjunto de textos e variam conforme os lugares, épocas e coerções. A montagem, em si, não é considerada gênero, mas a construção de um gênero passa por ela, ou seja, ela é a ferramenta que costura os liames para formar os gêneros. Enquanto formulação, a montagem é um espaço de múltiplas versões, passíveis de derivações de sentidos e construções de outros.

A montagem é um espaço de construção, recriação e atualização de sentidos, pois, como afirma Orlandi (2001), todo texto é “atravessado por formações discursivas, ele é afetado por diferentes posições do sujeito, em sua relação desigual e contraditória com seus sentidos, com o político, com a ideologia” (ORLANDI, 2001, p. 115). A montagem é junção de várias textualidades discursivas sobrepostas às outras, a fim de formar outras tessituras discursivas. Entretanto, a sua constituição ocorre no silêncio de modo que o autor permanece no anonimato, uma vez que o importante são os sentidos instaurados por meio do processo de recortes. Os acontecimentos que serão base para construção da notícia falsa, ao serem recortados, constroem narrativas, silenciam outras e produzem outros sítios de significância pela linha tênue entre a verdade e a mentira regidas por formações discursivas e ideológicas já materializadas e incorporadas no seio social que atravessam os sujeitos do discurso. A montagem é a base material de sentido das *fake news*, é ela que dá corpo ao texto, residindo mais no não-dito do

que no dizível e, ao ser veiculada, deriva de um gênero para o outro, estabelecendo espaços confusos, dificultando sua própria definição.

É pela montagem que são produzidas, nas notícias falsas, situações de comunicações que emergem pelos discursos. Desse modo, os sentidos da montagem são importantes na configuração do gênero, pois a notícia falsa só se torna gênero pela montagem, sem ela não há existência de fake news. Com efeito, se nem todas as materialidades analisadas se agrupam as características do gênero notícia, por que elas são consideradas socialmente como tal? A primeira tentativa para responder à questão é delineando um percurso sobre o funcionamento das chamadas fake news no seio social que se dá pelo valor. Isto é, as definições sobre notícias falsas posicionam-se no eixo sintagmático entre verdade e mentira, e elas retomam às notícias falsas na história, por exemplo, as que foram citadas nas linhas introdutórias deste estudo: boato, suposição, difamação e fato. Os sentidos delas abstraídos, mesmo em configurações distintas, estão presentes nas fake news, ou seja, dizeres já ditos que foram ‘esquecidos’ na equivocidade da língua, já que “as palavras que oferecem algo em comum se associam na memória e assim se formam grupos dentro dos quais imperam relações muito diversas” (SAUSSURE, 2012, p. 172).

Assim, o termo fake news representa uma rede interdiscursiva das notícias falsas na história, sofre rupturas, mas o seu valor social perdura. Conclui-se que o valor de fake news é um dos elementos de sua constituição. A segunda questão é que esse valor não se constrói historicamente apenas pelas relações que se têm com outras notícias falsas, mas, sobretudo, pelo processo que antecede essa cisão e que por meio dele se constroem as primeiras formas de notícias falsas que vão desencadear tanto as das histórias como as da atualidade denominadas por fake news. Desse modo, nossas escolhas lexicais e aderências a termos estrangeiros para nosso arcabouço lexical são gestadas no seio discursivo de colonização linguística que, ao ser introduzido na sociedade brasileira através do processo colonial, produziu “modificações em sistemas linguísticos que vinham se constituindo em separado, ou ainda, provoca reorganizações no funcionamento linguístico das línguas e rupturas em processos semânticos estabilizados” (MARIANI, 2004, p. 28). Posto isso, o que está em jogo no uso da terminologia fake news no Brasil “é a heterogeneidade linguística que será parte do século XIX, sendo denominada de língua brasileira” (MARIANI, 2004, p. 22).

A última questão para entender como se dá o valor de fake news nas materialidades discursivizadas nas vias midiáticas é que a concepção tomada sobre a verdade – o material fundamental da construção de notícias falsas –, é, na era pós-moderna, estruturada pela

modernidade líquida³⁸ (BAUMAN, 2007). Nessa perspectiva, o conhecimento e as relações humanas se constroem em uma sociedade aberta, de indivíduos livres, dando espaço para a concepção relativista, modificando a “forma dos indivíduos se construírem como sujeitos em sociedade, gestando vários pontos de vista válidos sobre noções, acontecimentos, por conseguinte, a concepção da ‘verdade’ passa por uma reformulação ainda em andamento” (LISBOA; SOARES, 2022, p. 76-77, aspas dos autores). Como o relativismo se estabelece nas ciências sociais, influencia a forma como os sujeitos se posicionam socialmente e, mais ainda, instrumentaliza, reformula e dita as regras do jogo (LISBOA; SOARES, 2022). Esse processo se materializa por meio do discurso, e os gêneros se posicionam secundariamente aos aspectos da divulgação. Tudo é fake news, e todas as materialidades estão funcionando em oposição ao valor de verdade e mentira. Há uma regularidade discursiva no valor das notícias falsas da história, o valor é estável e relativo a outro valor linguístico, que possuem relações de semelhança ou oposição, materializado pelo discurso. No próximo capítulo, será melhor discutida a questão do relativismo como parte constituinte de construção das notícias falsas.

³⁸ A modernidade líquida é um termo cunhado pelo sociólogo Zygmunt Bauman e se refere a estruturação da sociedade de hoje em que as relações são líquidas, isto é, há uma fluidez que molda a sociedade de maneira rápida e imprevisível.

3 FAKE NEWS E O RELATIVISMO

A busca pela verdade cerceia a humanidade em diversos campos, tempos e espaços, desde a Grécia antiga, nos diálogos dos sofistas e dos filósofos. É possível citar, por exemplo, as reflexões de Aristóteles, para quem as noções de verdade e falsidade não estão nas coisas em si, mas no dizer, no pensar. A verdade se fundamenta em diferentes saberes e objetos, em que cada um tem sua própria finalidade:

E também é justo chamar a filosofia de ciência da verdade, porque o fim da ciência teórica é a verdade, enquanto o fim da prática é a ação. Com efeito, os que visam à ação, mesmo que observem como estão as coisas, não tendem ao conhecimento do que é eterno, mas só do que é relativo à determinada circunstância e num determinado momento. Ora, não conhecemos a verdade sem conhecer a causa. Mas qualquer coisa que possua em grau eminente a natureza que lhe é própria constitui a causa pela qual aquela natureza será atribuída a outras coisas” (ARISTÓTELES, 2002, p. 43).

Aristóteles (2002) mostra, nesse trecho, que a verdade é mais duradoura quando está ancorada a objetos que não sofrem modificações temporais, haja vista que é o saber detido que a coloca como durável. “Com efeito, elas não são verdadeiras apenas algumas vezes, e não existe uma causa ulterior do seu ser, mas elas são as causas do ser das outras coisas. Por conseguinte, cada coisa possui tanto de verdade quanto possui de ser” (ARISTÓTELES, 2002, p. 43). Para Chauí (2000), o desejo pela verdade é manifestado nos seres humanos muito cedo, através do desejo de acreditar que as coisas são exatamente como nos apresentam. A autora ainda afirma que a verdade pelo olhar dogmático parte de três concepções: no hebraico, significa confiança; em latim, a verdade “se refere à precisão, ao rigor e à exatidão de um relato, no qual se diz com detalhes pormenores e fidelidade o que aconteceu”; em grego “a verdade é a manifestação daquilo que é ou existe tal como é” (CHAUÍ, 2000, p. 123). Assim, nessa perspectiva dogmática, a realidade e verdade caminham lado a lado (CHAUÍ, 2000).

Derrida (1996) cita o caso de um chefe de Estado, Jacques Chirac (1995-2007), que ficou conhecido pela mídia internacional após ter declarado publicamente a omissão de responsabilidade há mais de meio século pelo envolvimento da França no Holocausto. Tal omissão, segundo Derrida (1996), permite entender que,

“o valor de um enunciado a respeito de fatos reais (pois a verdade não é a realidade, mas antes de tudo o valor de um enunciado em conformidade com aquilo que pensamos) poderia depender de uma interpretação política no tocante a valores, heterogêneos aliás (possibilidade, oportunidade, necessidade, justeza ou justiça) (DERRIDA, 1996, p. 18).

Derrida (1996) traz algumas considerações acerca do pensamento de Nietzsche sobre o assunto. Em *História de um erro (Geschichte eines Irrtums)*, Nietzsche narra, em seis episódios, a “história do mundo verdadeiro” (DERRIDA, 1996, p. 8), defendendo a tese de que o mundo

verdadeiro é, na verdade, um erro, algo que Derrida (1996) contesta. A história da mentira em sua determinação clássica não pode ser considerada um erro, “pode-se estar no erro, enganar a si mesmo sem intenção de enganar os outros e, portanto, sem mentir” (DERRIDA, 1996, p. 8). O autor ainda afirma que o ato de mentir se faz intencionalmente ao outro, não por si e se estabelece na relação na qual o mentiroso tem consciência parcial ou total do que profere (DERRIDA, 1996). Esses atos intencionais, aos quais o autor se refere, têm a finalidade de enganar ou fazer o outro acreditar no que foi dito.

Derrida (1996) cita o caso de Jaques Chirac, chefe de Estado francês (1995-2007), que, após sua eleição, declarou publicamente a responsabilidade do Estado pela deportação de milhares de judeus e por numerosas iniciativas que não foram tomadas pela ocupação nazista (DERRIDA, 1996). Esse caso foi amplamente divulgado no mundo inteiro pela mídia. Derrida aponta que os seis ex-presidentes anteriores da república francesa (Auriol, Coty, De Gaulle, Pompidou, Giscard, d’Estaing, Mitterand) não acreditavam que a França deveria assumir a responsabilidade por um crime contra a humanidade e, somente depois de 50 anos, esse caso foi legitimado por Chirac. O autor ainda ressalta:

O fato de que, durante meio-século, nenhum chefe de Estado francês tenha julgado possível, oportuno, necessário ou justo constituir em verdade uma imensa culpabilidade francesa, reconhecê-la como verdade, já permite entender que em tal caso o valor da verdade, isto é, da veracidade, o valor de um enunciado a respeito de fatos reais (pois a verdade não é a realidade, mas antes de tudo o valor de um enunciado em conformidade com aquilo que pensamos) poderia depender de uma interpretação política no tocante a valores, heterogêneos aliás (possibilidade, oportunidade, necessidade, justeza ou justiça) (DERRIDA, 1996, p. 18).

Isso leva a compreender que o valor da verdade a respeito do fato estaria subordinado a uma interpretação dos atores que assumem cargos políticos e que formam o Estado. Esse caso do silenciamento de uma verdade das autoridades francesas sobre a responsabilidade do Estado em assumir o massacre do *Vel d’Hiv*³⁹, o fato só adquiriu valor de verdade (sendo inscrito na história francesa) ao ser assumido por Chirac, sendo que antes disso era insignificante. Diante da repercussão da relação entre o Estado francês e o Holocausto, manifesta-se um jogo político para responder às acusações. Porém, o efeito de sentido, que se materializa na forma como foi produzida a declaração por Judt⁴⁰ (omitindo as manifestações intelectuais), aforiza o

³⁹ Pista de ciclismo de inverno, lugar em Paris onde foram concentrados mais de 12 mil judeus estrangeiros, em 1942, apreendidos pela polícia francesa durante cinco dias. Segundo Santos Neto (2017), “as forças policiais francesas entregaram milhares de judeus para deportar na Alemanha, esses judeus ficavam no Vel d’Hiv, o velódromo de inverno, segregados e aguardando a viagem para a Alemanha, onde seriam transportados para campos de concentração” (SANTOS NETO, 2017, p. 118).

⁴⁰ Tony Judt era um professor universitário que escreveu uma reportagem do jornal New York Times intitulada *French war stories* (histórias da guerra francesa), logo após as eleições que trouxeram Chirac a presidência, a fim de relatar a declaração de Chirac. Segundo Derrida (1995), Judt não aprofunda no caso, não retratando a carta

silenciamento ‘necessário’ para encerrar o mais rápido possível o envolvimento da França com esse episódio da história. Segundo Orlandi (2001), “é no silêncio que existem as palavras, que as atravessa, que significa o não-dito e que dá um espaço de recuo significante, produzindo as condições para significar” (ORLANDI, 2001, p. 128). Assim, o discurso de omissão funciona numa rede intradiscursiva da política de censura operada na época, ao mesmo tempo em que aforiza o discurso do esquecimento sobre o Holocausto. O caso demonstra os liames que percorrem a busca pela verdade enquanto fato discursivo, ou seja, provenientes de um sujeito inserido em um contexto histórico e social.

Prosseguindo pelas abordagens de autores que oferecem proposituras teóricas sobre a concepção de verdade importante para este capítulo, tem-se que o entendimento sobre a verdade para Hannah Arendt (1972) é tomado como ‘verdade factual’, relacionando-se com as pessoas e se materializando na discursividade. É estabelecida por testemunhas e necessita de uma comprovação, por isso, sua existência se dá enquanto é falado sobre ela (ARENDR, 1972). Partindo dessa perspectiva, a tese de Althusser (2022) sobre ideologia nos ajuda a compreender o terreno complexo da verdade. A ilusão da transparência da linguagem e a evidência dos sentidos produzidos pela ideologia estão diretamente relacionados ao lugar que o sujeito ocupa em sociedade, posicionando-se e associando imagens e ideias na relação consigo e com o outro. Para o autor, a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos, de modo que só há ideologia pelo e para o sujeito: “a ideologia só é possível pelo sujeito, isto é, pela categoria de sujeito e de seu funcionamento” (ALTHUSSER, 2022, p. 104). Isso posto, a concepção de verdade é gestada no seio ideológico, é nele que se fornece ao sujeito uma verdade a partir da representação imaginária sobre si e sobre o outro – representação essa que Pêcheux (2014a) vai designar, na teoria do discurso, como formações imaginárias.

Foucault (2002) também traz apontamentos sobre a verdade em uma perspectiva nietzschiana. Para o autor, nos vários lugares da sociedade, a verdade se constitui a partir de princípios de regulação em que há um “certo número de regras de jogos [...] a partir das quais vemos nascer certas formas de subjetividade, certo domínio de objeto, certos tipos de saber e, [...] a partir daí fazer uma história externa, exterior, da verdade” (FOUCAULT, 2002, p. 11). O autor ratifica que a verdade não existe fora do poder ou sem ele; sua produção se dá nele, a

aberta escrita pelos intelectuais franceses a um dos presidentes anterior, François Mitterrand, pedindo-lhe o reconhecimento do que Chirac havia feito publicamente.

partir das inúmeras coerções e por ele produz os efeitos que são regulamentados de poder (FOUCAULT, 2021a). Nessa esteira, afirma que toda sociedade possui seu regime de verdade, e esse regime é feito a partir dos, a) tipos de discurso que ele faz funcionar como verdade, b) nos mecanismos usados para distinguir os enunciados e a maneira como autentica um ou outro, c) nas técnicas ou procedimentos utilizados para valorar a verdade, e, d) no estatuto daqueles que detêm o dizer (FOUCAULT, 2021a). Assim, a verdade é entendida em uma perspectiva do discurso, na qual esta pesquisa se ancora. De acordo com as concepções relativistas vivenciadas na contemporaneidade, de indivíduos livres, o que pode ser verdade para um grupo pode não ser para o outro grupo. E essas ‘verdades’ são apresentadas pelo valor que representam a partir de outras ‘verdades’.

Prosseguindo com a compreensão sobre a verdade, e seguindo à exposição dessas concepções, verifica-se a utilização de verdades parciais para a construção de ilusões, mentiras que se passam por verdade pela forma como são colocadas. Koyré (2019) caracteriza a mentira na Idade Moderna, diferenciando-a como “fabricada em massa e se dirige às massas” (KOYRÉ, 2019, p. 121). O modo como é produzida e vinculada torna-a uma arma cuja finalidade é modificar, transformar, guiar em direção ao que não é. Quando articulada ao contexto de regimes totalitários, a mentira manifesta-se como importante expoente nas relações políticas, uma vez que as conspirações por elas propostas, nesses regimes, tendem a se tornar uma organização em massa, cujo objetivo é reforçar o sentimento de superioridade da nova classe e seu pertencimento a uma elite separada da massa (KOYRÉ, 2019). As filosofias dos regimes totalitários proclamam a concepção da verdade objetiva e válida para todos, sendo que o critério da verdade apresenta na sua “conformidade com espírito, raça, nação ou classe, e nega o valor do próprio pensamento” (KOYRÉ, 2019, p. 121). Assim, a verdade torna-se um instrumento de engano, sem que seja preciso esconder ou dissimular metas, pelo contrário, é possível proclamá-las (KOYRÉ, 2019). Como exemplo, Koyré (2019) traz o caso de Hitler, que anunciou publicamente todo seu programa de governo, “precisamente porque ele sabia que não seria acreditado pelos ‘outros’, que suas declarações não eram levadas a sério pelos não-iniciados; foi precisamente dizendo-lhes a verdade que ele estava certo de enganar e anestesiar seus adversários” (KOYRÉ, 2019, p. 127).

Todas as compreensões teóricas pontuadas anteriormente sobre verdade resultam em transformações que ocorrem na sociedade a partir de determinadas condições de produção. Pode-se verificar que cada posição teórica exposta acima envolve aspectos sociohistórico ideológico de uma determinada época. Essas acepções de sentidos sobre a verdade são empreendidas a partir de um certo tipo de organização social, ou seja, o modo como os

indivíduos leem o mundo e nele se organizam (ARISTÓTELES). Dito de outra maneira, a base da comunicação humana envolve um certo tipo de organização e com ela a noção de ordem social. Os apontamentos teóricos de Arendt (1972), Chauí (2000), Aristóteles (2002), Foucault (2002, 2021a), Althusser (2022), Koyré (2019) e Pêcheux (2014a) são utilizados, pois auxiliam na compreensão de uma questão peculiar para o entendimento das fake news. No eixo paradigmático que alicerçam as notícias falsas percorrem a noção de verdade factual (ARENDR, 1972), os aspectos sobre a crença religiosa da qual depende Chauí (2000), a concretude do mundo em que expõe Aristóteles (2002), os posicionamentos Ideológicos apontados por Althusser (2022), os movimentos totalitários mencionados por Koyré (2018), os valores de verdade a partir das posições de poder citado no caso de Chirac, por Derrida (1996), os princípios de regulação e poder dos regimes de verdade (FOUCAULT, 2002, 2021a) e também os espelhamentos dos sujeitos (PÊCHEUX, 2014a).

Esses elementos segmentam e constituem as notícias falsas da atualidade, percorrem um movimento interdiscurso que apresentam nas materialidades veiculada hodiernamente com fake news como “nova” compreensão da verdade, portanto, trata-se de uma atualização discursiva que emerge num processo de mudança paradigmática nas ciências humanas em que o conceito de verdade passa por reformulação. Explicando melhor essa questão, pode-se citar as considerações que Thomas Kuhn (2013) faz sobre a história da ciência que, ao observá-la, depende que as realizações científicas são produzidas a partir de paradigmas que se estruturam por determinadas teorias, leis e técnicas aplicadas a uma certa comunidade científica, “tudo vai bem até que os métodos legitimados pelo paradigma não conseguem enfrentar o aglomerado de anomalias; daí resultam e persistem crises até que uma nova realização redirecione a pesquisa e sirva como um novo paradigma” (KUHN, 2013, p. 20). Os cientistas adeptos ao novo paradigma desenvolvem articulações necessárias para acomodar novas regras que coordenem e dirijam atividades outras em padrões que impliquem a substituição da estrutura teórica anterior.

As mudanças paradigmáticas, como bem pontua Kuhn (2013), ocorrem de tempo em tempo e elas traçam a linha histórica da humanidade. A questão da reformulação do conceito de verdade está imbuída numa grande ruptura paradigmática que marcou transformações em todo o mundo e está inserida no que foi denominado como “‘a longa pós-prosperidade do pós-guerra’, quando um ritmo acelerado de crescimento econômico e desenvolvimento tecnológico atingiu tanto o mundo capitalista quanto o mundo dito socialista” (PAES, 1992, p. 9, aspas da autora). Essa época e a conseguinte foram marcadas por um intenso ativismo político-social e cultural. Os resquícios das duas grandes guerras mundiais, entre outros movimentos, agitaram

a sociedade em busca de ideais revolucionários. Todo esse emaranhado de acontecimentos desencadeou uma ceticidade total e radical. Nessa nova configuração, os intelectuais vão se debruçar a pensar a sociedade e criticar as ditas ideias universais.

A quebra de fronteiras através da globalização e o mundo mediatizado encenam uma sociedade cuja base se estrutura não mais nas características do pensamento iluminista, mas na quebra de padrões sociopolítico cultural tecida pela ideia de uma sociedade aberta, livre e em construção constante, nela “a sociedade é cada vez mais vista e tratada com uma ‘rede’ em vez de uma ‘estrutura’ (para não falar em uma ‘totalmente sólida’): ela é percebida e encarada com uma matriz de conexões e desconexões aleatórias e de um volume essencialmente infinito de permutações possíveis” (BAUMAN, 2007, p. 9). Nessa direção, o sociólogo Baudrillard (1981) mostra que as realidades únicas compreendidas no pré-modernismo deixaram de existir devido à produção em massa da modernidade, na qual o original era a base para as cópias idênticas produzidas. Já na era pós-moderna, o significado do real esvazia-se. A tentativa de produção e reprodução do real é feita na base do simulacro (uma reprodução hiper-real que simula a realidade), “quando o real já não é o que era, a nostalgia assume todo o seu sentido. Sobrevalorização dos mitos de origem e dos signos de realidade. Sobrevalorização de verdade, de objetividade e de autenticidade de segundo plano” (BAUDRILLARD, 1981, p. 14).

Outrossim, os termos políticos, sociais, culturais e epistemológicos são descentralizados. A sociedade agora é pensada pelos princípios da individualização, valorização do ‘aqui e agora’ atributos da hiper-realidade advindos da tecnologia, da pluralidade e do multiculturalismo. Esses princípios provocam uma ruptura nos valores e costumes anteriores. Nessa esteira, Pluckrose e Lindsay (2021) apontam que a percepção da realidade única e universal foi substituída por múltiplos conhecimentos e verdades supostas e igualmente válidas nos quais o conhecimento, verdade, significado e moralidade ganham outros valores, pois nessa fase eles são “culturalmente construídos e produtos relativos de culturas individuais, nenhuma das quais possui as ferramentas ou termos necessários para avaliar os outros” (PLUCKROSE; LINDSAY, 2021, p. 26). Para os autores, essa virada pós-moderna ocorre a partir de dois princípios: o do conhecimento pós-moderno, um “ceticismo radical sobre o conhecimento objetivo ou verdade objetiva” e o do político pós-moderno “a crença de que a sociedade é formada por sistema de poder e hierarquias” (PLUCKROSE; LINDSAY, 2021, p. 28). Esses princípios são subscritos a partir de quatro temáticas: 1) a indefinição de fronteiras, 2) o poder da linguagem, 3) o relativismo cultural e 3) a perda do individual e do universal (PLUCKROSE; LINDSAY, 2021). Nesse dilúvio que compõe a sociedade atual, o indivíduo é

condicionado a ser livre para se identificar e transformar-se a todo instante. Sua identidade é fluída e não possui mais raízes fixas (BAUMAN, 2007).

A fragmentação do indivíduo, característica da era pós-moderna, aprisiona-o em seu próprio mundo, ao mesmo tempo em que necessita do outro para validar que “seus poderes são genuínos e sua liberdade, autêntica” (EAGLETON, 2013, p. 298). Com a ótica da vontade de liberdade individual, abre-se então um leque para a relativização no modo como os indivíduos se constituem socialmente (LISBOA; SOARES, 2022). Nesse território, a verdade “é apenas um entrelaçar de ilusões; a identidade, o conjunto do que os outros fazem de nós, e a sanidade, qualquer consenso que a maioria descobriu por acaso” (EAGLETON, 2013, p. 325). Todavia, a noção de verdade é entendida nessa era a partir do ponto de vista do observador, ou seja, “cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é a vista de um ponto” (BOFF, 1988, p. 2). Assim, já não se tem uma verdade, há várias ‘verdades’ funcionando e elas são variáveis conforme os indivíduos que as proferem. É nesse berço instável e agitado que cerceia o fenômeno fake news da atualidade. Chegou-se aqui ao ponto crucial, ao qual se destina este capítulo, cujo objetivo é mostrar como o conceito de verdade concebido dentro dessas condições de produção corrobora para a constituição do fenômeno fake news, bem como sua disseminação. Para dar continuidade, a seguir, será aprofundado o conceito da verdade sendo percebido pela ótica do relativismo e sua relação com as fake news. A seguir, as discussões sobre o relativismo.

3.1: O relativismo como um instrumento: gestão de *fake news*

A célebre frase do sofista Protágoras “o homem é a medida de todas as coisas, da existência das que existem e da não existência das que não existem” (PROTÁGORAS, 152a, apud TORDESILLAS, 2019, p. 13) se opunha a filosofia socrática (que defendia a verdade absoluta e as ideias universais). Para Protágoras, a verdade e todos os valores, por assim dizer, eram relativos a demasiados pontos de vista, não há verdade e, sim, medidas humanas para todas as coisas. Tal pensamento sofista pode ser considerado a essência do pensamento relativista. Não obstante, o eixo paradigmático do relativismo pode ser aprendido também nas ciências exatas. A teoria da relatividade geral promulgada por Einstein, a qual o tempo e espaço são relativos, modificou as bases da física e também no que se refere a tecnologia, ao oferecer avanços no desenvolvimento da microeletrônica, umas das bases para criação da internet (VIEIRA, 2003). Contudo, é na antropologia que o conceito do relativismo emerge, a partir dos pressupostos do antropólogo Franz Boas. O “fazer antropológico” de hoje se institui através do

relativismo cultural (MEIRELLES; AYDOS, 2017, p. 44). Certa feita, a frase Socrática é retomada em um eixo paradigmático do relativismo nas diferentes áreas do conhecimento pelas condições de produção internas e atualizada no campo das ciências humanas, a partir do mundo globalizado e midiático (características da virada pós-moderna) seus efeitos são diversos, sobretudo, na concepção da verdade. A seguir, a degradação de sentido do relativismo, a partir de alguns autores e seu desmembramento.

Para Cardel (2013), a linguagem midiática é fruto do capital real e simbólico que se apropriou da forma mais nociva do relativismo ao criar “regras politicamente corretas, tanto para o mundo cotidiano como para o universo científico, que nada mais são do que o mais perverso desrespeito pelas reais diferenças e similitudes socioculturais e individuais existentes” (CARDEL, 2013, p. 80). Uma das preocupações suscitadas pela autora é que a relativização dos valores e coisas no intuito de construção de um ‘outro’ se faz em negar a possibilidade científica na compreensão das diferenças, de modo que cada cultura tenha sua própria forma de explicação e seu “leque de metáforas possíveis” sem possuir vínculo com as leis universais (CARDEL, 2013). O relativismo na antropologia, segundo a autora, representa uma ferramenta empobrecedora do ponto de vista epistemológico, pois conhecer as teias culturais dos grupos sociais (como eles vivem e percebem o mundo ao seu redor) não é o suficiente, é preciso analisar, sobretudo, “até que ponto as estruturas hierárquicas são convenientes para os indivíduos que a elas são submetidos; que visualize onde estão os pontos desestruturantes das culturas estudadas, e como e de que forma os indivíduos que as compõem pensam as mudanças” (CARDEL, 2012, p. 84).

Para Forquin (2000), o argumento relativista toma diferentes caminhos; o individualista radical com característica céticas e solipsistas “que considera os valores e as verdades como produtos sociais nos quais estão investidos interesses, paixões e preconceitos de coletividades humanas particulares”, o hipersubjetivismo, que considera a verdade como “uma construção ou conversão” e o hiperobjetivismo, o qual afirma que a representação e julgamento são “reflexo mecânico das características materiais e sociais da situação na qual nos encontramos” (FORQUIN, 2000, p. 51). Por outro lado, Kakutani (2018) aponta que o relativismo foi uma alternativa da nova esquerda, a fim de evidenciar ideais da burguesia ocidental e também da parte acadêmica pós-modernista, que se utilizou da concepção para argumentar que “não existem verdades universais, apenas pequenas verdades pessoais-percepções moldadas pelas forças sociais e culturais de um indivíduo” (KAKUTANI, 2018, p. 17). Ao empregá-lo, rejeita a possibilidade da realidade objetiva e substitui as noções de perspectiva e posicionamento pela ideia de verdade e pelo princípio da subjetividade.

Segundo o filósofo Ghiraldelli (2022), o pós-modernismo é, para as bases mais tradicionais da filosofia, um movimento pós-positivismo lógico que, de forma geral, pode ser entendido como a desreferencialização das áreas do conhecimento. A filosofia ao defrontar com as questões do relativismo o faz pelas “igualações a respeito da verdade” (GHIRALDELLI, 2022, p. 48). Com isso, adota a noção teórica do perspectivismo advindo de Nietzsche e dos pragmatistas americanos. Para o autor, “o perspectivismo não é um relativismo, muito menos relativismo cultural que permeia a parte do senso comum” (GHIRALDELLI, 2022, p. 48). A rigor filosófico “olhamos várias perspectivas e, não raro, escolhemos segundo sua utilidade e razoabilidade, e conseguimos assim agir a partir de critérios que sabemos escolher e expor” (GHIRALDELLI, 2022, p. 48). O gesto interpretativo filosófico, a partir do perspectivismo, em partes, não pode ser entendido como todo relativista, entretanto, faz parte do berço da teoria, haja vista que se baseia em Nietzsche, o qual postula “não existe fatos eternos: assim como não existem verdades absolutas” (NIETZSCHE, 2005, p. 16). Ora, o que seriam as “várias perspectivas” senão parte de um conjunto de formações discursivas alinhadas a um certo discurso e esse correspondente a determinados pontos de vista?

Compreende-se, então, que dentro da degradê de sentido, a essência teórica do relativismo se apresenta também na teoria perspectivista, mas a referida teoria envereda-se por um rigor científico intelectual como uma crítica a radicalização de como está sendo alinhado o relativismo radical. Essa ala, grosso modo, se desmembra pela ideia do construtivismo social e se empenha, dentro de outras coisas, a desenvolver novas formas de convivência sem as aparas culturais, ideológicas e a expressão da materialidade da sociedade dividida em classes. Segundo Risério (2019), o caminho do relativismo pós-moderno foi do relativismo antropológico que “defende que uma afirmação e ou um ponto de vista só pode ser considerado verdadeiro, ou falso com relação a uma cultura particular” (RISÉRIO, 2019, p. 39), para um ideologismo relativista a produzir uma política do relativismo e, por conseguinte, um ativismo relativista. Nele, há uma “absolutização absolutista do relativismo: uma coisa, para ser verdadeira, basta existir; os discursos só contam dentro de suas culturas” (RISÉRIO, 2019, p. 39). Assim sendo, a verdade só é válida na cultura que a produz. O percurso da verdade passa a ser compreendido pelo discurso relativista “se você não concorda comigo, você é fascista ou coisa pior” (RISÉRIO, 2019, p. 52).

Para Ghiraldelli (2022), a filosofia não se utiliza da verdade com acepção do senso comum, isso porque essa compreensão contribui para a generalização e, com isso, “abre as portas para se dizer que cada um tem sua verdade” (GHIRALDELLI, 2022, p. 47-48). Em boa parte, coaduna-se com os postulados de Orwell (2020), que assinala que quando o conceito de

verdade é relativizado abre espaço para que todos ditem as regras e estabeleçam sua própria verdade. Segundo Charaudeau (2022), a verdade “se expressa por meio da linguagem e assume certas formas de acordo com as condições de produção do ato da comunicação” (CHARAUDEAU, 2022, p. 47), isto é, depende dos atores sociais e dos processos sócio-históricos que os constituem. Quando ela é observada pela ótica da relativização “ninguém busca, a verdade, todos estão defendendo uma ‘causa’, com total desconsideração pela imparcialidade ou pela veracidade, e os fatos mais patentemente óbvios acabam ignorados por quem não quer saber deles” (ORWEL, 2020, p. 115). Em vista disso, Kakutani (2018) aponta que a democratização da informação corroborou para que a sabedoria das multidões ocupasse o lugar da cientificidade legítima “nublado os limites entre fato e opinião, entre argumentação embasada e bravata especulativa” (KAKUTANI, 2018, p. 39), cujos efeitos estimularam um certo empreendedorismo digital e, com isso, as informações passam a ser produtos do capital digitalizado. Com a sociedade do clique, o acesso à informação na palma da mão permite criar inúmeras narrativas e validá-las. É nessa seara, que a era da desinformação faz morada e contribui para as epidemias de notícias falsas, a saber, o fenômeno fake news.

Como foi apresentado, a relativismo é pauta de discussões em várias áreas do conhecimento. Há de se considerar que ele é, de certo modo, incorporado com mais fervor a partir das teorias pós-modernas que desloca a noção de indivíduo do iluminismo, no qual sua identidade era centrada e unificada. Essa base teórica cerceia mudanças num movimento crítico sobre o fazer científico. Algumas noções como a de sujeito são modificadas; para essas teorias ele é híbrido, fragmentado, deslocado e descentralizado em uma polissemia de identidades que se encontram e se repelem. Nesse espaço, os indivíduos assumem “identidades diferentes em diferentes momentos” (HALL, 2014, p. 12). Para Hall (2014), as sociedades modernas “são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes (...) identidades” (HALL, 2014, p. 12). Essas discussões serão aprimoradas, posteriormente, por Bauman (2007) que desenvolve a concepção da modernidade líquida. No âmbito da linguística, tal noção se deu principalmente pela hipótese Sapir-Whorf (1969) proposta nos anos de 1930, a qual será pontuada a seguir.

Os teóricos Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf, influenciados pelos ideais racionalistas de Wilhelm Von Humboldt (língua anterior ao pensamento) e também pelos postulados de Franz Boas (relativismo cultural), formulam a hipótese Sapir-whorf que também é conhecida como relativismo linguístico (MARCONDES, 2010). Para Sapir (1969), há uma interdependência entre língua e cultura, sendo impossível existir pensamento anterior à língua, isto é, o indivíduo teria aprendido primeiro a linguagem inserida em seu meio e depois a pensar.

Tal abordagem foi refutada pelas teorias sociolinguísticas, as quais compreendem a aquisição da linguagem pela e na interação Marcuschi (2007).

Partindo dessa concepção de aprendizagem de linguagem sociointeracionista⁴¹, os estudos de algumas áreas da Linguística vão propor mudanças no modo de fazer ciência em que se debruça em refutar a concepção de mundo modernista cunhada no paradigma dominante para construção de um paradigma emergente que compreende a realidade como lugar de constantes questionamentos de seus próprios interesses e domínios (PENNYCOOK, 1996). Essas acepções teóricas dizem respeito a terceira visão de língua⁴² que, segundo Soares (2018), trata-se de um “lugar de ação ou interação” (SOARES, 2023, p. 176). Nela, há “uma ação interindividual finalisticamente orientada e a prática dos mais diversos atos (de linguagem)” (SOARES, 2023, p. 176). Com isso, abrem-se possibilidades outras de teorização da produção de sentidos e compreensão dos objetos que, por sua vez, vão versar sobre uma ótica interpretativista, observando os aspectos socioculturais. Dentro das correntes teóricas que incorporam tal movimento, estão as teorias do discurso. De acordo com Soares (2023), essas teorias consideram o discurso “tanto dos expedientes da língua quanto das relações dispostas no circuito coletivo, como interação, trazendo, assim, uma gravidade para a língua em seus múltiplos desempenhos” (SOARES, 2023, p. 180).

Tendo vista dessa abordagem de língua interacionista, as noções de discurso desvelam que “todos os objetos simbólicos, presentes em todo e qualquer texto em seus mais variados registros, são construções sociais” (SOARES, 2023, p. 181). Tal proposição coaduna para que as interpretações sobre a “verdade” possam ser diversas, ou melhor, “pode-se escolher verdades e interpretações conforme o sabor do momento” (SOARES, 2023, p. 181). Ora, se o discurso possibilita, dentre outras coisas, uma visão relativista, há um leque de possibilidades de interpretações sobre o que é verdade e mentira e, se assim o for, são, portanto, válidos os demasiados pontos de vistas. Seguindo nesse caminho, a própria teoria do discurso estaria criando condições de possibilidade de gestão de fake news, já que, por meio de sua base teórica, depreende que as palavras podem mudar de sentidos segundo as posições de que as empregam (PÊCHEUX, 2014a); que a verdade se constitui por meio de princípios de regulação e poder,

⁴¹ Essa proposição está ancorada na visão interacionista de aprendizagem proposta por Vygotsky (1978). A rigor, o sociointeracionismo explica que o indivíduo se constitui por meio das interações sociais, de modo que transforma e é transformado nas relações produzidas em uma determinada cultura.

⁴² Cabe salientar que a compreensão de visões da língua discutida aqui advém dos pressupostos teóricos de Soares (2023), que a caracteriza em três dimensões; a) a primeira, trata-se do espelhamento do mundo “interpretar é recriar os objetos simbólicos impressos no espelhamento do mundo e de seus objetos” (SOARES, 2023, p. 176); b) a segunda, baseia-se na teoria de comunicação postulada por Jackbson, e a b) a terceira diz respeito ao lugar de interação social que se fundamenta a partir do sociointeracionismo de Vygotsky.

portanto, uma construção social (FOUCAULT, 1999, 2002), ou que o discurso deve ser interpretado por uma análise praxiológica de uso e função social (BAKHTIN, 2011). Assim, o discurso “como ferramenta de construção social, nos tempos atuais, coloca a sociedade em um aprofundamento da crise sócio-política existencial, com consequências de curto, médio e longo prazo” (LISBOA; SOARES, 2022, p. 80). Cabe mencionar também que embora as referidas teorias forneçam, em certa medida, bases para a criação de notícias falsas, algumas dessas teorias, partindo de seus recursos analíticos, permitem fazer o recuo da visão língua interacionista por meio de uma abordagem relacional de língua (SOARES, 2023) que é o que está sendo apresentada nesta pesquisa. Esse terreno fluído que desponta aos nossos olhos tem relações com o que foi pontuado no início deste capítulo, é a marcação de um processo de mudança paradigmática (KUHN, 2013) sobre o que é ciência e como fazer ciência que está sendo gestado.

Posto isso, na última seção, serão analisadas três sequências discursivas de manchetes jornalísticas falsas sobre as urnas eletrônicas disseminadas durante o pleito eleitoral brasileiro de 2018. É importante mencionar que as materialidades selecionadas fazem parte dos eixos discursivos que foram mais visibilizados durante as eleições. Elas possuem uma rede de significância sobre o que estava sendo entendido como verdade. No capítulo anterior, as sequências discursivas analisadas se ancoravam numa formação discursiva religiosa, esse é o primeiro pilar para categorização do eixo discursivo das fake news. Na última seção deste capítulo, serão analisados os discursos das manchetes jornalísticas falsas sobre as urnas eletrônicas.

3.2: Fake news sobre urnas eletrônicas

Os avanços da internet diluíram as noções de tempo e espaço no meio digital, o que fez com que passássemos de “consumidores de conteúdos, nos primórdios da internet, a criadores e geradores de informação em tempo real e a compartilhá-la com, potencialmente, o mundo todo” (GUTIÉRREZ, 2021, p. 65). Mas, esse processo não é tão transparente assim, pois os conteúdos produzidos e compartilhados passam pela lógica do capital tecnológico-informacional, o qual se caracteriza como conjunto de dispositivos e aparatos materiais e imateriais para integração dos indivíduos ao mundo digitalizado (FREITAS, 2004). Nele, as relações sociais são, antes de tudo, atribuídas a uma “lógica econômica, como práticas que objetivam a maximização do lucro, pessoal ou coletivo” (FREITAS, 2004, p. 117). Assim, a movimentação no digital para criação de conteúdos opera a acumulação do capital tecnológico-informacional. Os produtores de conteúdos se utilizam desse espaço para fins de trabalho

remunerado pelas plataformas, quanto mais sucesso têm, mais prestígio, para se destacarem como “sujeitos de sucesso” (SOARES, 2016, 2018, 2020a, 2022), produzem um compilado de conteúdos o mais rápido possível. Nas condições imediatas de produção, a saber, os atributos da pós-modernidade, nos quais tudo é construído e pensado pela ótica da relativização, contribui para saturação das informações. Essa movimentação ressignifica o sentido da noção de informação do jornalismo para ser aplicada na construção de fake news, relativizando-a. Nesta seção, serão apresentadas, em suma, as questões acerca da relativização da informação para mostrar de que forma elas se apresentam na construção das fake news e seus efeitos discursivos.

Segundo Furlanetto, Belochio e Saggin (2018), a tecnologia facilitou a produção e difusão da informação, mas no que se refere a área do jornalismo, também abriu portas para a veiculação de diversos conteúdos e, conseqüentemente, das fake news “a mistura de produções sem vinculação com publicações jornalísticas acaba criando riscos à credibilidade das produções noticiosas, visto que algumas produções falsas podem acabar sendo confundidas com elementos que são genuinamente do jornalismo” (FURLANETTO; BELOCHIO; SAGGIN, 2018, p. 1). Segundo Soares (2019), a instituição da mídia modifica a ordem econômica, social e cultural da humanidade e essa modificação é em si ideológica, mas não só, conforme evidenciado na seção anterior, a individualização dos indivíduos, atributo da pós-modernidade atrelada às tecnologias, produz o que Ghiraldelli (2022) denomina como subjetividade maquínica (fusão homem-máquina) “somos os que estão em máquina, no fluxo de troca de informações, e somente por nos adaptarmos aos algoritmos podemos viver e trabalhar” (GHIRALDELLI, 2022, p. 79-80). A partir dessa compreensão, não é a máquina que se submete a quem a criou, mas o criador que, para usá-la, se submete a uma situação maquinal.

Conforme Ghiraldelli (2022), o capitalismo é quem produz a tecnologia e para restabelecer novos modelos de produção capitalista tende a ser levantado, a fim de se apropriar de uma “nova matriz das estruturas produtivas, epistêmicas, culturais e ‘ideológicas’ que reacendeu e reenergizou a matriz anterior, transformando a ordem social num grande amálgama econômico, político e social” (MARSHALL, 2014, [s. p], aspas do autor). A tecnologia torna-se então o símbolo da era pós-moderna, que se estrutura a partir de “sua natureza, ‘disforme’, ‘descentralizada’, ‘descontínua’ e ‘distributiva’, a lógica ecossistêmica de toda a ordem social, cultural, política e econômica” (MARSHALL, 2014, [s. p], aspas do autor). O avanço tecnológico possibilitou a livre criação de demasiados conteúdos, sendo midiaticizados nas esferas digitalizadas, possibilitando as notícias falsas. Como são apresentados alguns conteúdos (a partir de manchetes jornalistas) credibiliza tal conteúdo. Esse é um dos caminhos utilizados para um discurso falso ocupar o lugar social da verdade. Sabe-se que essa retomada pelos

corredores da internet se faz importante, ao ser por meio dela que há uma mudança no tratamento das informações através da qual o campo do jornalismo é principal impactado. O modo como a sociedade absorve as mudanças da tecnologia faz com que o jornalismo se adapte ao meio, ampliando sua atuação e modificando suas estruturas e, assim, “novos formatos, categorias e funcionalidades são incorporados ao jornalismo, fazendo com que sua estrutura, seu formato e até mesmo sua linguagem seja modificada por aqueles que produzem notícias” (HUTTNER, 2020, p. 31).

Ao deprender pelas vias discursivas, Dias (2018) mostra que o sentido da tecnologia vai sendo construído historicamente e derivando de sentidos que, embora se pareça opaco, é cheio de rupturas e pontos de derivas, uma vez que a equivocidade faz parte do processo de historicização da tecnologia “estamos, então, cada vez mais na internet das Coisas, cujo auge seria a fusão entre o mundo físico e o digital” (DIAS, 2018, p. 129, *itálico da autora*). Os sentidos cunhados à relativização da informação jornalística se dão na e pelas condições de produção do sujeito pós-moderno (livre para fazer e dizer o que quiser), com isso as características e o lugar social da informação jornalística são ressignificados e relativizados. Algumas materialidades disseminadas durante o pleito eleitoral usam dos aspectos estilísticos do ‘fazer jornalismo’ e isso contribui para produzir o efeito de verdade e eficácia de tais conteúdos. A posição social que ocupa a notícia jornalística credencia tais discursos veiculados. O compartilhamento dos mesmos conteúdos diversas vezes produz o efeito de verdade que leva o leitor às formações imaginárias constituídas pelo jornalismo. Assim, a prática discursiva jornalista sofre uma ruptura inscrita pelas formações imaginárias que criam a ilusão do referencial da linguagem. A linguagem não está apenas no que é produzido, mas na construção de como é produzido e nos efeitos das narrativas produzidas. Tem-se, como exemplo, as materialidades que serão analisadas, ao fazerem uso das características estruturantes do saber jornalístico, tratam-se de manchetes falsas de caráter jornalístico. Porquanto, o efeito de verdade é adquirido pelo imaginário social que as compõem. A seguir, as análises das materialidades.

Figura 4 –Urnas eletrônicas e Hackers



(MOURA, 2018)

A materialidade acima, disseminada durante o pleito eleitoral brasileiro de 2018, foi checada pela agência de checagem de conteúdo, Aos fatos⁴³. A agência procurou o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) para averiguar o conteúdo, conforme noticiado pela corte. As urnas eletrônicas não foram invadidas por hackers, pois o sistema não dispõe de uso da rede mundial de computadores nos processos de votação, apuração e divulgação dos resultados do pleito eleitoral, desse modo, “a rede de transmissão de dados utilizada pela Justiça Eleitoral é completamente privativa e detém os mais avançados mecanismos de criptografia e segurança, que tornam inviáveis quaisquer ataques externos” (MOURA, 2018, Apud TSE, 2018, [s. d]). Como já argumentado, as notícias falsas partem de outros dados que foram discursivizados e, no processo de montagem, esses fatos são atualizados e incorporados a outros, atualizando os sentidos.

Como toda notícia falsa, sua construção baseia-se em recortes de informações ao longo da história. Ao tratarem de alguma temática polêmica no movimento de construção, esses feixes são montados de modo a apresentar uma ligação. Os elementos ancoram-se sobre formações discursivas e ideológicas, com um público alvo definido, partem, sobretudo, de histórias que não foram muito bem explicadas e que oferecem brechas questionáveis. Para ganhar uma notoriedade de visualização, algumas são apresentadas com características jornalísticas, outras com um sensacionalismo, quase todas possuem uma característica peculiar, erros ortográficos.

⁴³ Aos fatos é uma agência de checagem de notícias falsas criada em 2015. A empresa é registrada na junta comercial do estado do Rio de Janeiro, e seu modo de atuação híbrida, isto é, junção de aparatos tecnológicos e jornalísticos, propõe investigar campanhas de desinformação e checagem de fatos. Sua produção “baseia-se em uma rigorosa metodologia de apuração e verificação reconhecida por parceiras transnacionais, premiações e instituições de Estado” (DA REDAÇÃO, 2018, [s. d]), para isso, contam com uma equipe de profissionais capacitados composta por jornalistas, cientistas de dados, especialistas em OSINT (open Source Intelligence), programadores especialistas em inovação.

À primeira vista, pode ser interpretado que essa falha se dá pela velocidade que é produzida (produto da disseminação), será discutido mais sobre isso no terceiro capítulo. Nessa análise, a materialidade se caracteriza como manchete jornalística e possui uma dimensão midiológica (o site notícias Brasil online⁴⁴) que dá uma credibilidade ao que está sendo tratado, mas é possível visualizar tais deslizes ortográficos como utilização de caixa alta em todas as iniciais das palavras e falta de pontuação obrigatória antes da conjunção adversativa que inicia a segunda oração. Isso causa descredibilização visualmente, uma vez que a maioria dos jornais tem um cuidado com a redação da notícia, pode haver alguns deslizes, mas pouco repetíveis.

Isso posto, na SD1⁴⁵, o enunciado ‘Hacker’ produz efeito de sentido de polêmica, pois está veiculado aos já-ditos que questionam sobre a segurança nas urnas eletrônicas em voga desde a sua criação. Conforme aponta Orlandi (2015, p. 29), a memória discursiva é “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”. Quando a memória é retomada e atualizada no pré-construído *Hacker*, o sentido do substantivo é de que se trata de um(a) criminoso(a) digital especialista em burlar sistemas informacionais no mundo da internet e se constitui pela formação discursiva conservadora alinhada ao voto impresso, característica do Brasil colônia e do período ditatorial. Para Orlandi (2015), é pelo processo de evidência ideológica que os sentidos são organizados, já que o movimento ‘natural’ de significação supõe a inscrição do sujeito na materialização da língua. Desse modo, observamos que a formação imaginária atribuída a Instituição TSE, que versa pelo compromisso e responsabilidade social em garantir a seguridade das urnas eletrônicas, carro chefe do Estado democrático de direito, credibiliza o discurso anterior.

O verbo ‘insistir’ atribui o sentido de ocultar ‘algo’. Ocultar no enunciado possui dois significados; a) quem oculta esconde algo verdadeiro, b) quem oculta silencia algo que pode ser tanto verdadeiro como falso. Assim, o verbo “insistir” atravessado pela formação discursiva conservadora movimenta os já ditos do voto impresso e evidencia o discurso da dúvida. O TSE insiste e ao insistir recusa que tal argumento fosse verdadeiro ou evidenciado. Em contrapartida, se em seu lugar o verbo fosse ‘comprovar’, a afirmação anterior de que as urnas teriam sido invadidas seria negada em primeira instância. De acordo com Orlandi (2001), o silêncio medeia

⁴⁴ O site “Notícias Brasil Online” se encontra fora do ar, por isso, não foi possível delinear um gesto interpretativo analítico sobre a plataforma. Essa questão da fluidez de alguns sites que veicularam conteúdos falsos e hoje se encontram desativados está alinhada a disseminação das *fake news* e seus funcionamentos discursivos que serão discutidos no terceiro capítulo.

⁴⁵ SD1: Hackers Invadem As Urnas Eletrônicas Mas TSE Insiste QUE São Seguras. Você confia?

as relações entre o discurso e manifesta-se para além do dito e não-dito atravessando-os “não está apenas ‘entre’ as palavras” (ORLANDI, p. 2007, 69, aspas da autora). Dentre as movimentações parafrástica e polissêmica, o discurso de ocultação materializado no verbo ‘insistir’ está amparado no mecanismo discursivo do silêncio, o “silêncio construtivo, que nos indica que para dizer é preciso não dizer” (ORLANDI, 2001, p. 128). Dito de outro modo, para atestar a afirmação primeira (as urnas eletrônicas foram invadidas por *Hackers*) é necessário veiculá-la ao órgão responsável pela sua formação imaginária de garantir a segurança às urnas e, com isso, é produzida argumentação que ‘supõe que, mas não comprova’ presente discursivamente no verbo ‘insistir’. Assim, os rastros de comprovação da primeira afirmação se apagam pelo silêncio, enquanto emerge o discurso da dúvida, trazendo mais atenção a parte que toca o TSE.

Por essa via, depreende-se que há no todo do enunciado três movimentações; a primeira se trata de uma denúncia, mas sem dispor do veículo que averiguou tal ocorrido de que as urnas teriam sido hackeadas, já a segunda oração traz em seu seio estrutural a instituição TSE, posicionando-se na contramão da informação anterior e na terceira é lançada uma questão para o público resolver. Todo o enunciado é inscrito na formação discursiva de legibilidade e segurança do voto eletrônico, no qual são retomadas as condições de produção imediatas e históricas, as discussões sobre o voto impresso. Esse direcionamento produz um efeito de circularidade maior, ao instigar tanto àqueles simpatizantes da ideia de que as urnas não são seguras tanto quanto os outros que contrapõem tal argumento, fazendo a notícia ser compartilhada por ambas posições. Também, evidencia o discurso da neutralidade, característica do fazer jornalismo em manter a imparcialidade. Todavia, o efeito de neutralidade está alinhado às formações imaginárias definidas por Pêcheux (2014a) como “feixe de trações que designam o lugar que A e B atribuem a si e ao outro” (PÊCHEUX, 2014a, p. 82).

A formação imaginária do enunciatário (o jornal) está ligada às formações discursivas, que no enunciado diz respeito a segurança do voto eletrônico. Essa regra está atrelada a ideologia, que repousa sobre a institucionalidade e credibilidade do fazer jornalístico, “o ideológico, enquanto ‘representação’ imaginária está [...]necessariamente subordinado às forças materiais [...]” (PÊCHEUX, 2014b, p. 70, aspas do autor). O modo como é articulada a informação ao leitor, a partir do jogo imaginário, molda toda a estrutura enunciativa (site, alguns atributos da escrita jornalística) para garantir ao leitor conteúdo com responsabilidade e “verdade” dos fatos, o que o distancia de ser configurado como notícia falsa. Esse jogo de imagem entre o enunciador (jornal) e enunciatário (público) legitima o discurso sobre a invasão nas urnas eletrônicas, segundo Orlandi (1989) a “legitimidade do dizer é ela mesma uma

construção, ou melhor, um efeito discursivo (ORLANDI, 1989, p. 42). Quando tal discurso é legitimado, o valor da neutralidade disposta pelas características elencadas anteriormente levanta a dúvida sobre o sistema eleitoral, essa suficientemente oportuna que a informação seja validada, haja vista que o eixo paradigmático de sua significação está cadenciado mais para o lado de uma mentira do que propriamente uma verdade, posto que uma verdade não tem espaço para dúvida. A seguir, próxima análise.

Figura 5: Urnas eletrônicas e Venezuela



(MOURA; MENEZES, 2018)

A materialidade exposta foi veiculada pelo site 'jornal da cidade online'. Conforme a agência de checagem de conteúdo Aos fatos, a matéria possui distorções e desatualizações que se configuram como notícia falsa, ao contrário do site anterior. De acordo com Moura e Menezes (2018), o site é conhecido “pela difusão de conteúdo enganoso em favor de Jair Bolsonaro nas últimas eleições” (MOURA; MENEZES, 2018, [s. d]). O quantitativo de informações falsas veiculadas que lhe rendeu participações da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito das fake news foi alvo de processos judiciais por propagação de notícias falsas (REBELLO, 2020, [s. d]). Dito isso, será utilizada a manchete jornalística que integra a materialidade acima.

Na materialidade acima há uma bricolagem das figuras do ex-presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro e do ex-ministro do Supremo Tribunal Federal que atuou entre 2018 a 2020, José Antônio Dias Toffoli. As duas figuras políticas são separadas por duas linhas; a amarela que se posiciona do lado de Bolsonaro e a outra na cor vermelha do lado de Toffoli. Essas cores possuem significados na política brasileira, elas representam as cores das bandeiras dos dois partidos que disputavam o processo eleitoral de 2018, na matéria, funcionando sobre o eixo do bem e do mal. Desse modo, tem-se que de um lado há o candidato preocupado com o processo eleitoral e do outro o magistrado que teria vendido o código de segurança para a Venezuela. A

posição de poder de Dias Toffoli retoma os já-ditos sobre a ‘ditadura’ implementada na Venezuela, além de fazer um movimento de descredibilização do Supremo tribunal Federal para uma instituição corrupta, que se utiliza de seu poder para entregar o Brasil para a Venezuela. A posição da urna eletrônica, na imagem, divide os dois polos que constituem a polarização político-partidária brasileira e é reforçada pelos desenhos que estão na parte da frente dela; a Dilma Rousseff movimentando já-ditos do último governo do PT, a escolha dela é crucial pois faz silenciar o governo Temer e as pedaladas fiscais que foram basilares no seu *impeachment*, todos esses elementos se resumem em um só; corrupção no governo do PT. Abaixo, há a imagem do Bolsonaro, evidenciando a possibilidade de mudança a partir da escolha no voto do candidato que é posicionado em prol do direito do povo, enquanto que o ministro é visto como autoritarista, que ameaça à liberdade de escolha do eleitorado brasileiro.

A manchete, em questão, afirma que: ‘O TSE entregou códigos de segurança das urnas eletrônicas para a Venezuela e negou acesso para auditores brasileiros (veja o vídeo)’. O enunciado está subscrito na formação discursiva de política de direita e atravessado por outros enunciados, os quais têm profundas relações, tais enunciados são denominados de pré-construído, que segundo Pêcheux (2014b) é “‘sempre-já-ai’ da interpelação ideológica que fornece-impõe a ‘realidade’ e seu ‘sentido’ sob a forma da universalidade” (PÊCHEUX, 2014a, p. 151, aspas do autor). Noutros termos, trata-se de um elemento do interdiscurso (memória discursiva), que ao ser reinscrito no enunciado retoma elementos anteriores a produzir discursos. No caso da manchete jornalística, o substantivo Venezuela retoma o bordão que ficou conhecido nas eleições de 2018 ‘O Brasil vai virar uma Venezuela’, mas como todo processo discursivo produz uma série de deslocamentos e retomadas, esse enunciado não tem origem no ano de 2018, antes já se falava dele. Segundo Estanislau (2022), durante a campanha eleitoral de 2002, o candidato à presidência do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), José Serra, afirma que o Brasil poderia se transformar em uma Venezuela, caso seu oponente Luís Inácio Lula da Silva ganhasse as eleições. O bordão retomado em 2018, pela mesma ala política anterior, possui relações históricas com a disputa econômica que cerceia a Guerra Fria.

Conforme Viana (2020), depois da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos movimentaram-se discursivamente para os ideais comunistas serem repudiados e não ganhassem aderência no mundo. Para isso, em 1947, após a declaração da Guerra fria, os Estados Unidos da América criam a *Montion Picture Alliance for the Preservation of American Ideals* (Aliança Cinematográfica para a Preservação dos Ideais Americanos), cujo objetivo era desvincular-se de quaisquer vestígios comunistas na indústria cinematográfica. Segundo Viana (2020), tal estratégia usada pelos Estados Unidos foi primordial na construção do discurso

anticomunista “as diversas revistas científicas e culturais, filmes e livros financiados pelo governo conseguiram atingir seu objetivo que era atribuir ao governo da URSS uma imagem extremamente negativa[...] era essencial que a sua população e o resto mundo acreditasse que o inimigo agora era o comunismo” (VIANA, 2020, p. 36). Esse enunciado se reintegra a vários outros como ‘Brasil vai virar Cuba’, ‘delírio comunista’, ‘vamos varrer o comunismo do Brasil’, dentre outros. A gênese do discurso anticomunista emerge a partir da disputa tecnológica-militar e ideológica entre as duas grandes potências antagônicas. Os Estados Unidos, a partir do sistema capitalista neoliberal; a União Soviética, pelo viés socialista.

As novas movimentações políticas na sociedade agitam o império capitalista que se movimenta para não perder sua hegemonia e o faz a partir de questões políticas, econômicas e ideológicas. Desse modo, esses enunciados ‘O Brasil vai virar uma Venezuela’, ‘vai para Cuba, comunista’ e tantos outros são utilizados pelas alianças políticas que aderem ao projeto neoliberal. A ideia de que o socialismo e o comunismo são modelos similares, que o modelo neoliberal é o único capaz de trazer desenvolvimento ao Brasil, o terrorismo imposto aos movimentos sociais de base socialistas, colocando-o todos contra o desenvolvimento, está inscrito pela formação do discurso da direita brasileira que remonta os já-ditos da Guerra Fria. Para promover o discurso do medo e também do ódio ao socialismo e aos países que detêm de alguma maneira o modelo econômico socialista ou movimentações políticas contrárias ao neoliberalismo alinham-se a outros discursos como o religioso, inserindo uma suposta batalha contra o bem (neoliberalismo) e o mal (socialismo e comunismo). Essa narrativa atrelada a Venezuela evidencia também o discurso da violência e o discurso xenofóbico dentro de um discurso político.

Quando no enunciado apresenta ‘O TSE entregou os códigos de segurança das urnas para a Venezuela’ movimenta os discursos de violência, de xenofobia e do medo num discurso político atravessado por uma formação discursiva neoliberal. O verbo “entregar” no enunciado produz o efeito de que a política de esquerda brasileira é chefiada pela Venezuela e também evidencia o discurso de fraude no sistema eletrônico eleitoral brasileiro. Esses discursos funcionam no silêncio, pois, conforme Orlandi (2001), o silêncio poder apagar sentidos, censurar outros “há uma temporalidade do dizer, não diretamente ligada à temporalidade externa ao dizer, que o silêncio torna possível pela inscrição de um ritmo entre dizer/não-dizer” (ORLANDI, 2001, p. 136). O fato de o enunciado utilizar o verbo ‘negar’ produz um discurso de polêmica e está movimentando no silêncio também o discurso de censura e antidemocrático, alinhando a esquerda. No deslocamento para o não-dito, o silêncio possui limites complexos, haja vista que a noção de silêncio é fluída “O movimento dos sentidos se reinstala assim como

os efeitos contraditórios do silêncio que reafirmam a condição (bi) partida da produção dos sentidos entre o um e o não-um” (ORLANDI, 2007, p. 130).

Figura 6: TSE e urnas eletrônicas



(GUERRA, 2018)

A imagem acima foi coletada na agência de checagem de conteúdo Fato ou fake, o timbrado (recurso utilizado por algumas agências para dificultar seu compartilhamento faz parte do processo de disseminação de fake news que serão levantadas no terceiro capítulo), não prejudica a análise, a ser possível identificar a manchete jornalística posicionada na parte superior e é ela que será utilizada. Segundo Guerra (2018), esse conteúdo foi publicado originalmente pelo site ‘A Bronca Popular’⁴⁶, mas ao ser procurado pela equipe da agência não responderam “a equipe do Fato ou Fake tentou contato com Edésio, responsável pelo site ‘A Bronca Popular’, onde o texto foi publicado originalmente, mas não conseguiu falar com ele” (GUERRA, 2018, [s. d]). Na checagem do conteúdo, a equipe do Fato ou Fake procurou o Exército e também o TSE e as duas instituições identificaram como falso o conteúdo. Em nota, o Exército diz que “não solicitou ao TSE nem recebeu qualquer determinação para participar de perícia, avaliação ou auditoria técnica do funcionamento e segurança dos equipamentos eletrônicos de apuração” e o TSE “diz que a mensagem que está circulando em grupos de WhatsApp não procede. De acordo com o tribunal, o documento ‘nunca existiu’” (GUERRA, 2018, [s. d], aspas do autor).

⁴⁶ A Bronca Popular é um site de compartilhamento de conteúdo diversos, com sede em Tangará da Serra-Mato grosso. O interior do site não dispõe de equipe editorial responsável por tratar dos conteúdos que são veiculados. Há na parte inferior do site os contatos para anúncios (BRONCA POPULAR, 2018).

Conforme Orlandi (2006), o discurso “é um objeto histórico-social, cuja especificidade está em sua materialidade, que é a linguística” (ORLANDI, 2006, p. 17). Para a linguagem se materializar em discurso, as palavras percorrem um caminho complexo de retomadas de acontecimentos e significações distintas e representações. Isto por que o funcionamento da sociedade se dá pelo e no discurso de modo que os “sentidos não apenas são depositados, mas também são organizados conforme determinados acontecimentos que, por sua vez, são responsáveis por arregimentar a historicidade do sujeito” (SOARES, 2020a, p. 174). Esse percurso se estrutura a partir de uma dada formação social, “os mecanismos de qualquer formação social têm regras de projeção que estabelecem a relação entre as situações concretas e as representações que estabelecem a relação entre as situações concretas” (ORLANDI, 2006, p. 18) isto é, a formação social gera a formação imaginária que são, a grosso modo, as representações e espelhamentos no interior do discurso, essa é empreendida a partir de uma formação ideológica que possui uma ou várias formações discursivas, “o que pode ser dito [sob um formato enunciativo] [...] a partir de uma dada posição em um dado lugar” (PÊCHEUX, 2014b, p. 73). Em vista disso, a produção discursiva se materializa numa estrutura macro-condições de produção e para se constituir no discurso são inscritas em uma formação social cujas projeções e representações (formações imaginárias) possuem ligação com as formações ideológicas e discursivas. Assim, o enunciado “Exclusivo: Alto comando do exército Brasileiro encerrala TSE e exige perícia nas urnas antes e depois das eleições” se posiciona numa formação social da política brasileira sob a formação discursiva do voto impresso que percorre todo o pleito eleitoral brasileiro de 2018 e retoma os já ditos sobre os períodos da ditadura.

O verbo ‘encurrular’ no enunciado produz efeito de sentido de pressionar, ele deriva de sentido de um lugar físico e marca no discurso o lugar de operação tática do exército, mas não é qualquer operação, ao ser veiculado ‘alto comando’ mostra que se trata de uma operação ligada a elite de alta cúpula, não é qualquer movimento. A imagem (mesmo com a timbragem) exposta no objeto ratifica esse lugar de ação, verifica-se a figura dos soldados em ação, o fazer característico do exército; operações objetivas em momentos de necessidade. Assim, a posição social do exército ao entrar em ação, o modo como é articulada a narrativa, mostra-se como um trabalho em prol da democracia brasileira, “a relação político-social que se estabelece entre a militarização e o conservadorismo, tão marcada na sociedade brasileira durante o período da ditadura militar no Brasil” (GHIRALDELLI, 2022, p. 47). A promoção desses elementos, os quais associam o exército a uma prática precisa e objetiva em agir para salvar o processo eleitoral, retomam os já-ditos do período da ditadura militar, quando os militares tomaram abruptamente a presidência e instituí o regime ditatorial. No enunciado, é retomada essa

memória, mas é ressignificada, o exército encurrala, ou seja, pressiona para que o TSE realize vistoria nas urnas eletrônicas e esse movimento estabelece a relação com o processo ditatorial. É importante enfatizar que esses elementos e ação do exército ocorrem num período em que o discurso pró-ditadura é inflamado por uma das alas da disputa eleitoral, com jargões como ‘na ditadura não havia corrupção’, ‘a ditadura foi o período que o Brasil mais desenvolveu’, esses pré-construídos dissolvem, ocultam, por meio da movimentação discursiva, os já-ditos do período militar e associam-na ao discurso do trabalho, responsabilidade e compromisso com a democracia.

O verbo ‘exigir’ mostra a posição social do Exército frente ao TSE, colocando-o em posição de autoridade, ele não solicita, mas exige que sejam feitas perícias nas urnas e essa ação prática e precisa do ponto de vista de como é noticiado remete a outro discurso, como assinala Orlandi (2006) “todo discurso nasce em outro (sua matéria-prima) e aponta para outro (seu futuro discursivo). Por isso, na realidade, não se trata nunca de um discurso, mas de um *continuum*” (ORLANDI, 2006, p. 18). A exigência imposta pelo alto comando do Exército mostra haver irregularidade ou pelo menos suspeitas delas no processo eleitoral, colocando em questão a legibilidade das urnas eletrônicas, ao mesmo tempo em que aponta para o discurso do voto impresso como via para o pleito eleitoral. A formação imaginária das duas instituições e o modo como é articulado o enunciado molda a opinião popular sobre o exército na veiculação dele pela formação social da ditadura militar, “o discurso acontece em prol do resgate da imagem dessa ala militar, uma vez que é a ala que mais se destaca no cenário político atual” (GHIRALDELLI, 2022, p. 43), que a partir de sua atuação em averiguar as urnas mostra uma imagem de seriedade e trabalho a fim de ocultar a relação com os já-ditos da ditadura militar. Como “todo dizer apaga necessariamente outras palavras produzindo um silêncio sobre os outros sentidos” (ORLANDI, 2001, p. 128), as articulações discursivas evidenciadas visam desestabilizar a instituição TSE. Nesse movimento, há apagamento do processo da legibilidade e transparência no tratado das urnas eletrônicas para relacionar com o discurso de fraude, movimentando o discurso da dúvida aos eleitores, com isso produz indagações como: se as urnas são seguras, por que o exército exigiu perícias antes e depois das eleições? O que há de errado? As urnas podem não ser tão seguras assim.

No decorrer deste capítulo, foi exposta uma das condições de produção da era pós-moderna que se estrutura na relativização da notícia jornalística. O movimento fluido de produção e circulação da tecnologia corrobora para o esvaziamento de sentido da informação e abre portas para produção de conteúdos falsos. Esse processo tem relações com o capital-informacional-tecnológico, no qual a informação é tratada como mercadoria na lógica do capital

digital. Os conteúdos são produzidos para angariar *status* de poder, quanto mais produção, mais circulação e mais remuneração e destaque social. A valorização do capital ocorre por meio da mais-valia, ou seja, trabalho não pago. O sentido da nossa época “é a desreferencialização do dinheiro e da linguagem” (GHIRALDELLI, 2022, p. 97). Assim, o trabalho ocorre pela via do capital informacional-tecnológico, no qual as produções nele realizadas são feitas a partir da troca, quanto mais produção de conteúdos, mais engajamentos e mais *status* de sucesso. Destarte, “a linguagem é tratada e avaliada como performance” (GHIRALDELLI, 2022, p. 98). É nessa esfera que se encontram as produções de conteúdos falsos e o esvaziamento de sentido da informação jornalística pela relativização de conteúdos na mídia. Dentro desse escopo e para angariar outros tipos de sujeitos, tem-se a produção de notícias falsas de caráter jornalístico por sites que as produzem e veiculam em suas plataformas.

As materialidades selecionadas, nesta seção, configuram-se como manchetes jornalísticas falsas veiculadas por sites sobre as urnas eletrônicas. Não são quaisquer materialidades, elas são produzidas no intradiscorso de “parecer ser notícias” e, por isso, carecem de se apresentarem como tal. O modo como é veiculado (será discutido melhor no terceiro capítulo) legitima tal posição. Essa modalidade de produção de notícias falsas computa ocupar outros espaços e sujeitos, a parte mais elitizada e, ao mesmo tempo, chancela tais conteúdos para todos os leitores pela credibilidade jornalística, a partir da sua estrutura estilística de descrever tais informações, que se distingue das materialidades expostas, no capítulo anterior, pois se utilizavam de vários gêneros para construção de conteúdos e a produção deles por meio de montagens com moldes de revistas que possuem *status* social conhecido amplamente. O valor de fake news nas materialidades do primeiro capítulo versa sobre o gênero imbuído pelas questões ideológico-político, que estruturam a sociedade brasileira.

Nas materialidades analisadas, neste capítulo, há o encaixamento do gênero notícias, mas o seu conteúdo é falso, sua produção tem objetivo de alcançar outros públicos e contribui para o esvaziamento da informação, relativizando-a. Para Gallo, Silveira e Pequeno (2019), o efeito de informação que faz parte do funcionamento das notícias falsas, ao ser deslocado e transportado para diversos gêneros, “perde-se da memória que o fazia ter certos sentidos e, nesse movimento, encontra-se em outros sentidos, relativos as outra(s) formação(ões) discursiva(s)” (GALO; SILVEIRA; PEQUENO, 2019, p. 1-2). Contudo, conforme o pensamento dos autores, para as notícias falsas terem o efeito de informação jornalística, elas precisam estar sob condições de produção que as legitimem, isto é, que tenham características estruturantes da materialidade jornalística para que assim sejam reconhecidas como tal. Ao se

produzirem no ambiente das redes digitais, esse “o enunciado ‘informativo’ desliza da posição legitimada do discurso jornalístico, escapando, para possivelmente, produzir tanto o efeito de rumor, como o efeito de fake news, ou de desinformação” (GALO; SILVEIRA; PEQUENO, 2019, p. 2, aspas dos autores). Esse processo se dá por meio do que os autores chamam de ‘escritorialidade’, sendo as diversas formas de produção de texto nas redes sociais: “é toda uma nova relação de circulação, formulação e constituição que caracteriza a escritorialidade. E é justamente no nível da circulação que vemos acontecer um outro processo que chamamos de mediatização” (GALO; SILVEIRA; PEQUENO, 2019, p. 1-2).

Verificou-se na análise dos enunciados, os já-ditos sobre ditadura militar e os discursos sobre o voto impresso numa formação discursiva política conservadora. Tal movimentação produz efeito de sentido de dúvida sobre as urnas eletrônicas, os sentidos sobre a ditadura são reestruturados a partir do enunciado *exército* que, ao impor uma averiguação nas urnas eletrônicas, silencia os já-ditos da ditadura como um período de regime autoritário e perseguição policial aos opositores, em seu lugar versa um discurso democrático, de preocupação com a legibilidade do pleito eleitoral e de trabalho. A manifestação da dúvida de que elas teriam sido invadidas e de que o exército encurralou o TSE movimenta o sentido de verdade sobre a transparência do processo eleitoral, colocando o exército em posição de poder, o qual detém da verdade sobre essas questões. Segundo Foucault (2021a), a concepção de verdade “está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem” (FOUCAULT, 2021a, p. 54). Assim, a narrativa de fraudes no processo eleitoral é apresentada, recuperando-se pela atuação do exército, mas silenciando as represálias do regime em torno do acontecimento. Conforme Orlandi (2001), “é o silêncio que existe nas palavras, que as atravessa, que significa o não-dito e que dá um espaço de recuo significante, produzindo as condições para significar” (ORLANDI, 2001, p. 128). Ao evidenciar uma posição de compromisso e responsabilidade do exército e silenciando os processos anteriores de corrupção que os envolvem, aproxima-a do TSE a um discurso de ocultação de fraudes nas urnas eletrônicas e, assim, coloca em dúvida o sistema eletrônico eleitoral brasileiro.

A seguir, no terceiro capítulo, serão expostas às condições de produção, de circulação e disseminação das notícias falsas e de que forma uma notícia passa a ter maior engajamento a ponto de ser credibilizada no seio social. Para tanto, recorre-se aos pressupostos teóricos dos sujeitos do sucesso (SOARES, 2016, 2018, 2020a) e da noção de formação discursiva (PÊCHEUX, 2014a) e (MARIANI, 2018) para mostrar, no âmbito do discurso, o valor constituinte no repasse e das materialidades entre os sujeitos, de modo a produzir efeito de

autoridade e de verdade daquilo que foi dito e repassado produzidos por quem recebe e reenvia as mensagens de modo a produzir efeito de verdade sobre tais conteúdos. Para análise do objeto discursivo, será feita uma reconfiguração histórica de elementos que contribuem para a discursivização do enunciado 'kit gay'.

4 CIRCULAÇÃO E DISSEMINAÇÃO DE *FAKE NEWS*

As tecnologias digitais, sobretudo aquelas referentes ao uso da inteligência artificial, têm produzido impactos nas relações sociais, transformando o modo de interação entre os indivíduos. As redes sociais que são parte dessa estrutura tecnológica midiática são plataformas de maior uso no mundo, para além dos processos de entretenimento, elas são instrumentos de denúncia, informações de vários níveis e, sobretudo, tornaram-se uma modalidade de empreendedorismo. Todos esses elementos fazem delas um instrumento poderoso de armazenamento de dados, atingindo um patamar maior do que as instâncias tradicionais, de maneira a dar visibilidade e circularidade aos conteúdos. Nessa conjuntura tecnológica, o desejo pela ascensão social se materializa a partir de valores “como o consumismo, a competição, o destaque em relação aos demais [...] é uma forma de cindir a sociedade entre os que têm sucesso e aqueles que não o possuem” (SOARES, 2016, p. 1082). Assim, o desejo pelo sucesso se desdobra num movimento pendular (SHOPENHAUER, 2019). Nesse caminho, os indivíduos nunca se encontram saciados, estão a todo o tempo em busca de alcançar o ápice do desejo (ascensão social), na medida em que se aproximam, ficam mais próximos do tédio e vice-versa. O pêndulo shoupenhauriano, embora tenha sido escrito há anos, assemelha-se ao atual modo de interação social virtualizada, dado que as redes sociais marcam esse movimento e ele será elemento principal na conjuntura da disseminação de notícias falsas, haja vista que as informações falsas disseminadas nas eleições brasileiras de 2018 (objeto de pesquisa) possuem relações intrínsecas com a posição social dos “sujeitos do sucesso” (SOARES, 2016, 2018, 2023), bem como as mídias digitais.

As novas formas de interações dos indivíduos possuem pelo menos dois elementos estruturantes que as tornam importante ferramenta de uso na sociedade. Em linhas gerais, possibilita um entretenimento e também uma forma de lucratibilidade. O fato é que, por ela fazer parte da vida dos indivíduos, muitos são os casos em que sua circularidade de conteúdos produzidos têm impactado diretamente em decisões judiciais, formas de denúncia, dentre outras searas. É possível citar na história, por exemplo, casos em que os meios de comunicação são ponto de atuação para condenação e também para absolvição de pessoas, não em um movimento de neutralidade, mas numa manifestação de poder hegemônico. Nos casos de Dreyfus⁴⁷, do

⁴⁷ O caso Dreyfus era um oficial judeu capitão de artilharia do estado francês que foi acusado e condenado a prisão perpétua por vender informações confidenciais aos alemães. Após Walsin Esterhazy assumir ser o autor da carta que condenava Dreyfus, o tribunal anulou a sentença (ARENDR, 1978).

Evandro⁴⁸ e o da Fabiane Maria de Jesus⁴⁹ verificam-se o uso da mídia em prol da condenação e ou absolvição de sentenças. No primeiro caso, a notícia veiculada sobre a acusação de Dreyfus, circulada nos meios de comunicação, não era falsa, era verdadeira. A acusação é que era falsa e, posteriormente, foi comprovada pela sentença anulada. O gesto interpretativo em Dreyfus mostra que a notícia veiculada era verdadeira, mas a acusação, falsa, sendo comprovada, posteriormente, concluindo que “⁵⁰os jornais não criaram uma ‘mentira’, transmitiu uma ‘mentira’ criada em outro lugar, em outra temporalidade e no momento que se torna pública nos meios de comunicação adquire outra dimensão” (SOARES, LISBOA, 2023, p. 143, tradução livre). O caso de Evandro mostra que a repercussão midiática do documentário, expondo a forma com as quais foram feitos os julgamentos, à base de tortura, contribuiu para revisão do caso e, conseqüentemente, as sentenças anuladas. Já o ocorrido com Fabiane, terceiro exemplo, o processo de linchamento ocorre primeiramente de modo virtual. Todos em casos, dado a sua particularidade, são exemplos de como a circularidade de um conteúdo nas vias midiáticas pode corroborar para produzir efeitos de verdade.

Os três casos pontuados mostram os efeitos de sentido produzidos pela disseminação, através das ferramentas tecnológicas. Nesse espaço, a repetição da informação provoca uma regularidade discursiva e ativa uma rede de implícitos, produzindo efeitos de verdade. Todo esse processo discursivo regula e desloca os espaços de dizeres, tomando os casos como verdade em diferentes momentos. Assim, a repetibilidade desloca as relações interdiscursivas e demonstra que, em determinadas conjunturas, os enunciados podem reconfigurar e mudar de sentidos, possibilitando outras interpretações (PÊCHEUX, 2015a). Cabe, nesse ponto, recuperar também o que Foucault (2021a) diz em *A microfísica do poder*. Para ele, a política da verdade, entendendo a verdade como um conjunto de regras as quais se discerne da dicotomia verdadeiro e falso, se atribui aos efeitos do poder (FOUCAULT, 2021a), de modo que há um combate ao redor da verdade e o papel econômico-político “a ‘verdade’ está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que

⁴⁸ O caso do garoto Evandro, também conhecido como ‘as bruxas de Guaratuba’, ocorreu no Brasil em 1992. Refere-se ao desaparecimento e a morte do garoto Evandro Ramos Caetano. A investigação baseou-se em provas forjadas sob tortura, utilizadas para sentenciar 5 pessoas à prisão. O caso deu reviravolta e, em março de 2023, após a repercussão do podcast produzido em 2018 pelo jornalista Ivan Mizanuk, que auxiliou na revisão do caso, anulando as condenações dos réus (CALSAVARA, 2013).

⁴⁹ Trata-se do linchamento de Fabiane Maria de Jesus por moradores do bairro onde morava, na periferia de Guarujá, litoral de São Paulo, ocorrido em 2014. Fabiane Maria de Jesus foi ‘confundida’ por um retrato falado de uma suposta mulher que sequestrava crianças para fazer ritual de magia negra, publicado na página ‘Guarujá alerta’, no facebook (CAMPANHA, 2014).

⁵⁰ Texto original: “los periódicos no crearon una ‘mentira’, se transmitió una ‘mentira’ creada en otro lugar, en otra temporalidad y que en el momento en que se a conocer en losmedios de comunicaci3n adquire una dimensi3n diferente” (SOARES, SOARES, 2023, p. 142, tradução livre).

ela induz e que a reproduzem ‘regime’ da verdade” (FOUCAULT, 2021a, p. 14, grifos do autor).

Tais histórias se correlacionam, em partes, com o desmembramento do projeto escola sem homofobia, discursivizado como kit gay durante as eleições brasileiras de 2018, o qual será examinado, parte dele, nesta seção. Assim como nesses casos, o meio de comunicação utilizado para noticiar os fatos não são os mesmos, dado que o primeiro caso se desdobra pelos meios tradicionais, os jornais, o segundo está no processo de transição para uma sociedade midiaticizada de modo que já se tem um uso de algumas mídias, mas também uma acentuada participação de jornais audiovisuais transmitidos na TV. E o último está inserido numa condição de produção de uso mais generalizado das redes sociais, a saber, o facebook. O que foi veiculado nas eleições brasileiras dispõe de um ferramental tecnológico mais avançado, ambos apresentam regularidades travestidas por um discurso de neutralidade dos dispositivos de veiculação de informação, jornais e mídia.

A mídia, inserida nas condições de produção do capital digital, detém suporte tecnológico avançado, (as tecnologias artificiais), e orienta-se por um discurso midiático que “conserva a hegemonia ideológica em suas práticas discursivas” (SOARES, 2019, p. 330). No interior dessa mídia, a influência se dá pelas imagens (formações imaginárias) pré-concebidas, que se materializam a partir dos jogos do poder da sociedade sustentados nas posições que os sujeitos assumem no processo discursivo. Nesse limiar, as plataformas digitais produzem o confronto-circulação e disseminação dos conteúdos. A “memória esburaca-se, perfura-se antes de desdobrar-se em paráfrase” (PÊCHEUX, 2015b, p. 47), de modo que a repetição produzida pela máquina digital junto aos movimentos discursivos dos sujeitos que a utilizam, autentifica e chancela o compartilhamento. Para mostrar como isso ocorre, esta seção trará o exame de constituição do projeto escola sem homofobia, discursivizado como kit gay, em um processo que permitiu que notícias falsas sobre a temática tomassem corpo no âmbito político, costurando redes parafrástica e polissêmica e produzindo efeitos de verdade em um espaço reconfigurado do dizer. Para compreender as minúcias do enunciado discursivizado nas eleições de 2018, é preciso revisitar o momento em que emergem os primeiros filamentos desse discurso, é o que será posto a seguir.

Neste capítulo, serão examinadas as condições de produção da disseminação e circulação das fake news, com objetivo de mostrar de que forma o uso massivo de tecnologia contribui para sua construção e propagação. O percurso de investigação será realizado pelas veredas da tecnologia da inteligência artificial – *big data*, *bubble filters* e *social bots* -e as mídias digitais, pois estas são participantes e atuantes no processo de disseminação dos conteúdos

falsos. O modo de veiculação está atrelado ao que já foi posto, a internet e o advento da pós-modernidade que, pela ótica do relativismo, produz condições de possibilidades para a esfera da desinformação, de modo que os sujeitos têm plenos poderes para produzir, veicular, disseminar conteúdos falsos, e, ainda, lucrar com isso. Assim, o gênero notícia falsa sofre rupturas, traçadas nos dois capítulos anteriores, que servem como alicerce para o que será posto, a seguir; as condições de produção das ferramentas de inteligência artificial e seu desmembramento no processo de disseminação de notícias falsas.

A praticidade instantânea produzida pelas ferramentas digitais foi proporcionada pela revolução tecnológica, que modificou “expressivamente os padrões culturais relacionados à comunicação, mudando, também, como as pessoas manifestam” (SOARES, BEZERRA, 2017, p. 3). Para Saviani (2006), o desenvolvimento tecnológico que possibilitou as chamadas redes sociais está inserido nas condições de produção da chamada ‘idade de ouro do capital’ com suas bases na Terceira Revolução industrial, a qual “se materializou num avanço tecnológico de tal proporção que deu origem a uma nova ‘revolução industrial’: a revolução microeletrônica, também denominada ‘revolução da informática’ ou ‘revolução da automação’” (SAVIANI, 2006, p. 21, grifo do autor). O autor ratifica que a Terceira Revolução Industrial se situou nos campos da microeletrônica e da nanotecnologia realizada por meio de aparelhos de alta tecnologia, é nessa instância que a inteligência artificial⁵¹ tem participação especial. Saviani (2006) explica que a terceira revolução foi responsável pelas funções ‘intelectuais’ das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICs). As chamadas máquinas inteligentes têm como resultado a incorporação maciça de tecnologias avançadas que abriu o caminho para difusão rápida da tecnologia em diversos segmentos sociais a possibilitar aplicação desse recurso sobre bens, serviços e acesso às inovações. Nessa conjuntura, os computadores e telefones móveis dão espaço para a década dos *smartphones* e, posteriormente, criação das redes sociais.

As redes sociais mais utilizadas em 2018 (período do objeto da pesquisa) foram o *Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp*; estas últimas recentemente criadas. A primeira surgiu em meados de 2004, dentro do campus da Universidade de *Havard*. Segundo Correia e Moreira (2014), a origem dessa rede social está relacionada com a origem de um website intitulado como

⁵¹ O embrião da Inteligência Artificial é datado no ano de 1943 em artigos que propunham refletir o pensamento das máquinas, entrelaçando-o numa analogia entre células nervosas e o processo eletrônico. Mais tarde, Allan Turing escreveu artigos sobre o pensamento das máquinas, fazendo uso de jogos de imitação que ficou conhecido, posteriormente, como *test turning*. O conceito passou por reformulações marcado por três períodos, sendo o último, a *machine learning* (aprendizado da máquina), fase que está intrinsecamente “ligada à mineração de dados e big data” (OLIVEIRA, 2018, p. 74), no qual estamos inseridos.

facemash feito por Mark Zuckerberg, estudante universitário de Harvard. O site de Mark tinha um objetivo restrito; votar em pessoas que os participantes consideravam, dentro da Universidade, mais atraentes. Ao ser descoberto, foi autuado pelo conselho de Administração da Universidade de Harvard por violar as regras de segurança da informática e invasão de privacidade pelo uso indevido das fotografias dos discentes, sendo posto fora do ar. Tal site foi a gênese do que mais tarde se configuraria em uma das maiores redes de relacionamentos utilizada no mundo, o *facebook* (CORREIA; MOREIRA, 2014). Conforme Aprobato (2018), o *facebook* se tornou a maior rede social a ser utilizada, mais tarde, a empresa integra às duas plataformas; *Instagram*⁵² e *WhatsApp Messenger*⁵³, formando uma tríade empresarial com número expressivo de usuários (APROBATO, 2018). Com as novas redes sociais, as propostas entre elas se assimilam, a partir de recorrentes atualizações.

Levando para as questões políticas, faz-se importante mencionar o caso Cambridge Analytica,⁵⁴ envolvendo a plataforma do *facebook*. Segundo Oliveira (2021), a assessoria prestada pela empresa britânica tanto nas eleições dos Estados Unidos quanto no referendo Brexit, ambos nos anos de 2016, influenciou nos processos políticos, tendo em vista que a partir dos dados traçados “foi possível então realizar a manipulação de publicidades fornecendo diferentes propagandas políticas que atingissem diferentes públicos gerando então uma manipulação em massa” (OLIVEIRA, 2021, p. 25). Em entrevista à *BBC News* (2018), o ex-diretor de tecnologia da *Cambridge Analytica*, Christopher Wylie, afirmou que a empresa havia direcionado anúncios aos usuários após ter acesso ao banco de dados do *Facebook*. De acordo com Serra (2018), tal incidente “(re) colocou em destaque o tema da privacidade de dados e as medidas de segurança adotadas pelas políticas de privacidade de empresas digitais que exploram comercialmente os dados de seus usuários” (SERRA, 2018, p. 41). Esse acontecimento trouxe para a sociedade a temática da proteção à privacidade de dados e o uso das ferramentas de inteligência artificial da Era da informação (OLIVEIRA, 2021). Esse

⁵² A plataforma de relacionamento Instagram foi criada em 2011 com base no antigo burbn, seus programadores criam a nova plataforma, a fim de agrupar diversas funções que os usuários poderiam compartilhar fotos, localizações, vídeos, etc (PIZA, 2012).

⁵³ WhatsApp Messenger trata-se de um aplicativo de mensagens instantâneas disponível em aparelhos celulares e também é acessado por outros dispositivos através da modalidade WhatsApp Web. Foi desenvolvido no Vale do Silício por Jan Koun e Briana Action (SOUZA; ARAÚJO, 2015).

⁵⁴ Cambridge Analytica foi uma empresa de marketing político que utilizava uma técnica chamada psicométrica, a qual se baseava em dados que avaliam traços psicológicos. Em 2018, a empresa britânica foi acusada de vazamento de dados pessoais de usuários da rede social *Facebook* em prol da campanha do republicano Donald Trump durante o pleito eleitoral americano de 2016. O jornal *The Guardian* divulgou o escândalo, apresentando com detalhes o percurso feito pela empresa para usar indevidamente dados pessoais dos usuários do Facebook, a partir de testes de personalidades em prol da campanha eleitoral de Donald Trump, as informações pessoais sobre os gostos, hábitos, profissão, localização, entre outros. Após as denúncias ocorridas, nesse mesmo ano, a Cambridge Analytica encerra suas operações (OLIVEIRA, 2021).

processo se atualiza, posteriormente, nas eleições presidenciais da América Latina, em especial, a brasileira, em 2018.

Conforme Mello (2020), as redes sociais utilizam-se dos recursos de marketing na disseminação dos conteúdos, “no Facebook e Instagram, por exemplo, é possível pagar para que um conteúdo atinja mais pessoas, seja visto mais amiúde ou alcance certos públicos (segmentados por idade, gênero, localização e outros parâmetros)” (MELLO, 2020, p. 24). Para isso, é feito um disparo em massa de conteúdos, por agências de marketing digital, no caso das eleições brasileiras, via *whatsApp*⁵⁵, criando a impressão de que todos internautas estão acompanhando determinado assunto (MELLO, 2020). À exemplo, a eleição do Trump explorou magistralmente esse modelo, sua equipe testou 5,9 milhões de mensagens diferentes no *facebook*, além de contar com a ajuda de funcionários do *facebook* para sua campanha, o famoso *embeds*, que são funcionários de plataformas embutidas às mídias, cujas funcionalidades se debruçam na customização de anúncios para um público específico, uma espécie de curandeira publicitária (MELLO, 2020).

Conforme Mello (2020), a estratégia digital adotada pelo ex-presidente Bolsonaro, no Brasil, possui verossimilhança com a norte-americana. Anos antes das eleições, Bolsonaro e sua equipe mapeavam o terreno, do qual se beneficiaria no pleito eleitoral. Para isso, seu segundo filho “acompanhava como os outros políticos populistas de direita estavam atuando mundo a fora e muito cedo percebeu que a propaganda- viral ou contatada -nas redes sociais passaria a ser crucial em campanhas políticas” (MELLO, 2020, p. 31). Algumas estratégias tomadas pela equipe do presidenciável foram a criação de grupos nos *WhatsApp*⁵⁶ e *facebook* para se aproximar do seu público, além de se tornarem influenciadores digitais, documentando suas vidas e comunicando diretamente com seus apoiadores (MELLO, 2020). Esse processo

⁵⁵ Uma pesquisa do senado publicada em novembro de 2019 mostrou que 79% dos brasileiros utilizavam o aplicativo do *WhatsApp* como fonte de informação mais importante. A TV ficava em segundo lugar com 50%, em seguida, o *youtube* com 49%, *facebook*, 44%, sites de notícias 38% e rádio 22% (SENADO FEDERAL, 2019 [s. p]). Esse ponto faz-se importante, pois mostra como o espaço digital transformou significativamente o acesso às informações e o modo de leitura. Essa modificação propicia a virtualização do conhecimento e seu esvaziamento de sentido, dado que no espaço digitalizado, os indivíduos são constantemente incentivados a serem empreendedores digitais, produtores de conteúdo. Isso vai corroborar na construção de imagens discursivas de quem dissemina conteúdo e a credibilização de quem envia por quem recebe, conforme será tratado na análise do objeto deste capítulo.

⁵⁶ De acordo com Mello (2018), (2020), no Brasil, a criação de grupos no *whatsApp* constituiu um exército digital bastante importante para envio e compartilhamento de conteúdo, boa parte, financiado por empresários brasileiros, que compraram agências de marketing digital e pacotes de disparo em massa via *WhatsApp* contra o partido dos trabalhadores. Os grupos funcionavam como “listas de transmissão, em que os administradores, aqueles que criaram o grupo, mandam mensagens para os 256 integrantes, número máximo permitido pelas regras da ferramenta” (MELLO, 2020, p. 32.33). Tal sistema de encaminhamento de mensagens para vários contatos “só passou a ser ilegal a partir de dezembro de 2019, mais de um ano após a publicação das reportagens” (MELLO, 2020, p. 42).

culminou, posteriormente, para o candidato, uma legião de seguidores nas redes sociais superior aos demais candidatos, totalizando 6, 9 milhões de seguidores no *facebook* e 3, 8 milhões no *instagram* (MELLO, 2020).

A exemplo do que foi utilizado pela Cambridge Analytica, há outras ferramentas que se tratam de patentes de modulação de comportamento, comumente apresentadas no *feed* das redes sociais ou em outros tipos de plataformas. Esse tipo de ferramenta é construída para ler, interpretar e obter informações que podem ser aplicadas em diferentes redes sociais e registradas “junto ao perfil do usuário com classificações como extroversão, sociabilidade, conscientização e estabilidade emocional” (MACHADO apud RUDNITZKI; OLIVEIRA, 2019, [s. d]). Dias (2018) postula que a linguagem da inteligência artificial é semantificada, através dos dados cooptados de seus usuários, é criada uma infinidade de combinações, produzindo um jogo de afetos algoritimados (DIAS, 2018, p. 77). A modulação é construída, na sua maioria, pelo véis psicológico, sua manifestação visa estimular o sistema nervoso na “produção de dopamina, assim como quando você usa uma droga” (MACHADO apud RUDNITZKI; OLIVEIRA, 2019, [s. d]), fazendo com que os usuários fiquem mais dependentes e consumam mais conteúdos, incentivando, assim, sua permanência no ambiente digital. Tudo isso feito de modo que os atraíam para “espaços onde seus dados possam ser coletados e suas intenções desvendadas” (SILVEIRA, 2021, p. 6). Todavia, não é só isso, essas ferramentas também garantem com os engajamentos, maior lucratividade das empresas que estão inseridas, tornando as patentes e as redes sociais modelos de negócios vantajosos que operam por meio de um capitalismo digital-datafocado, ou seja, dirigido por dados (SILVEIRA, 2021). A economia digital se tornou lucrativa ao ser utilizada como opções rentáveis, inclusive na seara de notícias falsas. Todo esse processo é construído a partir de ferramentas da inteligência artificial, que serão expostas adiante.

Dentre as ferramentas de inteligência artificial utilizadas para armazenar dados está a famosa *Big-data* que se originou a partir do avanço tecnológico da era da informação, tornou-se mais usual a partir do século XXI, por empresas de marketings e plataformas digitais. Para Rubinstein (2013, p. 76, tradução livre), a *big data* “são novas maneiras pelas quais as organizações, incluindo governos e empresas combinam diversos conjuntos de dados digitais e em seguida, usam outras técnicas de dados para extrair deles informações ocultas”⁵⁷, em outras palavras, ela é um instrumento poderoso para armazenamento de dados com diferentes funções,

⁵⁷ Tradução livre: ‘Big Data’ refers to novel ways in which organizations, including government and businesses, combine diverse digital datasets and then use statistics and other data mining techniques to extract from them both hidden information.

os dados armazenados são dispostos por meio de três segmentos: velocidade, volume e variedade (LANEY, 2001). A *big data* está alinhada ao efeito *bubble filter* (filtro-bolha), que faz parte do processo de modulação algorítmica de filtragem da informação no ciberespaço, atuam como mecanismos de previsão a influenciar, direcionar o acesso de conteúdo que se baseia no perfil e hábitos de consumo de dados pelos usuários, tal modo de atuação é muito utilizado, por exemplo, pelo *Google* e pelas diversas mídias sociais. Para Pariser (2012), os filtros-bolhas são mecanismos que refinam as buscas dos usuários da internet, através dos dados armazenados pela big data, quando filtrados “criam um universo de informações exclusivo para cada um de nós [...] que altera fundamentalmente o modo como nos deparamos com ideias e informações” (PARISER, 2012, p. 11). Os mecanismos de buscas se utilizam de critérios de indexação como, por exemplo, “o uso de palavra-chave, tornando o conteúdo relevante e, conseqüentemente, redirecionando os usuários com perfil de interesse aos sites com maior tráfego, onde a visualização dos anúncios são remuneradas” (SASTRE; CORREIO; CORREIO, 2018, p. 9).

Nessa direção, vale acrescentar o uso dos perfis robôs, os *social bots* que são “programas de computadores que controlam contas em sites de redes sociais” (BARBOSA, 2018, p. 54). De acordo com Haugen (2017), eles podem ser divididos entre dois grupos; um de caráter benéfico (fornecedores de notícias, previsões meteorológicas, ferramentas de comunicação com sistema remoto... etc.) e maléfico (usado para manipular a opinião pública com; as notícias falsas). Seu uso indevido pode auxiliar na replicação de informações sem respaldo verídico “se favorecendo do efeito limitador do ‘filtro bolha’” (SASTRE; CORREIO; CORREIO, 2018, p. 9). Os *cookies* são exemplos de robôs sociais, eles trabalham de forma infiltrada como teste de aperfeiçoamento, são sistemas nocivos que coletam dados por meio dos bancos de dados colhidos de cada usuário da internet (DIAS, 2018). Eles retroalimentam os dados fornecidos pelos sujeitos e seu modo de atuação se dá de forma obrigatória, pois para que o usuário acesse determinado site, ele terá, em sua maioria, três opções; permissão total, parcial ou rejeição total dos *cookies*. Na maioria dos sites, as duas primeiras opções são as mais utilizadas. Conforme Dias (2018), “o modo de individualização do sujeito capitalista, pelo discurso da tecnologia, produz efeitos nos processos de identificação, na produção de sentidos” (DIAS, 2018, p. 74). Considerando que todo esse arsenal digital é operado a partir do capital datificado (SILVEIRA, 2021), numa política da liberdade empresarial, que discursiviza os jargões liberais ‘trabalhe por conta própria’, ‘seja seu próprio chefe’ quanto mais circularidade, mais monetização. Esse movimento produz, na transparência da linguagem, um efeito de liberdade individual aos

internautas, que se utilizam (mesmo sem saber de sua existência) dos serviços da inteligência artificial.

Tomando como exemplo os *feeds* do *facebook*, ou o explorar do *instagram* que são resultados de buscas das plataformas, todas essas informações são acumuladas em uma ‘memória metálica’ (ORLANDI, 2015, 2016) e atualizadas, recorrentemente, segundo os filtros-bolhas. Para a Análise do Discurso, tais ferramentas da inteligência artificial passam pelo processo de memória metálica produzida pela mídia, as novas tecnologias de linguagem virtual dizem respeito ao modo de circulação, repetição e replicação dos conteúdos, é “a memória da máquina, da circulação, que não se produz pela historicidade, mas por um construto técnico (televisão, computador, etc.)” (ORLANDI, 2010, p. 5). Sua funcionalidade não deve ser considerada, apenas, como repositório adicional de dados, pois ela produz um efeito de filiação da própria mídia, que retorna sob forma de atualização. Cabe aqui mencionar, que tal conceito se distingue da memória discursiva, haja vista que a memória metálica se refere a significação do nível da circulação e atualização dos filtros pela replicação algorítmica, já a memória discursiva é da instância da constituição dos sentidos do discurso. Todavia, a memória digital escapa da estrutura maquinal, pois se inscreve num funcionamento do discurso digital a partir do interdiscurso, não sendo uma simples re-atualização feita pelos aparatos tecnológicos, numa expansão horizontalizada dos enunciados, mas “aquilo que escapa à essa re-atualização, instalando-se na memória discursiva, pelo trabalho do interdiscurso, considerando o acontecimento do digital” (DIAS, 2018, p. 161).

O material produzido, a partir dos dispositivos da inteligência artificial dentro das condições de produção do capitalismo datificado, (SILVEIRA, 2021) diz respeito a questão da leitura das novas formas de construção do arquivo⁵⁸ digital, de modo a compreender que essa circularidade promovida pelas ferramentas de inteligência artificial ao ser utilizada pelos indivíduos estabelece manifestações discursivas. Para Genesini (2018, p. 54), a grande questão se volta em torno da influência das plataformas digitais na disseminação de informações, a depender da forma com que elas são viabilizadas nas redes elas “ganham engajamento e, de uma hora para outra, crescem exponencialmente sua audiência” (GENESINI, 2018, p. 54). Os conteúdos falsos exploram temas polêmicos e polarizados de forma sensacionalista, isso faz

⁵⁸ A perspectiva da noção de arquivo, nesse texto, não se trata apenas de acúmulo de conteúdos, mas da “materialidade do arquivo” (DIAS, 2015). Segundo Guilhaumou e Maldidier (2014), o arquivo não é um “simples documento no qual se encontram referências; ele permite uma leitura que traz à tona dispositivos e configurações significantes” (GUILHAUMOU; MALDIDIER, 2014, p. 170). Dias (2015) ratifica que a materialidade do arquivo está no processo de significação de um e não de outro, “o que faz com que ao se deparar com ele, o sujeito o recorte de maneira x e não y. Um mesmo arquivo nunca é o mesmo, por causa de sua materialidade” (DIAS, 2015, p. 973).

com que sejam compartilhados massivamente nas redes sociais, e, para isso, utilizam-se de ferramentas que automatizam o tráfego (as que foram citadas nesta seção). Com base nesse exposto, para compreender como esse processo tecnológico influencia os processos discursivos, a próxima seção se debruçará em descrever, por um caminho discursivo, a construção de sentido do enunciado kit gay, para, posteriormente, (no tópico 3.2), examinar o processo de disseminação do enunciado no pleito eleitoral brasileiro de 2018 e seus efeitos de sentido.

4.1: Do projeto Escola sem homofobia ao ‘kit gay’: atualizações discursivas

Recapitulando o objeto analítico desta pesquisa que são materialidades discursivizadas nas plataformas midiáticas como fake news durante o pleito eleitoral de 2018, há algumas questões a serem pontuadas. Como já observado, verdade e mentira são noções debatidas desde a época sofista, elas movimentam o pensamento humano desde sempre. Entretanto, a compreensão de ambas (na atualidade) tem modificações discursivas, após a ascensão do enunciado fake news nas plataformas midiáticas. O fato que evidenciou esse ponto de circulação discursiva ocorreu em janeiro de 2017, quando Donald Trump, na semana anterior a sua posse presidencial, ao ser interrogado por um repórter da CNN, numa coletiva de imprensa, em resposta, disse: “you are fake news”⁵⁹ (WENDLING, 2018). Simultaneamente, inúmeros posts com a *hashtags* #fakenews, *Trending Topics* no *twitter*, além de memes, reprise de sua fala nas redes sociais, bem como a exposição do ocorrido em matérias jornalísticas digitais e na TV aberta foram midiaticizados. Importante notar, que tal enunciado não tem origem nesse momento, antes já se falava de fake news, mas as constantes reformulações e retomadas das noções de verdade e mentira no campo político “dar-lhe forma e figura, na esperança de apressar sua vinda...ou de impedi-la” (PÊCHEUX, 2015, p. 20). O confronto-circulação desse aglomerado de materialidades compartilhadas quase que, instantaneamente, instaura o fenômeno fake news como acontecimento discursivo.

A noção de acontecimento pode ser apreendida tanto em Pêcheux quanto em Foucault. Em Pêcheux (2015a), é parte dos apontamentos arqueológicos de Foucault disposta na terceira fase para Análise do Discurso. Para ele, o acontecimento discursivo é o ponto de encontro entre a memória e a atualidade. Enquanto em Foucault (2015), resulta do acontecimento enunciativo como elementos de outra natureza (técnica, política, tecnológica, etc), percebido como uma irrupção de uma singularidade histórica, na qual o discurso se move. Os dois consideram que o acontecimento se atualiza em enunciados heterogêneos. Conforme

⁵⁹ Tradução livre: “Você é uma mentira”.

Foucault (2015), cada acontecimento tem seu ponto de convergência entre o significante e o significado e são eles que engendram a singularidade de sua enunciação, de modo que as rupturas de sentido ocorrem a cada ato enunciativo conforme as formações discursivas, que estão ancoradas no processo discursivo. Cada acontecimento tem o novo enunciado e com sentidos divergentes ao estar ligado às condições de possibilidade e as posições que o sujeito ocupa socialmente. Assim, o enunciado é uma função “cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço” (FOUCAULT, 2015, p. 105), por isso não há enunciado livre de qualquer coerção, mas sempre “fazendo parte de uma série ou de conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles vai se distinguindo” (FOUCAULT, 2015, p. 120).

Pêcheux (2015a) propõe pensar o discurso como uma estrutura e um acontecimento, estabelecendo a relação entre o acontecimento e o momento de sua enunciação. Ele mostra que a estrutura e acontecimento estão presentes nos processos discursivos e que, embora o enunciado se apresente pela evidência ideológica como simples e logicamente estabilizado, ele é profundamente opaco. No processo de inscrição do enunciado instaura-se uma tensão contraditória entre os espaços da memória (regularização e continuidade), que ao ser deslocado de um campo para outro prefigura outros sentidos, isto é, “outra série sob a primeira, desmascara o aparecimento de uma nova série que não estava constituída enquanto tal e que é assim o produto do acontecimento; o acontecimento, no caso, desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior” (PÊCHEUX, 2015b, p. 46). Desse modo, o enunciado tende a se reorganizar na atualidade, produzindo outros sentidos, mas, também, nos espaços de memória retomando já-ditos, assim todo enunciado “é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente)” (PÊCHEUX, 2015a, p. 53).

Conforme Soares (2020b), o acontecimento é tanto relativo quanto absoluto, ele dialoga com outras noções, que estão na mesma base teórica de dois projetos, a saber, a Análise Automática do Discurso de Michel Pêcheux e A arqueologia do saber de Michel Foucault. Elas possuem lastros para atualizações contínuas sem deixar de lado a discursividade (SOARES, 2020b). A primeira base epistemológica é absoluta por apresentar-se na continuidade, a outra é relativa, ao demonstrar a descontinuidade “a relatividade do acontecimento parece dizer a respeito da própria análise, segundo a qual se traz o acontecimento para a evidência do discurso de sua constituição” (SOARES, 2020b, p. 183). Para Pêcheux (2015b), o acontecimento empreende o funcionamento discursivo em sociedade. Assim, o discurso como estrutura e

acontecimento implica em observar as variações de sentido e identificar as rupturas que o transforma e atualiza. A memória, na tentativa de manter uma regularização, ao chocar-se com a atualidade, desregula e desconfigura-se a produzir outros significados sem deixar de manter relações com os já ditos (PÊCHEUX, 2015b). Foucault (2015) assinala que o acontecimento está “aberto à repetição, à transformação, à reativação; [...] ligado não apenas a situações que o provocam, e a consequências por ele ocasionadas, mas [...] a enunciados que o precedem e o seguem” (FOUCAULT, 2015, p. 35).

A partir da reconfiguração teórica empreendida por Pêcheux, o acontecimento fake News, embora seja veemente repetido, não é concebido de forma homogênea, visto que a repetibilidade enseja uma degradação de sentidos e constrói uma teia discursiva que atualiza as noções de verdade e mentira, sendo o relativismo e a internet (discutidos anteriormente) parte das condições internas que possibilita tal construção. A repetibilidade está na base dos processos discursivos, ela regula, desregula e garante a retomada e a constituição de uma memória que sustenta os dizeres e a faz a partir de um jogo de forças entre os universos logicamente estabilizados e a equivocidade a linguagem (INDURSKY, 2011). Assim, os sentidos se modificam pela repetibilidade “de modo que as redes discursivas de formulação, formadas a partir de um regime de repetibilidade, vão recebendo novas reformulações que, ao mesmo tempo, em que vão se reunindo às já existentes, vão atualizando as redes de memória” (INDURSKY, 2011, p. 76). Conforme a autora, é por meio da repetibilidade que ocorrem os deslizamentos de sentidos de modo a atualizar a memória.

O enunciado fake news, ao ser veiculado repetidamente, sofre uma degradação de sentido; se antes o que era considerado verdadeiro era tudo aquilo que não era falso, atualmente, o que é falso toma uma dimensão maior do que é a verdade. Noutros termos, o sentido da verdade esvazia-se; algumas coisas são postas como verdade e tomam pilares de verdade e todas as outras se tornam relativas, logo, o que é falso toma o *status* social da verdade tendo muito mais poder. Com base nisso, na seção seguinte, será feito primeiramente um gesto interpretativo sobre a relativização da noção de informação, mostrando que as mídias sociais possibilitaram as reconfigurações do espaço jornalístico. Posteriormente, será verificado, a partir da análise das 3 materialidades que fazem parte de um dos eixos que compõe a base circuladora de notícias falsas, as urnas eletrônicas, o retorno do período da ditadura militar de 1964 e suas relações com a concepção de verdade. Todavia, as discussões sobre o relativismo e verdade não se esgotam nesta seção, serão retomadas nas considerações finais com vistas a finalizar o processo analítico construído ao longo desta pesquisa. Dito isso, parte-se para a análise das materialidades.

Em maio de 2004, o Governo Federal lançou o programa ‘Brasil sem Homofobia– Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra LGBT e Promoção da Cidadania Homossexual’ pela secretaria Especial de Direitos Humanos, com vistas a “promover a cidadania de gays, lésbicas, travestis, transgêneros e bissexuais, a partir da equiparação de direitos e do combate à violência e à discriminação homofóbicas, respeitando a especificidade de cada um desses grupos populacionais” (CONSELHO, 2004, p. 11). As ações do programa voltavam-se para apoiar projetos de promoção da cidadania homossexual e/ou combate à homofobia, além de capacitação profissional de representantes que atuam na defesa de direitos humanos (CONSELHO, 2004). Segundo Maracci e Machado (2022), o programa dispunha de três eixos principais “a capacitação de gestores públicos para o bom atendimento da população LGBT, a elaboração de uma pesquisa acerca da homofobia no âmbito escolar e, por fim, a composição de um material didático, financiado pelo MEC, que seria distribuído em escolas públicas brasileiras” (MARACCI; MACHADO, 2022, p. 40).

Os materiais, denominados como ‘kit anti-homofobia’, que compunham o terceiro eixo, tratavam-se de cadernos didáticos, cartazes e vídeos destinados ao trabalho na sala de aula e também na capacitação dos professores (MARACCI; MACHADO, 2022). Em 2011, alguns vídeos que tratavam desse kit foram postados na internet antes de serem devidamente examinados e aprovados pelo ministério. Tal fato provocou uma polêmica que se estende a diversos programas de televisão, sobretudo, os evangélicos e parlamentares religiosos, apontando que os vídeos não eram para combater preconceitos, mas estimular a ‘prática homossexuais’ dos estudantes. Por outro lado, parlamentares progressistas e outras lideranças sociais defendiam que o kit que compunha o projeto Escola sem Homofobia estava adequado ao desenvolvimento afetivo-cognitivo das faixas etárias que direcionava. Dilma Rousseff, em um movimento de cessar fogo, proíbe as distribuições dos materiais, porém os liames que configurariam o famoso enunciado ‘kit-gay’ já estava em funcionamento. A polêmica foi discursivizada massivamente nas vias midiáticas, tendo um dos principais fiadores do enunciado ‘kit-gay’ o então Ex-presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, que “divulgava os perigos do suposto kit em pronunciamentos na câmara e programas de televisão aberta, logo se convertendo em vídeos curtos, publicados na plataforma *Youtube* e amplamente compartilhados em sites como o *Facebook* e o *Twitter*” (MARACCI; MACHADO, 2022, p. 40). O destaque para os pedidos de interdição dos materiais, em especial, os audiovisuais do projeto eram ponto de partida para as discussões tecidas de que tais materiais impunham perigo

às crianças que estariam sendo estimuladas ao ‘homossexualismo⁶⁰’ (MARACCI; MACHADO, 2022). Na sessão nº. 208. 4. 53. O, do dia 30 de novembro de 2010, da câmara dos deputados, o Ex-presidente Jair Messias Bolsonaro fez um pronunciamento, no qual define o material da seguinte forma

Atenção, pais de alunos de 7, 8, 9 e 10 anos, da rede pública: no ano que vem, seus filhos vão receber na escola um *kit* intitulado *Combate à Homofobia*. Na verdade, é um estímulo ao **homossexualismo**, à promiscuidade. Esse *kit* contém DVDs com duas historinhas. Seus filhos de 7 anos vão vê-las no ano que vem, caso não tomemos uma providência agora. [...] Essa história de homofobia é uma história de cobertura para aliciar a garotada, especialmente os garotos que eles acham que têm **tendências homossexuais**. Está na pesquisa, publicada aqui, o número de garotos *gays* ou de meninas lésbicas, repito, de 7, 8, 9 e 10 anos. [...] Ontem eu participei da gravação do programa da Luciana Gimenez. É um tema que... Não me agrada falar em homossexual. Eu realmente assumo o que disse na *TV Câmara*: se um garoto tem **desvio de conduta** logo jovem, ele deve ser redirecionado para o caminho certo, nem que seja com umas palmadas. Acusam-me de ser violento, mas não sou promíscuo, não sou canalha com as famílias brasileiras! (BOLSONARO apud BRASIL, 2010, [s. d], grifo nosso).

No excerto acima, faz-se importante apontar o modo como o material é apresentado pelo ex-presidente. Há, aqui, um movimento parafrástico e semântico que vai configurar, posteriormente, o enunciado *kit gay*. De acordo com Pêcheux e Fuchs ([1975] 2014a), a produção do sentido é indissociável da relação parafrástica, uma vez que é no interior dela que se constitui o efeito de sentido definido por uma ou outra formação discursiva. Existe uma relação entre o estabilizado da ordem dos processos parafrásticos e o que quer se legitimar da ordem dos processos polissêmicos, ambos fazem parte do processo de produção de sentidos e, por sua vez, no funcionamento da linguagem (ORLANDI, 2015), é, então, “nesse jogo entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, entre o já-dito e o a se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem percursos, (se) significam” (ORLANDI, 2015, p. 34). Os termos ‘homossexualismo’ ‘tendências homossexuais’ e ‘desvio de conduta’, utilizados no excerto para apresentar a discussão sobre os conteúdos, formam redes parafrásticas que retomam a memória discursiva das discussões de gênero como patologia, sua atualização desestabiliza o eixo parafrástico do enunciado *kit anti-homofobia* que, dentro dos processos polissêmicos (ruptura dos processos de significação), filia-se ao sentido do homossexualismo. Isto é, as redes de filiações parafrásticas, postas para exemplificar o material, produzem

⁶⁰ De acordo com Castorino e Xavier (2021), o termo homossexualismo “é um termo da medicina antiga, que via a homossexualidade como uma patologia, em outras palavras, como uma doença” (CASTORINO; XAVIER, 2021, p. 242). Na atualidade, quando utilizado remonta a memória discursiva de patologia para marcar o lugar de opção sexual e conduta não natural, inadequada e patológica.

reformulações nos espaços de dizer, acionando a memória da homossexualidade como uma patologia que, ao ser atualizada no enunciado, produz efeitos parafrásticos sobre o kit anti-homofobia.

Em uma outra sessão na câmara dos deputados nº. 096. 1. 54. O, do dia 05 de maio de 2011, o ex-presidente menciona novamente os materiais:

Sr. Presidente, o que ocorreu ontem na Comissão de Educação da Câmara foi simplesmente inacreditável! Primeiro, os palestrantes, antes de falar qualquer coisa, se apresentavam pela sua opção sexual: "Lésbica, fulana de tal", "transexual, fulano de tal". E davam o seu recado. O mais surpreendente é que lá foi discutido o *kit gay* novamente. Acreditem se quiser: o Ministério da Educação e Cultura - MEC classificou, Deputado Romário, como sem censura o *kit gay*. Ou seja, quando coloco no meu panfleto que o *kit* é para a garotada de 6 ou 8 anos, que vai se transformar em homossexual nas escolas, estou errado. Na realidade, são indicados para crianças a partir dos 4 anos de idade os filmetes pornográficos e o material dito didático para combater a homofobia, que, na verdade, repito, estimulam o homossexualismo e escancaram as portas para a pedofilia. A Câmara tem de dar um basta a esta perversidade, Sr. Presidente (BOLSONARO apud BRASIL, 2011, [s. d], grifo nosso).

Observa-se, nesse trecho, que as redes de filiação parafrásticas sobre o kit anti-homofobia tangenciam uma nova paráfrase que funciona pela sua oposição. Nesse ponto, cabe recuperar os postulados de Saussure (2012) sobre a teoria do valor cara à AD. Nela, entende-se que os signos se constituem pela oposição a outros signos. Os termos 'homossexualismo' 'tendências homossexuais' e 'desvio de conduta' funcionam em oposição ao enunciado kit anti-homofobia ou projeto escola sem homofobia, tais movimentos discursivos atualizam a memória discursiva das discussões de gênero como patologia. Essas reformulações vão possibilitar uma ruptura no processo de significação prefigurado no enunciado 'kit-gay'. Todavia, faz-se importante enfatizar que esse processo não ocorre tão somente pelas materialidades apresentadas aqui, haja vista que, durante todo o processo de produção e distribuição desse material, as manchetes de jornais faziam uso do enunciado kit gay para reportar sobre o assunto. A título de exemplificação, abaixo, dispõe-se de três manchetes jornalísticas dos jornais (G1, Veja, Carta capital e Folha de S. Paulo), que evidenciam o enunciado em seus títulos

Bolsonaro critica '**kit gay**' e diz querer 'mudar alguma coisa' na Câmara (G1, 2011, [s. d], aspas do autor).

Governo Dilma: '**Kit gay**' será reformulado e lançado até fim do ano (GOURLART, 2011, [s. d], aspas do autor).

Kit gay quer doutrinar em vez de educar (Carta capital, 2012, [s. d]).

'**Kit gay**' será em 2012 o aborto de 2010 (MAGALHÃES, 2012, [s. d], grifos do autor).

A recorrência do enunciado kit gay nas manchetes dos jornais, embora possa ser uma opção de garantir maior visibilidade e centralizar o olhar do público para tais matérias, também cria um efeito de opacidade do enunciado kit anti-homofobia, marcando o retorno das redes de implícitos sobre o homossexualismo. Segundo Pêcheux (2015b), há “um jogo de força que visa manter uma regularização pré-existente com os implícitos que ela veicula, confrontá-la como ‘boa forma’, estabilização perifrástica negociando a integração do acontecimento, até absorvê-lo e eventualmente dissolvê-lo” (PÊCHEUX, 2015b, p. 47, aspas do autor). Desse modo, o lugar que enuncia (a mídia), com seus modos tecnológicos de veiculação, produz um processo de repetibilidade. Nele, “os saberes originam-se na rede de formulações e a nela retornam, instituindo uma espécie de moto perpétuo” (INDURSKY, 2003, p. 103). Noutros termos; desaparece o kit anti-homofobia e, em seu lugar, o kit-gay toma corpo. As paráfrases discursivas sobre o enunciado revelam a formação social brasileira conservadora, a qual se fundamenta nas práticas religiosas herdadas pela colonização europeia. Assim, o sentido do kit anti-homofobia desliza sem se desvincular de sua formação discursiva religiosa. Isto é, a rede parafrástica constituinte do enunciado, ao deslizar-se, se transforma e ressignifica.

Esse processo será mais latente no retorno da temática nas eleições brasileiras de 2018, tendo em vista mostrar tal funcionamento. Será examinado, na próxima seção, um trecho da entrevista do ex-presidente Bolsonaro, concedida ao Jornal Nacional em 2018. Escolheu-se tal materialidade como lupa analítica, pois ela faz parte da construção de sentido do enunciado kit gay como também na construção de um moti de campanha eleitoral, é por isso que a questão do kit gay, em específico, é muito relevante para entender como funciona o desmembramento discursivo da disseminação das fake news. A partir desse gesto de descrição e interpretação, é possível compreender as suas relações discursivas entre o envio e compartilhamento do conteúdo que será exposto no próximo tópico, a partir de dois questionamentos: o que faz como que uma notícia seja repassada milhares de vezes e creditada como verdade? Quais relações discursivas existem entre os sujeitos que a enviam com os que as recebem? É o que será respondido agora.

4.2: Efeitos de sentido do enunciado Kit gay no pleito eleitoral brasileiro de 2018

As agências de checagem de informação durante o período eleitoral brasileiro de 2018 tinham como abordagem recepção e checagem dos conteúdos duvidosos que eram disseminados nas vias midiáticas. Muitas delas, no tratamento dos materiais recebidos, quando expunham, a exemplo das imagens, utilizaram-se de recurso de timbragem para evitar o uso indevido dos materiais já veiculados (como foi exposto no terceiro objeto do primeiro capítulo

desta pesquisa). Os vídeos e links de fake news são mais suscetíveis a ser ligeiramente compartilhados por possuírem uma estrutura visualmente mais aceita e de maior alcance para a população. Desse modo, quase todas as agências fizeram uso de recortes das partes em que as materialidades audiovisuais apresentavam informações falsas, não disponibilizando todo o conteúdo. A entrevista, (objeto analítico desta seção) do ex-presidente Bolsonaro concedida ao Jornal Nacional no dia 20 de agosto de 2018, é uma exemplificação desse processo. O fato de não disponibilizar o link se dá também pela reprodução em massa, muitas vezes, com cortes sem o devido cuidado de checagem.

Tendo em vista às questões levantadas, no período de recorte do *corpus*, foi necessário utilizar duas plataformas⁶¹ para melhor análise da materialidade. Desse modo, buscou-se o conteúdo pelas agências de checagem de notícias Fato ou fake (2018) para verificabilidade das informações falsas nele contida, mas como a agência não dispôs do link da entrevista e, visando a necessidade de visualizá-la por completo, para posteriormente efetuar o recorte analítico, recorreu-se à gravação da entrevista disponível no Globoplay. Dito isso, recomenda-se o acesso, para visualização completa do objeto, o link está disponível na seção Referências. Ademais, a transcrição do recorte do corpus analítico será disponibilizada no tópico anexo desta pesquisa, escolheu-se tratar no texto somente dos enunciados que serão organizados em sequências discursivas que tratam do tema homofobia. Essa temática é exposta na entrevista a partir dos 19 minutos. O recorte é realizado na fração de minutos em que o candidato Bolsonaro é questionado pela entrevistadora Renata Vasconcellos sobre as fortes declarações envolvendo a comunidade LGBTQ+. Dito isso, a seguir, as análises da primeira sequência discursiva.

SD1: começou a acontecer em **novembro de dois mil e dez** comigo... eles tinham acabado o nono seminário LGTB infanTIL... repito **nono seminário LGBT infanTIL** e estavam discutindo ali né comemorando **o lançamento de um material para combater a homofobia...** que **passou a ser conhecido como kit gay** (BOLSONARO apud JORNAL NACIONAL, 2018, [s. d], grifos do autor).

A primeira sequência discursiva acima coaduna com os postulados anteriores da segunda seção em que é apresentada uma reconfiguração sobre o projeto Escola sem Homofobia. A data exposta (novembro de dois mil e dez) diz respeito ao pronunciamento do candidato na sessão nº. 208. 4. 53. O, do dia 30 de novembro de 2010, onde ocorre,

⁶¹ Utilizou-se a plataforma *Streaming* de vídeos e áudios desenvolvida e operada pela emissora Globo, o globoplay, para extrair a entrevista na íntegra e efetuar a transcrição e fazer o recorte dos enunciados para análise. O globoplay possui duas modalidades de acesso; a pública que é um espaço onde são oferecidos conteúdos já postos ao ar como gravações de programas e reprise de jornais, dentre outros. Essa foi a modalidade usada para acessar a gravação da entrevista, que é corpus analítico deste capítulo. O outro modo disponível na plataforma é mais restrito, destinado para assinantes que queiram ter acesso aos conteúdos exclusivos. Para verificabilidade das informações contidas na entrevista, fizemos uso da agência de checagem de conteúdo fato ou fake.

institucionalmente, os primeiros filamentos sobre a discursivização do projeto. O candidato, na sessão, afirma que o material do projeto Escola sem Homofobia “na verdade, é um estímulo ao homossexualismo, à promiscuidade. Esse *kit* contém DVDs com duas historinhas. Seus filhos de 7 anos vão vê-las no ano que vem, caso não tomemos uma providência agora” (BOLSONARO, apud BRASIL, 2012, [s. d]). Encontra-se, aqui, o processo de repetibilidade, tal movimento “pode levar a um deslizamento, a uma resignificação, a uma quebra do regime de regularização de sentidos” (INDURSKY, 2011, p. 71). Segundo Indursky (2011), os deslizamentos circunscritos no interior da matriz de sentido atravessam as fronteiras das formações discursivas que, quando confrontadas, o sujeito do discurso pode se inscrever em outras formações discursivas pelo processo de identificação, desidentificação e contra-identificação que instaura sob a forma-sujeito (PÊCHEUX, 2014b), organizando outra matriz de sentido, e “ao migrarem de sentidos passam a ser determinados por outras relações com a ideologia” (INDURSKY, 2011, p. 71).

O ponto de encontro da memória que provém pelo viés da repetição está inscrito dentro da estrutura do discurso do sujeito por meio do interdiscurso. A sequência seguinte dispõe do fragmento; “nono seminário LGBT Infantil⁶²”, esse enunciado é importante para a análise, pois se conecta com o local em que, supostamente, teria sido lançado o material. Observa-se uma rede de formulações parafrástica e polissêmica, que antecede a circulação dos discursos sobre o material, mas se filia a uma memória social, a qual reúne outros enunciados sobre a homossexualidade. É nesse encontro de uma memória (o interdiscurso) com uma atualidade (o intradiscurso) instaurada pelos efeitos parafrásticos e polissêmicos que “os sentidos são rememorados, atualizados, re-significados” (INDURSKY, 2003, p. 103). Assim, os já-ditos sobre o material são retomados, produzindo um cruzamento entre duas dimensões; a vertical (interdiscurso) e horizontal (intradiscurso). Neles, o projeto Escola sem Homofobia é resignificado por kit gay, instaurando outra matriz de sentido que vai ser materializada na próxima sequência, quando o candidato lança mão de um livro e expõe em rede social, relacionando-o com os dizeres anteriores.

SD2: entre esse material Bonner tava esse livro lá Bonner ((mostrando o livro))...se bem que na **biblioteca das escolas públicas têm... é um LIVRO para a CRIANÇA OS PAIS NÃO SABEM QUE ISSO ESTÁ [NA BIBLIOTECA [não mas tá AQUI**

⁶² A equipe do Fato ou fake (2018) checkou a declaração e concluiu ser falsa a existência do seminário infantil. Segundo a agência, “não ocorreu na Câmara dos Deputados, em novembro de 2010, nenhum evento chamado ‘9º Seminário LGBT Infantil’” (FATO OU FAKE, 2018, [s. d]), entretanto, em maio de 2012, foi organizado o 9º seminário LGBT no congresso Nacional, visando discutir sobre “a infância e a adolescência de meninos e meninas que sofrem bullying e violência doméstica por escapar dos papéis de gênero definidos pela sociedade” (FATO OU FAKE, 2018, [s. d]).

O LIVRO, uma prova (...)(BOLSONARO apud JORNAL NACIONAL, 2018, [s. d], grifos do autor).

O livro “Aparelho Sexual e Cia” de Philippe Chappuis, publicado pela editora brasileira Companhia das Letras, apresentado pelo Bolsonaro durante a entrevista ao Jornal Nacional, foi checado pela agência fato ou Fake (2018). Consonante as averiguações, o livro “não fez parte do Programa Nacional do Livro Didático [...]” (MEC apud FATO OU FAKE, 2018, [s. d]). A agência informou ainda que o Ministério de Educação comprou 28 exemplares desse livro em 2011, dentro do Programa Livro Aberto, não tendo relação com as bibliotecas escolares e nem com o programa Brasil sem Homofobia (MEC apud FATO OU FAKE, 2018, [s. d]). Feitas essas considerações que atribuem a verificabilidade da alegação feita por Bolsonaro na entrevista, parte-se para as análises. Ao ser apresentado o livro que supostamente estaria nas bibliotecas brasileiras destinado às crianças, reafirma, discursivamente, a materialização do que tinha sido posto anteriormente, o livro ser um dos componentes do kit gay. Os já-ditos sobre o livro retomam momentos em que eles simbolizaram risco eminente da perda de poder. A ideologia nazista liderada por Adolf Hitler queimou em praça pública milhares de livros em 1933. Com uma grandiosa cerimônia intitulada com “depuração literária pelo fogo “ reuniu em praças públicas alemães, estudantes, lançando às fogueiras mais de “25.000 livros por eles considerados ‘não alemães’, pressagiando uma era de censura política e de controle cultural nazista sobre toda a população” (UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM, [s. d]). Além desse episódio, cabe destacar a guerra na Ucrânia em 2022 que destruiu bibliotecas e museus (SHARE AMERICA, 2022. [s. d]) como também, os bombardeios na Faixa de Gaza que atingiram a escola administrada pela Organização das nações Unidas em 2014 (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2012, [s. d]) e, recentemente, em 2023 (PORTAL R7, 2023, [s. d]).

As movimentações de sentido sobre a destruição de lugares nos quais os livros têm sua função pedagógica revelam uma disputa ideológico-político pelo poder e tomada territorial numa rede de formulação inscrita em uma mesma formação discursiva: o negacionismo científico. Para apagar o caráter negacionista, outros discursos são postos, nos exemplos anteriores, o discurso religioso é utilizado como ferramenta, percorre todas as manifestações conflituosas, não é o centro das discussões, mas se torna um alinhado eficaz para aderência à população. Na sequência discursiva em análise, tal discurso será mais incorporado nos postulados sobre gênero e sexualidade dentro de um discurso científico. Esse processo indica que o sentido desliza, reconfigura, mas permanece em seu interior uma rede de formulações responsáveis por sua instauração. Nesse movimento analítico, observa-se o efeito de memória,

a qual possibilita o retorno de um conjunto de formulações já enunciadas que, ao serem retomadas, esvazia-se o sentido do livro de caráter pedagógico para alinhá-lo a uma prova de corrupção de valores da moral social. Instituído por meio dos processos parafrásticos e polissêmicos, produz o efeito de sentido de preocupação com as crianças, ao mesmo tempo que tangencia uma ordem do discurso (FOUCAULT, 2014) de quem deve ensinar sobre a sexualidade para as crianças, mais que isso, como deve ser ensinado, quais bases epistemológicas deverão ser utilizadas, ou melhor, qual via ideológica. Junto a essa reconfiguração, estabelece-se o lugar da escola como instituição que deve promover o conhecimento sobre o mundo sem interferir na educação sexual das crianças e o lugar da família como principal, senão único mediador para ensiná-los sobre a sexualidade (SOARES; LISBOA, 2023).

Conforme Foucault (2021b), o dispositivo da sexualidade já existia antes da modernidade como parte de um princípio que a civilização deve se organizar perante regras sociais para evitar a barbárie, isto é, a regulamentação sexual é a essência da organização da sociedade. Todavia, o autor assinala que durante séculos, o ocidente se preocupou na busca por ‘verdades’ sobre a sexualidade, sobretudo, a partir da ciência e também do cristianismo. Foucault (1988, 2021b) mostra que no século XVIII a medicina assume um papel importante na maquinaria do poder, “o médico se torna um grande perito na arte de governar, pelo menos na de observar, corrigir, melhorar a ‘corpo’ social[...] e é a sua função de higienista, mais que seus prestígios de terapeuta, que lhe assegura essa posição politicamente privilegiada” (FOUCAULT, 2021b, p. 310, aspas do autor). Nesse viés cristão, o sexo era vigiado, confessado por um discurso coercivo; podia falar sobre a sexualidade, mas para proibi-la. Nesse aspecto, a família torna-se “o cristal no dispositivo de sexualidade: parece difundir uma sexualidade que de fato reflete e difrata. Por sua penetrabilidade e sua repercussão voltada para o exterior, ela é um dos elementos táticos mais preciosos para esse dispositivo” (FOUCAULT, 2021a, p. 105). O filósofo apregoa que a produção de ‘verdades’ sobre os corpos e os prazeres se relaciona a um discurso científico por dois registros de saber: a biologia da reprodução desenvolvida de acordo com a normativa científica geral e a medicina do sexo obediente às regras de origens diversas; instituições, organizações, decisões regulamentadoras, leis, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas (FOUCAULT, 2021a). Para o autor, as ciências da saúde e medicina, nos séculos XVIII e XIX, compreendiam a homossexualidade como objeto de análise que carecia de intervenções clínicas. Assim, observavam os comportamentos sociais pela biologia por meio dos discursos da fisiologia da reprodução animal e vegetal.

Butler (2018) destaca que o binarismo do sexo é produzido pelas práticas reguladoras, numa matriz de norma entre feminino e masculino compreendida nos atributos expressivos de ‘macho e ‘fêmea’. Tal percepção se torna obsoleta em várias esferas sociais e para uma parte da comunidade científica, que passou a pensar a sexualidade a partir das teorias de gênero⁶³, mas a formação discursiva do biologismo não se extingue de fato, dado que os discursos não são estanques, podem ser retomados pelos sujeitos e ressignificados nos enunciados. Explicando melhor, de acordo com Pêcheux (2014b), a interpelação do indivíduo em sujeito do discurso se efetua pelo processo de identificação do indivíduo em uma ou mais formação discursiva, a qual se constitui pelos elementos do interdiscurso; os pré-construído, um “sempre-já-ai” e articulação que “constitui o sujeito em sua relação com sentido, de modo que ela representa, no interdiscurso, aquilo que determina a dominação da forma-sujeito” (PÊCHEUX, 2014b, p. 151). Desse modo, o interdiscurso possibilita que o sujeito do discurso transite por todo eixo de filiação do dizer e se inscreva, a partir de uma formação ideológica, numa formação discursiva. Partindo desse viés, pode-se verificar na sequência discursiva 3, abaixo, o retorno das discussões sobre os papéis de gênero culturalmente construídos.

SD3: **EU estava defendendo as criANças em sala de AULA ... um PAi não quer chegar em casa e encontrar um filho brincando com boneca POR influência da escola...** ESSE é o assunto(...) (BOLSONARO apud JORNAL NACIONAL, 2018, [s. d], grifos do autor).

No excerto, a discussão sobre o papel de gênero é retomada pelo substantivo ‘boneca’. O brinquedo é socialmente percebido dentro dessa conjuntura binária, posicionando-o como pertencente ao feminino. Nessa visão, os papéis de cuidado dos bebês são direcionados às mulheres, enquanto o de proteção, aos homens. O substantivo retoma essas discussões e é mais incorporado ao verbo ‘defender’. Sua flexão no gerúndio evidencia um movimento, uma ação sendo realizada em prol da defesa da sexualidade das crianças. O efeito de sentido de proteção ameniza o caráter homofóbico do enunciado. Isto é, há uma justificação para proibição da educação sexual das crianças nas escolas, que no enunciado está diretamente ligada aos papéis de gênero e opção sexual. Nesse ponto, cabe mencionar que a sexualidade é “um comutador que nenhum sistema moderno de poder pode dispensar. Ela não é aquilo que o poder tem medo, mas aquilo que se usa para seu exercício” (FOUCAULT, 2001, p. 236). As proibições são

⁶³ O conceito de gênero é discursivado na sociedade a partir da ‘segunda onda’ dos movimentos feministas, cujo foco voltava-se, sobretudo, para construções teóricas. Simone Beauvoir (1949) foi a principal expoente desse movimento. Hoje, outros nomes como o da pesquisadora estadunidense Judith Butler (2018) se tornou referência para esse campo de estudo. Para a autora, o gênero “não deve ser meramente concebido como uma inscrição cultural de significado num sexo previamente dado [...] tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos” (BUTLER, 2018, p. 27).

formas necessárias para o exercício do poder, tornam-se um mecanismo eficaz de intervenção. No caso dos enunciados, os efeitos de sentido de alerta e defesa das crianças retomam, dentro da formação discursiva do biologismo, o discurso do medo dos filhos se ‘virarem’ homossexuais por brincarem de boneca. Esse alinhamento torna-se ainda mais latente na próxima sequência.

SD4: entra na internet... pegue lá... pla-no nacio-nal de promoção e cidadania LGBT... são cento e oitenta ITENS entre eles... a **des-cons-tru-ção da heteronormatividade...** OU SEJA **estão ensinando em algumas escolas que homem e mulher TÁ ERRAdo pode ser SIM homem com homem e mulher e mulher** [o que é difícil BONner (...) pra cri-an-ci-nha a partir de seis ANos de idade (...)](BOLSONARO apud JORNAL NACIONAL, 2018, [s. d], grifos do autor).

O enunciado ‘desconstrução da heteronormatividade⁶⁴’ no fragmento acima entrelaça-se com os postulados anteriores, de que a sexualidade deve ser regulamentada pela categoria binária (homem/mulher). A posição-sujeito de candidato defensor das crianças continua sendo apresentada dentro de uma matriz heterossexual, que se constitui numa formação discursiva do biologismo. O discurso da heteronormatividade está inserido no eixo discursivo da sexualidade, seu uso mobiliza práticas reguladoras e disciplinares de poder sobre os corpos por meio de mecanismos coercivos; a punição ou intervenção são alguns deles. Nesse registro, estabelece padrões e formas de comportamentos ‘aceitáveis’ para mulheres e homens, estes subordinados a uma matriz de inteligibilidade heteronormativa, ou seja, tudo que se distingue desse véis é considerado desviante. A sexualidade, como bem pontua Foucault (2021a, 2021b), é um dispositivo de poder, que mediante as normas sociais controlam os corpos e seus prazeres. Há uma ordem estabelecida no discurso de modo que o que é dito possui relações de poder dentro de uma conjuntura previamente determinada, controlada, selecionada, organizada e redistribuída (FOUCAULT, 2014). Isso é importante, pois mostra que os enunciados adquirem sentidos e posições de poder a partir do sujeito que fala, como fala e para quem ele fala. No caso do candidato Bolsonaro, seu poder de influência contribui positivamente para cancelar a formação discursiva do biologismo. A posição de poder de Bolsonaro, nas eleições de 2018, está subscrita pela identidade religiosa criada ao longo do tempo pelas aproximações com lideranças políticas evangélicas centrais como o bispo Edir Macedo, dentre outros (FERREIRA; FUKS, 2021). Isto revela que a preponderância entre os religiosos na aderência a Bolsonaro se constitui na e pela religião, isso atesta como as pesquisas de intenção de voto

⁶⁴ A heteronormatividade, segundo Butler (2018), está subscrita pelo aparato da heterossexualidade compulsória que “exige e regula o gênero como uma relação binária em que o termo masculino diferencia-se do termo feminino, realizando-se essa diferenciação por meio das práticas e do desejo heterossexual” (BUTLER, 2018, p. 53).

durante a eleição, marcando 69% a favor do candidato (FERREIRA; FUKS, 2021), como diz Marx (1972, p. 42) “a religião é o ópio do povo”.

Esse alinhamento político endereçado aos cristãos constrói uma rede de reformulações discursivas anterior ao processo eleitoral. Após os embates na câmara sobre as discussões relacionadas ao projeto Escola sem Homofobia, o candidato que na época era deputado vai construindo seu eleitorado e constituindo uma imagem de religioso, que vai ser retomada com mais força durante o pleito eleitoral de 2018. Seu slogan político “Deus acima de tudo, Brasil acima de todos” contribui para materializar a imagem de um candidato cristão. E quais as relações desse percurso do candidato com o discurso biologista verificado nos enunciados? Ocorre que a grande maioria do público religioso compactua com a visão binária de gênero e se fundamenta na seguinte passagem do livro de Levítico; “se um homem dormir com outro, como se fosse com mulher, ambos cometem uma abominação e serão punidos com a morte” (BÍBLIA SAGRADA, 2005, Lev, 3, p. 146). Para esse público, o binarismo sexual serve como ferramenta ideal com importância científica para justificar a ideologia religiosa. Nesse limiar, os papéis de gênero são atualizados nos enunciados do excerto para marcar o discurso biologista, portanto, científico, com vistas a descredibilizar o projeto Escola sem Homofobia, ressignificar sua proposta e, assim, censurar a educação sexual nas escolas. A posição do candidato revela sua influência, auxiliando na propagação dos discursos sobre a sexualidade dentro de uma formação discursiva religiosa e também uma formação discursiva do biologismo. Esse movimento mostra parte do processo de disseminação. Na próxima sequência, serão verificados os processos de identificação que estão ancorados às formações imaginárias de quem envia e recebe os conteúdos, bem como sua posição discursiva.

SD5: eu vou mostrar numa **live depois do programa o livro** sem problema nenhum...**fiz uma matéria no facebook deu QUARENTA milhões de acesso em quinze dias** (BOLSONARO apud JORNAL NACIONAL, 2018, [s. d], grifos do autor).

Após ser proibida a exposição do material durante a entrevista por infringir as regras anunciadas previamente, o candidato sinaliza que irá mostrar o livro ‘Aparelho sexual e cia’, posteriormente, em uma live⁶⁵. Seguindo o fio discursivo, verifica-se que o impedimento de expor o livro remota às discussões sobre a imparcialidade do jornalismo, em especial, da globo, discursivizado pelos intradiscursos; ‘a globo é petista’, ‘a globo é comprada pelo PT’, por isso, abstém de fornecer a ‘verdade’ e/ou, são manipulados para tal. Ao mencionar a plataforma

⁶⁵ O neologismo ‘live’, no recorte analítico, refere-se ao formato de transmissão ao vivo disponibilizado pelas mídias digitais; Facebook, instagram e Youtube.

digital como outra via para mostrar o material, marca o lugar da mídia digital (facebook) como veiculadora de informação jornalística segura. O direcionamento para sua conta na rede social faz parte da estratégia implementada anos antes do pleito eleitoral de 2018 que teve como foco, pela equipe do candidato, rastrear as eleições norte-americanas e de outros governos populistas de direitas ao redor do mundo, como base para criação de sua campanha. Para Mello (2020), “a verossimilhança entre Trump e Bolsonaro entre as bem-sucedidas campanhas eleitorais está no controle da mídia tradicional e a comunicação direta com o eleitor” (MELLO, 2020, p. 184).

Nas sequências discursivas, verifica-se a inscrição do candidato Bolsonaro dentro de uma formação política, mediada pela “formação discursiva do sucesso” (SOARES, 2016, 2017, 2018, 2020a), juntas possibilitam a expansão da popularidade do político, aproximando-o dos telespectadores, o que faz com que seu poder de influência adquira espaços maiores e que seus dizeres sejam não apenas visualizados, mais que isso, reproduzidos e discursivizados por outros. Outra questão que se entrelaça nesse âmbito da discursivização de sua imagem, é que ao ter o contato direto com as redes sociais cria-se um público específico de aderência aos seus discursos, os influenciadores digitais (sujeitos do sucesso), estes reproduzem e/ou produzem conteúdos sobre as questões, que estão sendo levantadas pelo candidato. Faz-se importante inferir que a disseminação não se dá apenas pelo poder de influência midiática por meio dos influenciadores do candidato, mas, também, e, sobretudo, pelas relações discursivas existentes no processo de identificação, elas são cruciais para o repasse e validação dos conteúdos. Nessa toada, há dois filamentos discursivos; o primeiro envolve o processo de identificação que será abordado no parágrafo seguinte e o segundo faz parte da estrutura do capitalismo digital.

Os lugares sociais que os sujeitos do discurso se inscrevem são representados pelas imagens, isto é, “existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre *situações* (objetivamente definíveis) e as *posições* (representações dessas situações)” (PÊCHEUX, 2014a, p. 82, itálicos do autor). Dito de outro modo, o processo de identificação do sujeito no discurso é construído pelas formações imaginárias que se localizam dentro de uma formação social, orientada e regulada pela formação discursiva. Com base nessa visão, Mariani (2018) pontua que a validação de fake news se dá pelas formações imaginárias e discursivas, a imagem “que o sujeito faz de si, desse outro que lhe enviou o zap e daquele a quem o zap é reenviado são coincidentes ou bem próximas” (MARIANI, 2018, p. 5). Isto é, o sujeito que recebe alguma mensagem e repassa via plataformas digitais, além de identificar-se com a formação discursiva inerente à mensagem, publiciza essa posição. Os efeitos de verdade daquilo que foi dito e repassado são produzidos por quem recebe e reenvia as mensagens de modo que “a sustentação do dizer funciona

horizontalmente na rede familiar ou de amigos ou de colegas de trabalho que se encontra na agenda de telefones ou no grupo de amigos do Face e/ou Instagram” (MARIANI, 2018, p. 6). Esse é um primeiro ponto para compreender a estrutura da disseminação, o segundo diz respeito a ideologia neoliberal que se insere dentro da formação social capitalista em que estamos inseridos.

A tecnologia ressignifica indivíduos e seus modos de inscrição social, embora se mostre transparente, a história da tecnologia e o sujeito são intercambiantes. As condições de produção da tecnologia produzem ambientes virtuais que transformam a relação entre o sujeito e a sociedade, assim novas práticas políticas e discursivas emergem e reconfiguram os espaços dos dizeres. Hoje, as mídias digitais não só constituem esse ambiente virtualizado, como abrem novos espaços para o mercado de trabalho. A exemplo, verificam-se os influenciadores digitais⁶⁶, parte do novo ramo de trabalho da nova modalidade do digital. Conforme Assis e Ferreira (2019), a profissão de influenciadores digitais relaciona-se aos modos do Marketing de influência, ramo do Marketing cuja finalidade é a liderança e influência para alçar vendas, os autores mostram que “o digital trouxe uma nova percepção do papel do consumidor, não apenas voltada para compra e consumo, mas, um papel simbólico e emocional de pertencimento” (ASSIS; FERREIRA, 2019, p. 2). Os produtores de conteúdos no digital oferecem aos seus seguidores conteúdos diversos, como saúde, beleza, viagens, moda, conteúdos acadêmicos, entre outros.

De acordo com Lisboa e Soares (2023), a grande maioria dos influenciadores digitais opta pelo ramo da divulgação do entretenimento. Isso, ocasionalmente, perpassa pelo político, considerando que o falar implica em tomar posições, em escolhas ideológicas (ORLANDI, 2015). Em tese, há uma intensificação de como ser bem-sucedido e alcançar uma posição social de prestígio na sociedade. Essas celebridades ou subcelebridades são os "sujeitos do sucesso" (SOARES, 2016, 2018, 2020a). De acordo com Soares (2016), na sociedade atual, “o sucesso está vinculado à produção de sujeitos e significados por esferas privilegiadas de disseminação de discursos de sucesso, a saber, a mídia de sucesso, ou seja, a mídia, a literatura e a Internet” (SOARES, 2016, p. 1082). O discurso do sucesso tem como meio de divulgação, atualmente, as mídias digitais e os influenciadores digitais. Esses possuem uma abundância de seguidores, por meio do espaço digital produzem e vinculam discursos. Na sociedade contemporânea, o

⁶⁶ Influenciadores digitais “são pessoas comuns que se transformaram famosas nas redes sociais devido algum assunto comentado e tornando referência para marcas, em algum grupo, tema social, econômico e cultural” (ASSIS; FERREIRA, 2019, p. 2).

sucesso “é uma formação social da qual se necessita compreender a ideologia reproduzida no discurso, que, por sua vez, se imprime na prática da língua” (SOARES, 2016, p. 1082).

Tomando a concepção do autor sobre os sujeitos do sucesso, para o entendimento das fake news, verifica-se que a repercussão de um fato se dá também pela voz de quem fala, o lugar o qual ocupa. A voz de um ator famoso, de um empresário de prestígio valerá mais que a voz de um comerciante, um professor, por exemplo (LISBOA; SOARES, 2023). As fake news são gestadas nesse espaço midiático. Vale entender que os lugares sociais que os sujeitos ocupam na sociedade e sua representação na mídia têm relações intrínsecas com a disseminação de informações falsas como também de combate a elas. O lugar de destaque e sucesso permite as personalidades famosas atuarem como chanceladoras do que está sendo disseminado. Desse modo, uma notícia falsa vinculada por um influenciador digital alcançará um grande público, por meio das visualizações dos seguidores que tomam como verdade tudo aquilo que publicam. Assim, a notícia será validada e repassada para outras pessoas como verdade, formando uma rede de compartilhamento em questão de segundo. Como afirma Soares (2022), “a mídia, por muito tempo, desempenha um grande papel na sociedade brasileira. Mais do que divertir e informar, a mídia gerencia os discursos circulantes ao ponto de se tornarem uma espécie de reguladora de discursos” (SOARES, 2022, p. 37).

Por meio dos procedimentos utilizados pelas redes sociais e a fim de garantir a confiabilidade do que está sendo noticiado, os influenciadores digitais ganham *status* de confiabilidade “influenciando uma certa percepção dos fatos noticiados e, ao mesmo tempo, moldando o acesso a muitos contextos sociais” (SOARES, 2022, p. 49). Verifica-se, então, que mídia se tornou um expoente nas relações sociais dos sujeitos contemporâneos. Por meio da sociedade midiaticizada, os indivíduos modificaram as formas de relacionar-se com o mundo. Nessa esteira, os sujeitos do sucesso possuem poder de influência para aqueles que os seguem e suas vozes são veículos difusores na validação e credibilização dos conteúdos falsos. O discurso do sucesso abrange o âmbito digital de tal modo que as fake news veiculadas pelos sujeitos do sucesso alcançam um tratamento além: atingem não só o público desse sujeito, mas aqueles que ficam sabendo sobre, dado que o lugar que esse sujeito ocupa socialmente potencializa os efeitos de verdade sobre tal conteúdo. Dessarte, no processo de disseminação de notícias falsas, essas vozes do sucesso são parte importante da validação e da credibilidade.

Ademais, pode se dizer que as condições de produção da internet estão inseridas no *modus operandi* do “capitalismo digital” (SILVEIRA, 2021), sendo parte constituinte da chamada era da informação. Toda essa conjuntura revolucionou a “maneira como a sociedade se informa e se comunica” (ALVES; MACIEL, 2020, p. 49). De acordo com Silveira (2021),

os avanços das plataformas midiáticas, a expansão de *hardware*, *software* e a maior acessibilidade de preços dos dispositivos de comunicação móveis modificaram a economia informacional em uma economia dataficação, isto é, “a conversão dos fluxos da vida em fluxo de dados extraídos, armazenados e tratados com objetivos de ampliar o domínio do capital sobre a sociedade” (SILVEIRA, 2021, p. 8-9). Nessa esteira, a internet e suas redes móveis consolidam a sociedade cibernética. Silveira (2021) mostra que as grandes corporações e grupos empresariais utilizam “um tipo específico de arranjo empresarial-tecnológico que se adequou profundamente à coleta, armazenamento, processamento, análise e modulação de dados” (SILVEIRA, 2021, p. 7).

O neoliberalismo é uma das manifestações ideológicas do capitalismo com vistas a promover princípios do mercado livre⁶⁷. Nessa direção, umas de suas fases expande exponencialmente com o uso intensivo das tecnologias. Conforme pontua Ghiraldelli (2020), há, nesse capitalismo, uma desreferencialização do valor de uso e de troca, tudo que se compra e vende transforma-se em uma economia datificada. Esse delineamento opera pela/nas redes e plataformas digitais, fortalecendo o império de dados, nela, “todas as operações financeiras que hoje são a base dos bancos, todos eles já digitalizados, são feitos por algoritmos que nos são apresentados sem linguagem, sem as duas séries, mas apenas com nomes, signos” (GHIRALDELLI, 2021, p. 117). Nessa direção, Deleuze (1992) aponta que a “linguagem numérica do controle é feita de cifras, que marcam o acesso à informação[...] os indivíduos tornaram-se ‘dividuais’, divisíveis e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou ‘bancos’” (DELEUZE, 1992, p. 226, aspas do autor). Assim, a ideologia neoliberal articula ‘novas’ formas de trabalho digital, impulsionando os indivíduos a se tornarem seu próprio chefe, empreender no mundo digital, dentre as profissões que se entrelaçam nessa proposta estão os produtores de conteúdo digital; os influenciadores digitais, os quais serão denominados de sujeitos de sucesso (SOARES, 2017).

Com base nessa questão, as fake news tornam-se um produto neoliberal de rentabilidade financeira tanto para quem as produzem, compartilham como também para as empresas digitais usadas como espaço para produção dessas materialidades. Nesse ínterim, o lugar de destaque dos influenciadores e seu poder de influência produzem efeitos de verdade sobre os conteúdos por eles compartilhados, esse movimento além de fornecer condições para a manutenção do

⁶⁷ A noção de mercado livre tem como principal pensador Adam Smith e trata, grosso modo, de um substrato ideológico das aparas capitalistas, baseada no liberalismo, que tem por objetivo principal defender os princípios de livre concorrência, autonomia e autorregulação dos meios de produção sem a atuação do Estado nas atividades econômicas. Nesse véis, a regulação da economia deve ocorrer pelos próprios agentes econômicos sem intervenção de um agente externo.

capital datificado, silencia o caráter de mercantilização dos conteúdos falsos. Assim, o processo de disseminação de notícias falsas não é construído tão somente pela base da identificação (formações imaginárias), como pontua Mariani (2018), mas, e, sobretudo, pela formação discursiva neoliberal que opera como ideologia dominante para sua manutenção.

Nas análises deste capítulo, verificou-se que as estratégias políticas do candidato Bolsonaro na criação de seu eleitorado marcam uma formação discursiva política mediada pela formação discursiva do sucesso. Seu poder de influência, o discurso conservador e patriota que é por ele mobilizado, similar aos políticos populistas de direita, vão chancelar um discurso de credibilidade dentro de sua base de apoiadores. As configurações discursivas produzidas nos anos anteriores sobre o projeto Escola sem Homofobia constroem um eixo parafrástico e polissêmico que retomam os já-ditos sobre o homossexualismo, dentro das formações discursivas do biologismo e religiosa. Esse movimento é atualizado durante o pleito eleitoral de 2018, deslizando o projeto Escola sem Homofobia para o kit gay. Nesse espaço discursivo, os papéis da escola e da família na educação sexual das crianças são reformulados, descreibilizando o espaço escolar como um ambiente de conhecimento para um local de propagação de ideologias que ferem a moral e os bons costumes da família tradicional brasileira.

Examinou-se, também, que as condições de produção do capital digital, que dá base para o avanço de tecnologias de inteligência artificial, estruturam o processo de disseminação de conteúdos falsos, além de amparar e garantir modelos de negócios por meio de um capitalismo digital-datificado, orientado pelo viés ideológico do neoliberalismo, que projeta o empreendedorismo digital. No interior dessa economia digital, os sujeitos do sucesso, isto é, os influenciadores digitais, assumem papéis importantes na veiculação e validação de conteúdos. Esse processo se dá pelas formações imaginária e discursiva que cerceiam o processo de identificação de quem recebe, envia e compartilha o conteúdo. Verificou-se, também, que as fake news, na nova modalidade de trabalho digital (os influenciadores digitais), tornam-se um produto neoliberal de modo que seu compartilhamento, nas mídias digitais, é altamente lucrativo. Os conteúdos disseminados estão inseridos no interior de uma estrutura do capitalismo datificado que se apropria dessas materialidades, transformando-as em produtos rentáveis, isto é, as fake news são núcleo vital do capital datificado, nela, “a troca de mercadorias no circuito do mercado produz as relações sociais entre mercadorias, fazendo com que aquelas sejam opacificadas nesse processo, permanecendo escondidas por trás das relações entre as mercadorias” (TFOUNI, 2014, p. 26).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa lançou luz em compreender o funcionamento discursivo do fenômeno fake news no Brasil, a partir de seus desmembramentos no campo político em 2018. Com isso, se debruçou em mostrar de que forma as notícias falsas se estabelecem na sociedade brasileira, produzindo rupturas em diferentes esferas, modificando o modo como os sujeitos se posicionam em relação a ciência, ao jornalismo e a história. Por esse viés, este trabalho descreveu e interpretou as condições de produção e circulação das chamadas notícias falsas da atualidade, bem como levantou questões relevantes, apontando para sua constituição. Para isso, utilizou-se de materialidades (retiradas das agências de checagem de conteúdo), que foram discursivizadas nas vias midiáticas como fake news, durante o pleito eleitoral brasileiro de 2018, para construir o *corpus* analítico.

A alegoria da caverna escrita por Platão (2000) é uma célebre passagem do livro “A República”, o qual narra um diálogo entre Sócrates e Glauco sobre o conhecimento. A caverna, lugar onde os prisioneiros estão alojados, representa a percepção da realidade única. Para Platão (2000), o conhecimento é adquirido fora da caverna, no interior dela resta apenas uma aceitação da realidade que lhe são apresentadas. Essa metáfora platônica que faz parte da epígrafe desta pesquisa pode ser usada para exemplificar a era da desinformação. O excesso de notícias falsas promulgado pela “sociedade hiperinformatizada” (MARSHALL, 2014) sufoca os sujeitos com um bombardeamento de conteúdos que estão sendo enviados e compartilhados em diferentes tipos de gêneros e plataformas digitais. Esses sujeitos são levados pelos posicionamentos ideológicos a se posicionarem apenas para o que é mostrado. O traçado manipulador das notícias falsas é feito por meio das sombras e esse processo ocorre devido a um sistema tecnológico.

O acesso às mídias digitais, promovido pela era da informação (CASTELL, 1999), tem estabelecido uma revolução na forma de os sujeitos se constituírem em sociedade. “Cada novo aparato eletrônico criado pelo homem produz mudanças sociais, econômicas e culturais profundas na sociedade, delimitando, com propriedade, sistemas de troca simbólica, impressa, audiovisual ou digital” (MARSHALL, 2014). Esse sistema fragmenta, dilui e multiplica as esferas comunicacionais. A gestão do uso de aparelhos individuais como os smartphones gera uma circunscrição tecnológica, “poderíamos dizer que o digital se tornou o grande sistema lógico portátil no qual todos os outros se convertem em sistemas menores, divisíveis e aparentemente independentes” (DIAS, 2018, p. 59-61), ele conecta os objetos e sistemas por meio do aparato maquinal. Esse sistema afeta o modo de leitura e o conhecimento mais

aprofundado sobre os conteúdos compartilhados. Nele, o desenvolvimento tecnológico cria um novo mundo e abre um espaço de inúmeras possibilidades de contar histórias de outras histórias pela sua visão individualizada.

Dessa forma, “o digital produziu uma mudança na discursividade do mundo” (DIAS, 2008, p. 09). A ampliação de conexão entre indivíduos e grupos rompe com os meios de comunicação tradicionais. Tudo que é produzido circula rapidamente por meio da *internet*, inclusive os discursos em vídeos e áudios disponibilizados em redes de relacionamento. Basta ter acesso aos dispositivos tecnológicos, dar o *play* e assim adentrar nas relações sociais contemporâneas. As mídias digitais estão inseridas em um espaço virtual heterogêneo, uma vez que os indivíduos produzem e simultaneamente consomem informações, um espaço que “se inscreve no entremeio dos espaços empírico e discursivo” (GRIGOLETTO, 2011, p. 263) e abrigam diferentes discursos. Assim, a sociabilidade produzida pelas mídias está intrinsecamente ligada à circulação e produção de conteúdo, inscritas em condição de produção específicas no tempo e no espaço, “as redes sociais se organizam para constituir um sujeito do conhecimento e que, ao mesmo tempo, é produtor de conhecimento” (DIAS; COUTO, 2011, p. 637).

Para Dias (2018), a universalidade tecnológica impõe um contexto de realidade com o qual os sujeitos se identificam, pois, eles já nascem, de alguma maneira, ligados à tecnologia e, por isso, seu modo de inscrição determina e regula a forma de sua existência. Nas palavras da autora, “a tecnologia tem efeitos no processo de interpelação em sujeito do indivíduo bio-psico, intervindo no funcionamento espontâneo da forma sujeito histórica” (DIAS, 2018, p. 50). Nessa direção, a autora postula que esses efeitos são evidenciados a partir de duas propriedades discursivas da forma sujeito: o esquecimento e a identificação, noções trazidas por Pêcheux (2014a). No processo tecnológico, há equivocidade que constitui, no meio social, uma ilusão de transparência a partir do esquecimento discursivo, mostrando a tecnologia construída separada do sujeito e sociedade. Assim, “o sentido da tecnologia é o efeito do modo como ela é significada politicamente na constituição dos artefatos do mundo numa relação indissociáveis com a forma das relações sociais, políticas e econômicas, numa determinada formação social” (DIAS, 2018, p. 40).

Dias (2018) mostra ainda que a “objetividade material contraditória do interdiscurso” (PÊCHEUX, 2014b, p. 149) contribui para compreensão do processo da transparência do sentido da tecnologia, pois segundo a autora, há um funcionamento intradiscursivo da tecnologia como uma entidade autônoma, na qual o sujeito é, então, apagado desse processo, como também, é exaltado como produtor da tecnologia. Esse processo opera duas instâncias:

“por um lado, apaga-se o sujeito, por outro, apaga-se a história, as condições de produção, produzindo outra cisão, dessa vez entre sujeito e história” (DIAS, 2018, p. 44). Esse jogo discursivo, que funciona na constituição da tecnologia, opera o que Dias (2018) chama, posteriormente, de “o discurso de maravilhamento da era digital” (DIAS, 2018, p. 45), em que se tem a tecnologia como grande onipotência, “como se ela existisse por si só, fora do processo histórico e capitalista. Como se uma determinada produção tecnológica tivesse se originando num ponto identificável da história” (DIAS, 2018, p. 45).

Dessa forma, tem-se a internet cada vez mais avançada com a mídias digitais funcionando e sistemas de atendimento ao público automatizado, cumprindo uma necessidade fisiológica na vida das pessoas, pois a maioria dos dados pessoais, de trabalho, saúde e financeiro estão armazenados por sistemas de inteligência artificial, como a *Big Data*⁶⁸. “O digital produz um novo tipo de relação entre o sujeito e o social, uma nova relação das práticas políticas e discursivas” (DIAS, 2018, p. 170). Nessa perspectiva, as redes sociais sofrem reconfigurações, hoje os indivíduos criam seu próprio conteúdo e muitos, como os influenciadores digitais, são monetizados pelas plataformas digitais. As plataformas virtuais produzem uma mudança na comunicação entre as pessoas e das pessoas com a sociedade, em um processo discursivo que se ancora aos aspectos políticos e ideológicos que constituem os sujeitos em sociedade, sendo regulamentados e regidos por leis estabelecidas na sociedade capitalista.

Com efeito, estamos inseridos na “‘internet das coisas’, numa fusão do mundo físico com o digital (DIAS, 2018), que faz a conexão entre os indivíduos e sistemas tecnológicos. Os novos modos de produção capitalista do século 20 apropria-se de uma “nova matriz das estruturas produtivas, epistêmicas, culturais e ‘ideológicas’ que reacendeu e reenergizou a matriz anterior, transformando a ordem social num grande amálgama econômico, político e social” (MARSHALL, 2014, [s. d]). A tecnologia torna-se então símbolo da era pós-moderna, que se estrutura a partir de “sua natureza, ‘disforme’, ‘descentralizada’, ‘descontínua’ e ‘distributiva’, a lógica ecossistêmica de toda a ordem social, cultural, política e econômica” (MARSHALL, 2014, [s. d]). Para Dias (2018), a internet tornou-se um espaço de escritura do sujeito, se assim o é, “não é à toa que a mais preciosa ‘moeda’ da rede seja os dados dos sujeitos: o que ele come, onde ele vai, onde mora, onde trabalha, qual sua posição política (...)

⁶⁸ O termo *Big Data* não é recente, mas se tornou usual a partir do século XXI por empresas de marketing digital para otimização de serviços. Segundo Laney (2001), a *Big Data* é um termo da tecnologia da informação que significa um grande conjunto de dados armazenados por meio de três Vs (velocidade, volume e variedade).

informações assim são monetizadas para grandes empresas constituindo o ‘sujeitos de dados’” (DIAS, 2018, p. 156).

A universalização tecnológica pontuada por Marshall (2014) é institucionalizada por meio das plataformas digitais, seu modo de gestão se faz às sombras tal qual a metáfora platônica, o protagonismo se mostra através dos indivíduos que são interpelados ideologicamente que ao utilizarem o campo constroem teias discursivas imbuídas em “verdadeiras potências simbólicas superestruturais, alçadas ao estado de uma sociedade além da sociedade” (MARSHALL, 2014, [s. d]). O efeito de opacidade criado pelo modo de operação e funcionamento da tecnologia transcende os limites, assim “tudo parece viver e experimentar uma nova condição, com a remasterização do próprio eu, do outro e da realidade” (MARSHALL, 2014, [s. d]). Nesse diapasão, a mídia, enquanto veículo, torna-se reguladora dos discursos, é, então, nesse espaço fragmentado e heterogêneo que nos encontramos, em cavernas modernas digitais. Com a era da desinformação, essas cavernas polarizadas auxiliam o processo de disseminação das fake news, assim as “as imagens produzem imagens, levando a um estado de hipertrofia total da realidade real” (MARSHALL, 2014, [s. d]).

A partir da exposição das notícias falsas disseminadas na história, examinou-se que nem tudo que era considerado notícia falsa é propriamente uma notícia e/ou falsa; se configuravam em suposições, difamações, boatos. No eixo paradigmático, as notícias falsas da história com as fake news se encontram, sendo a última a atualização da primeira. Desse modo, o diferencial da atualidade de circulação do fenômeno fake news está também nas condições de produção que, potencializado pelas ferramentas de tecnologia da informação, propiciou um ‘território fluído’ (BAUMAN, 2007), factível para qualquer produção de conteúdo. O confronto-circulação de notícias falsas circuladas massivamente nas plataformas midiáticas atualiza e produz ‘efeitos de verdade’ (COURTINE, 2009) sobre as materialidades veiculadas na rede. Elas ganham força na atualidade, devido à concepção relativista de verdade tomada na era pós-moderna e o discurso torna-se ferramenta para sua construção. Segundo Lisboa e Soares (2022), nesse panorama moderno, o discurso torna-se principal via para que todas as ‘verdades’ passem a ser colocadas em relevo. Como assinalam os autores, “o discurso coloca a sociedade contemporânea em um aprofundamento da crise sociopolítica existencial, com consequências que ainda estão sendo gestadas” (LISBOA; SOARES, 2022, p. 80). Assim, diante desses aspectos e de todo o exposto, verifica-se a confirmação da hipótese estabelecida no início da pesquisa. As fake news retomam um acontecimento histórico no campo político que entra no cenário mundial pelo advento da internet, uma irrupção na história, a qual o confronto-

circulação das vias midiáticas permite participação coletiva dos indivíduos, produzindo uma nova configuração de notícias falsas, pois “o novo não está no dito, mas no acontecimento de sua volta” (FOUCAULT, 2014, p. 25). O confronto-circulação das redes sociais marca a participação dos indivíduos na produção e veiculação de notícias falsas, produzindo uma série de enunciados heterogêneos e funcionamentos de outros acontecimentos discursivos.

Para Pêcheux (2014b), a prática discursiva está inscrita no complexo contraditório-desigual-sobre-determinado das formações discursivas, que caracterizam a instância ideológica em uma dada condição sócio-histórica. Dito de outro modo, os sentidos de uma palavra ou expressão não são próprios, estando entrelaçados num processo complexo, em uma formação ideológica dada, numa formação discursiva dada a partir de uma condição de produção. Dessa forma, “os sentidos no interior dos discursos estão em oposições, de maneira a adquirir valor nos discursos” (SOARES, 2018, p. 109). É pelo discurso que se revelam as ‘verdades’ de cada grupo. As condições de produção da internet na contemporaneidade contribuem para a circulação de muitos conteúdos em curto espaço de tempo, de modo que há várias compreensões sobre os mesmos acontecimentos, várias ‘verdades’ em circulação.

Verificou-se o discurso religioso em todas as materialidades analisadas, o eixo paradigmático da religião se apresenta em quase todas as análises, pois essa categoria é, para aqueles que a seguem, um elemento de validação do que é verdade e do que é mentira. Numa sociedade como a brasileira, em que se constitui por um processo de catequização e influências conservadoras de cunho eurocêntrica, o envolvimento da igreja na política opera como uma manifestação de poder e de controle. Basta revisitar alguns momentos históricos em que o apoio de grupos conversadores de direita e de esquerda em pleitos eleitorais foi crucial para sustentar, por exemplo, um regime de repressão, como a ditadura militar de 1964, que para se estabelecer e ganhar apoio de uma parte da população, aliou-se com a frente de combate ao comunismo, colocando-o contra os valores cristãos. Essa estratégia religiosa-política teve uma boa execução, pois os valores cristãos e a hegemonia católica no país estavam resguardados (ARRUDA; COSTA; MAGALHÃES, 2019). Mesmo após a separação do Estado e da Igreja, com a Constituição Republicana de 1891, que promulgou a laicidade do Estado, os valores morais religiosos não cessaram sua intervenção na política, pelo contrário, instituiu-se um movimento de defesa para manutenção desses valores conservadores apregoados pela igreja. Esse processo continua vigente até os dias atuais e seus efeitos operam na própria Constituição Federal, a partir de condições de produção nas quais o caráter ideológico religioso torna-se o centro das demandas socioeconômicas no país.

O Brasil é considerado um país com maior população católica mundial e, durante as mudanças de governo, a maioria dos chefes de estado era católicos. Porém, nos últimos anos, assistiu-se a uma ruptura com o protestantismo e com ele se deu a criação de igrejas evangélicas e a participação massiva de evangélicos, assumindo cargos políticos e constituindo uma bancada evangélica no Congresso Nacional. Arruda, Costa e Magalhães (2019) ressaltam que essa mudança tem relações com fatores econômicos e sociais como, por exemplo, o êxodo rural ocorrido na segunda metade do século XX, que desencadeou um declínio dos fiéis da igreja católica para a sua inserção nas igrejas evangélicas. Assim, a bancada Evangélica no Congresso tem sido crescente e suas ações seguem no entorno de pautas religiosas e conservadoras, cuja finalidade é fazer oposição a “temas voltados aos direitos reprodutivos e da população LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transexuais) e a pretensão de avançar em pautas próprias” (ARRUDA; COSTA; MAGALHÃES, 2020, p. 10). Já os católicos estão subdivididos entre a ala tradicional da renovação carismática e os progressistas de associações eclesiais de base.

Segundo Guadalupe (2019), diferente de outros países da Americana Latina, o Brasil tem um apoio legitimado de igrejas pentecostais a candidatos políticos, “as grandes igrejas evangélicas brasileiras têm intervindo formalmente na política partidária desde 1986, com ‘candidatos oficiais’, partidos políticos confessionais (PRB, PSC, etc.)” (GUADALUPE, 2019, p. 57, tradução livre)⁶⁹. Essas características que compõem o cenário político brasileiro mostram que o voto político de caráter religioso é quase unânime, embora não haja uma bancada essencialmente única de uma vertente evangélica, pois ela se constitui de diversas alas de igrejas protestantes e católicas, os ideais conservadores pautados na moral e bons costumes as unem. É sob essas condições de produção que a religião é, no Brasil, constituída, na sua forma mais arcaica, mas ainda vigente. Essa leitura é importante, pois retoma nas materialidades em análise e costura narrativas discursivas delineadas por sua formação discursiva – “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determina pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 2014b, p. 147).

Outrossim, foi feita uma revisão da literatura sobre a leitura das notícias falsas hoje e observou-se que alguns autores as entendem como uma informação distorcida que se assemelha a uma notícia (Galvão, 2020). Já outros, pela complexidade do termo, sugerem adesão do termo desinformação (WARDLE; DERAKHSHI, 2017). Todavia, alguns pesquisadores fazem uma divisão por gênero e por disseminação, voltando-se para as notícias pseudojornalísticas e sua

⁶⁹ No original: “*The big Brazilian Evangelical churches have been formally intervening in party politics since 1986, with ‘official candidates,’ confessional political parties (PRB, PSC etc.)*” (GUADALUPE, 2019).

veiculação pela intencionalidade em deslegitimar a mídia tradicional (GIRÃO, IRIGARAY. STOCKER, 2023). Já Gallo, Silveira e Pequeno (2018) mostram que o termo fake news não são denominações de notícias falsas, elas se inserem pelo efeito de informação que é parte constituinte das notícias falsas, mas, ao ser deslocado, causa rupturas discursivas a produzir outro entendimento sobre o termo e, assim, outras possibilidades interpretativas.

Os autores que foram utilizados como suporte teórico trazem em suas concepções, de maneiras distintas, os efeitos ideológicos e de espelhamentos como parte estruturante do funcionamento e veiculação de notícias falsas. E mostram que o terreno complexo da era da desinformação veiculada pelos suportes tecnológicos dificulta sua compreensão. Com efeito, ao intentar um caminho discursivo para a definição do termo, partiu-se por trazer materialidades que foram disseminadas durante o pleito eleitoral brasileiro de 2018, período de emergência do fenômeno na sociedade brasileira, de modo a explicar tanto seu funcionamento discursivo como seu modo de constituição. Nas análises do primeiro capítulo, concluiu-se que nem todas as materialidades eram caracterizadas pelo gênero notícia falsa, em contrapartida, no seu funcionamento social eram consideradas como tal. Verificou-se que essa distinção se dá pelo modo de constituição e formação lexical brasileira que é atravessada pelo processo de colonização linguística (MARIANI, 2004). Isso faz com que haja, no Brasil, uma valorização da cultura americana e, conseqüentemente, importação lexical.

Outro movimento analítico feito no percurso da pesquisa diz respeito a Teoria do Valor de Saussure (2012) e de que forma ela é importante para o desmembramento da constituição de funcionamento das fake news. Para relembrar os apontamentos, a referida teoria, em linhas gerais, propõe através de uma analogia ao jogo de xadrez, explicar o funcionamento da língua. Para Saussure (2012), as peças do xadrez possuem um funcionamento próprio, independente do seu aspecto material, e relativo a sua posição no jogo, que determina a sua função específica. Não importa se o jogo é de mármore ou de madeira, toda peça posta na primeira e na última casa da primeira e da última fileira, ao lado do bispo, será torre e se movimentará como tal. A torre é o que o bispo não é, assim como os signos: “na língua cada termo tem seu valor pela oposição aos outros” (SAUSSURE, 2012, p. 130). De modo que “a língua não consiste de um conjunto de valores positivos e absolutos, mas de um conjunto de valores negativos ou de valores relativos que só têm existência pelo fato de sua oposição” (SAUSSURE, 2002, p. 71).

Os valores são indissociáveis e dados por uma convenção, ou seja, só há valor porque existe um contrato estabelecido entre as partes – os jogadores, no caso do jogo, e os usuários, no caso da língua. A teoria do valor elaborada por Saussure (2012) é ressignificada por Pêcheux (2014a) na construção do campo teórico metodológico da Análise do Discurso materialista,

sendo basilar para a área. Segundo Pêcheux (2014a), “um texto só é realizável no interior do sistema comum de valores que um sentido tem para os codificadores e constitui seu modo de leitura” (PÊCHEUX, 2014a, p. 64). Dessa maneira, “não se deve procurar o que cada parte significa, mas quais regras que tornam possível qualquer parte, quer se realize ou não” (PÊCHEUX, 2014a, p. 60). Dito de um outro modo, as palavras adquirem valor por um complexo dominante de formações discursivas que os sujeitos do discurso assumem no processo discursivo. Associando-se a isso, os exemplos de propagação da mentira na história, relatos de Darnton (1995; 2017) e Westin (2022), se caracterizam por diversas denominações dispostas dentro do ‘eixo sintagmático’ (SAUSSURE, 2012) da mentira.

Cada uma dessas denominações é dada por sua função convencional em uma operação discursiva e por oposição umas às outras. Assim, o que difere a ‘difamação’, o ‘boato’ e a ‘suposição’ é o fato que um é o que o outro não é (SAUSSURE, 2012). ‘Boato’ é tudo aquilo que ‘difamação’ não é, o valor da ‘suposição’ exclui os outros dois e assim por diante, “a existência do boato é o índice de que o espaço territorial se tornou um espaço político em que silêncio e linguagem se batem por um espaço de significação” (ORLANDI, 2001, p. 132). Em concomitância, essas palavras também funcionam em oposição aos valores da verdade, e se encontram na gradação do sentido de mentiras por sua parcialidade, ou seja, cada um dos termos é mentira por apresentarem não a verdade total, mas mesclarem entre realidade e manipulação dos fatos que ganham determinado peso de acordo com o sujeito que as profere. Por exemplo, o ‘boato’ compreende menos verdade que a ‘suposição’ e mais verdade que a ‘difamação’. Mesmo assim, os casos aqui descritos como ‘boato’, ‘suposição’ e ‘difamação’ têm valor de verdade pelos sujeitos que as produzem. Todavia, o seu valor está gestado sob o eixo sintagmático de verdade e mentira na história que se dá por meio da oposição a mentira e vice-versa. Mas, não é só isso, ele também está intrinsecamente ligado ao relativismo que emerge na era pós-moderna e dar aos sujeitos uma certa liberdade para que sua opinião seja validada, e essa validação se faz a partir do discurso. Essa questão será retomada, mais adiante.

Após as análises das sequências discursivas que compõem esta seção, foi possível depreender que há uma movimentação de sentidos que está subscrita pela formação discursiva religiosa conservadora de cunho ideológico pentecostal, seus efeitos circundantes carregam distintos deslizamentos de sentidos. Identificou-se o efeito de sentido de ódio à comunidade LGBTQIAP+ que retoma os já ditos da crucificação de Jesus, a Operação Lava Jato e a relação de Lula com a bebida (na segunda análise), essas memórias evidenciadas pela estrutura intradiscursiva presente nos enunciados, travesti, ladrão, bêbada e besta, legitimam os discursos sobre homofobia, corrupção, alcoolismo e anticristo. Nesse traçado, verificou-se os discursos

religiosos evangélico, católico e de matriz africana, mobilizando em primeiro momento um efeito de sentido de democraticidade e laicidade favorável a troca da padroeira e o deslizamento de sentido de contrariedade com a proposta pelo discurso religioso católico. No decorrer da análise, o efeito de democraticidade desliza e, assim, são produzidos outros dizeres, convocando os discursos de intolerância religiosa e de ódio ao candomblé.

Examinou-se que o processo de montagem é basilar na construção de notícias falsas, haja vista que elas se tornam gênero pela junção a outros gêneros. Dito de uma outra maneira, os gêneros do discurso só adquirem sentido se forem integrados aos tipos de discurso de modo que nenhum gênero é homogêneo, eles são tomados por uma relação heterogênea numa rede de outros gêneros, assim “um mesmo gênero de discurso pode, com efeito, estar relacionado a diferentes esferas de atividades” (MAINGENEAU, 2015, p. 76). No caso dos objetos em análise, a montagem se torna parte importante, pois ao mesmo tempo que é utilizada para construção da materialidade, veicula-se em um movimento de reestruturação do próprio gênero notícia falsa. Nas materialidades de 2018, a tipologia é usada para designar toda e qualquer materialidade como fake News, embora muitas delas não possuem o caráter material de sentido de notícia. Desse modo, há uma ruptura no entendimento do gênero notícia, decorrente principalmente da tecnologia, o capital datificado, ou seja, a internet possibilitou o esvaziamento do que é propriamente uma notícia como também modificou, através das redes sociais, o espaço de informação jornalística. Todo esse processo está ligado a uma mudança paradigmática que será pontuado a seguir.

A ascensão do pensamento estruturalista, inserido dentro de um modelo econômico do liberalismo, durante o final do século XIX, esteve ligado a um momento particular de validação das ciências sociais. A base unificadora do estruturalismo depõe-se por meio dos postulados do Linguista Ferdinand Saussure (2012) que, a partir de uma abordagem descritiva sobre a língua, propõe uma definição do que é propriamente um objeto de pesquisa. Sua obra contribui significativamente para a linguística se tornar uma ciência piloto, conferindo-lhe a validade de método científico. A essência do projeto estruturalista, segundo Dosse (2018), situa-se na Teoria do Valor cunhada por Saussure (2012), que fornece subsídio para as disciplinas interrogarem sobre seus objetos, conceitos e o modo de fazer ciência. Não obstante, as ciências sociais passam por um novo processo de reformulação e validação decorrente da revolução tecnológica (CASTELL, 1999). A sociedade moderna, já midiaticizada, infere um outro parâmetro para validar o saber científico, a saber, a tecnologia (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). Isto porque o valor de cientificidade do conhecimento sempre esteve à mercê de um certo tipo de mecanismo de poder hegemônico. Se antes o saber tinha sua base em um

pensamento liberal, com as mudanças ocorridas pela era da informação, as aparas capitalistas para continuarem operando, instrumentalizam-se na promoção dos princípios de liberdade individual e material. Nesse ínterim, as ciências, para se validarem, precisam passar pelo crivo da tecnologia de modo que “o trabalho intelectualizado se perde, e o homem se torna um reprodutor de funções padronizadas e relativamente repetitivas” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 59). É nesse quadro, que o relativismo é incorporado nas epistemes, a partir de uma visão neoliberal que, para as ciências humanas possibilitou, dentre outras coisas, o fenômeno das fakes news.

Dessarte, o relativismo está em voga desde muito antes de se percebê-lo atualmente, o sofista Protágoras já detinha uma visão um tanto quanto relativista para pensar as questões filosóficas. Pode-se verificar que as bases do relativismo ainda permanecem na própria área da filosofia, em uma vertente um tanto quanto menos relativista, alguns filósofos enveredam-se ao perspectivismo de Nietzsche. Na antropologia, o conceito possibilitou uma valorização das diversidades culturais. Nas ciências exatas, a teoria da relatividade permitiu outras aberturas para se pensar a física quântica e também forneceu bases para a criação da internet. Entretanto, para algumas áreas das ciências humanas, o relativismo traz implicações as quais muitos de seus efeitos contribuem para o esvaziamento do sentido de notícia como também novas concepções sobre a noção de verdade que criam possibilidades de manifestações de fenômenos como as fake news. Para entender de que forma esse processo é manifestado, foi feito um rastreamento analítico pelas teorias pós-modernas com ênfase na área da linguística que é o campo em que insere esta pesquisa. Com isso, revisitou a hipóteses de Sapir-Whorf (1969) que se veicula num momento anterior ao pensamento da linguagem a partir da terceira visão de língua, a interacionista.

A partir das postulações teóricas apresentadas nesta pesquisa, compreendeu-se que o relativismo é produto da pós-modernidade, dentro de uma estrutural neoliberal, mas não se originou nela, carrega uma série de retomadas discursivas absorvidas pela evidência ideológica, de modo que tal conceito se apresente na era pós-moderna sem amarras anteriores. Compreendendo, pela visão das teorias de discurso que emerge nesse berço sociointeracional, os discursos são lentes pelas quais a linguagem se materializa, isto é, o discurso é uma construção social e, assim sendo, a concepção da verdade (inserida nas condições internas que estruturam a sociedade atual), as ideias universais e a realidade objetiva dão lugar a subjetividade e, com isso, a relativização da noção de verdade. Isso se faz importante, pois, na degradação de sentido, a noção de verdade está inserida na quebra de paradigma de uma sociedade concebida como estrutural para a pós-moderna, em que a verdade é pensada a partir

de pontos de vista distintos. De modo que “a produção de fake news está em franco diálogo com a visão de língua contemporânea, já que o agir por meio dos recursos disponíveis para isso cria a possibilidade de fabricação não só desse tipo de texto, mas de outros com consequências também deletérias para o corpo social” (SOARES, 2023, p. 182).

Com base no exposto, e recapitulado o processo analítico realizado nesta pesquisa, verificou-se que há no fenômeno de fake news um processo de desreferencialização do próprio gênero. Para efetuar essa compreensão, foi preciso distanciar da visão relativista de que todas as interpretações são possíveis. Dito isso, o gesto de descrição e interpretação mostrou que o entendimento do gênero se torna secundário, o que importa é o seu valor de notícia falsa, isto é, a referência do gênero é base para relativizar e esvaziar o sentido do que é propriamente uma notícia falsa. Dando seguimento, observou-se que havia uma regularidade discursiva que perpassa todas as materializadas que está ancorada numa visão de espelhamento de mundo que ainda existe, o discurso religioso. Conforme já explicitado no primeiro capítulo, essa denominação discursiva tende a monossemia, possibilitando uma única interpretação advinda do texto bíblico (ORLANDI, 1987). Desse modo, conclui-se que a Análise do Discurso permite, em boa medida, que “verdades” sejam ditas, em contrapartida seu aparato teórico possibilita o recuo do eixo paradigmático do que se entende por verdade, ou pelo menos a referência para própria desreferencialização dela.

Para compreender o fenômeno fake news, foi preciso voltar-se a concretude do mundo que permite notícias, em seu gênero discursivo, estruturadas em uma visão relacional de língua-característica própria do processo de mudança paradigmática (do paradigmática modernista para o emergente). Isso mostra o encontro de sentidos já postos que são retomados a partir de novas interpretações condicionadas ao eixo paradigmático do que se considera verdade. Assim, a noção de gênero demanda que se ocorra a noção de verdade (dentro das condições de produção do momento) tanto para contestar como para propor novas abordagens. Nessa esteira, o gênero fake news constitui-se como acontecimento discursivo, promovendo o retorno e a novidade em si mesmo. Com isso, entende-se que as teorias se constroem partindo de um referencial existente, tem-se, como exemplo, o relativismo na linguística proposto inicialmente por Sapir dito como ‘refutada’, mas não morta, permaneceu adormecido no eixo interdiscursivo até ser perturbado pelas redes de implícitos. Porquanto, só será possível o total processo de desreferencialização, modificando completamente todo o referencial teórico num processo de mudança paradigmática (KUHN, 2013) que, no caso da sociedade como todo, está em ebulição.

Porquanto, acredita-se que este estudo possa contribuir na ampliação do conhecimento sobre as fake news e, principalmente, na área da Análise do Discurso – teoria que fundamenta

esta pesquisa –, pois os gestos interpretativos aqui utilizados estabeleceram uma via analítica para o entendimento do fenômeno, compreendendo sua constituição e funcionamento discursivo, além de mostrar no imbricamento de teoria e objeto de que forma esse processo consolidado de disseminação de notícias falsas possibilita encadeamentos para se pensar a operacionalização das teorias da interpretação. Ademais, as análises do terceiro capítulo mostraram que nas reconfigurações históricas do projeto Escola sem homofobia, o caráter material de sentido do livro didático e da escola como lugares de obter conhecimento é deslizado, retomando já-ditos de momentos em que o conhecimento científico é alvo de repressão. Tais movimentações estão regadas por uma formação discursiva do negacionismo científico. Diante disso, o ferramental analítico da Análise do Discurso permitiu fazer o desmembramento dos efeitos de sentido das materialidades, saindo da linearidade da língua, posta pela evidência ideológica e analisar seu modo de produção e operação, por isso, seu uso contribuiu para a educação.

Em 2018, foi realizado um seminário “Pós verdade” que discutia o fenômeno fake news, pela Unicamp em parceria com o jornal Folha de S. Paulo, que contou com a participação de especialista em jornalismo e professores da instituição. Segundo Balbi, Almeida e Rodrigues (2018), na perspectiva dos debatedores, a definição do gênero fake news torna-se ponto de partida necessário para combatê-las. Nessa direção, o desmembramento feito nesta pesquisa permitiu identificar o gênero discurso, notícias falsas, como também o arsenal tecnológico que movimenta esse império lucrativo que está a serviço do capital datificado. É, exatamente, por isso, que a análise discursiva, na perspectiva da Análise do Discurso, contribui na Educação, no que tange oferecer um olhar interpretativo de como esse fenômeno se constitui e funciona, bem como os deslizamentos de sentidos que estão para além das estruturas linguísticas inseridas no léxico e no gênero. Agir por meio dos recursos disponíveis do aparato teórico da AD possibilita educar os indivíduos a reconhecerem fenômenos como as notícias falsas, entenderem sua constituição, funcionamento e seus discursos circulantes.

Outro ponto que esta pesquisa contribui refere-se ao desmembramento do projeto de lei nº 2630/20 (VIEIRA, 2023) citado na introdução desta pesquisa que discute sobre a regulamentação das mídias sociais no Brasil. Ele visa propor, dentre outras coisas, caminhos para combater os mecanismos de produção e veiculação de notícias falsas contemporâneas, como responsabilizar as Bigtechs⁷⁰ por medidas de transparência no funcionamento dos

⁷⁰ Bigtechs são empresas que monopolizam o mercado de tecnologia e inovação que possuem grande poder econômico mundial. A meta, por exemplo, é uma bigtec que controla o Facebook, Messenger e Instagram. (GONÇALVES; LIMA, 2024).

algorítmicos. Essa discussão não é nova, emerge desde que a internet “torna-se popularizada” com a era da informação (CASTELLS, 2000), mas é retomada e atualizada a partir das condições de produção das eleições de 2018 por meio de um arsenal tecnológico de produção e veiculação de notícias falsas. Antes do acontecimento discursivo fake news em 2018, haviam duas leis que direcionavam o olhar as mídias sociais; o Marco Civil da internet, lei nº 12.965/14, (BRASIL, 2014) que trata de principais temas como liberdade de expressão nos meios virtuais, proteção de dados, direito ao acesso à internet e a Lei Geral de Proteção de Dados nº 13.709/2018, (BRASIL, 2018) que tem como principal objetivo a proteção dos direitos fundamentais de liberdade, privacidade e segurança jurídica dos dados pessoais. Entretanto, dada as especificidades que a ruptura das fake news contemporâneas trouxe, observou-se lacunas no combate mais incisivo da veiculação e produção dos conteúdos falsos via plataformas digitais. Mediante isso, é que o projeto de Lei nº 2630/20 é proposto. Sobre ela, cabe destacar ainda algumas questões.

O funcionamento das redes digitais está inserido na e pela estrutura do capitalismo de dados ou semiocapitalismo (GHIRALDELLI, 2022), que foi discutido durante todo o percurso desta pesquisa. Elas funcionam pelos princípios de individualização do neoliberalismo. Nessa conjuntura, tudo é mais-valia (MARX, 1985). O parâmetro para veiculação de conteúdo estrutura-se em torno do processo acumulativo geral do capital, cuja fração relativa ao capital financeiro impõe-se como a variante dominante nas disputas intra-burguesas contemporaneamente. Por essa razão, é possível inferir que o que circula no âmbito dessa veiculação atende muito mais aos interesses dos que dominam as bolsas de valores do que a própria realidade concreta. Nesse sentido, os empresários (aquelas que detêm uma expressiva fatia do mercado) tornam-se superiores ao Estado. Tem-se, como exemplo, as movimentações, via X (antigo twitter), do empresário Elon Musk com o presidente do Supremo Tribunal Eleitoral Brasileiro, Alexandre Moraes (FERNANDES, 2024), cujas repercussões movimentam sentidos tanto para regulamentar as mídias como para defender uma liberdade de expressão. Mais especificamente, a posição social e as relações de poder de Elon Musk, dono de empresas como o Laboratório de Inteligência Artificial (X.AI), a empresa de fabricação de carros elétricos (TESLA) e a própria rede social X e demais influenciam diretamente para o giro econômico mundial. Isso faz com que o Estado, para se manter dentro da esfera econômica, se submeta aos empresários neoliberais, pois o sistema que o sustenta é moldado a partir de uma burguesia que detem o poder dos meios de produção, são nelas e por elas que tudo se move.

Para tanto, o projeto de Lei nº 2630/20 pode angariar movimentos importantes para o combate das notícias falsas contemporâneas como também de toda a estrutura que movimenta as bigtechs, se sua discussão e criação for ampliada, observando as filigranas da questão, bem como: quem regulamentará e de que forma será feito esse processo.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Guilherme; SILVEIRA, Juliana. Pós-verdade e Fake News: equívocos do político na materialidade digital. *In: VIII SEAD – Seminário de Estudos em Análise do Discurso*. Recife, 2017. **Anais do VIII SEAD**. Simpósio V. Recife: UFPE, p.1-6. 2017. Disponível em: <https://www.discursosead.com.br/simposios-viii-sead>. Acesso em: 20 abr. 2023.

ADORNO, W. Theodor; HORKHEIMER, Marx. **A dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro; Jorge Zahar, 1985.

ALTARES, Guillermo. La larga história de las noticias falsas. **El país**, 2018. Disponível em: https://elpais.com/cultura/2018/06/08/actualidad/1528467298_389944.html. Acesso em: 2 jun. 2020.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**. Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiro. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2022.

ALVES, Marco Antônio Sousa.; MACIEL, Emanuella Ribeiro Halfeld. O fenômeno das fake news: definição, combate e contexto. **Internet e Sociedade**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 144-171, 2020.

APROBATO, Valéria C. Corpo digital e bem-estar na rede Instagram: um estudo sobre as subjetividades e afetos na atualidade. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, v. 38, n. 95, p. 157-164, 2018.

ARENDT, Hannah. **As origens do totalitarismo**. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1972.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. São Paulo: Loyola, 2002.

ARISTÓTELES. **Política**. São Paulo. Editora: Martin Claret, 2004.

ARRUDA, Jéssica de Abreu Arruda; COSTA, Guilherme Brum Rodrigues da.; MAGALHÃES, Analice Soares. Influência dos discursos religiosos evangélicos na campanha presidencial de 2018 no Brasil. **Último andar**, São Paulo, v. 23, n. 35, p. 3-22, 2020.

ASSIS, Vanessa Santos; FERREIRA, Andressa. Marketing de influência: A era do Digital Influencer. *In: Encontro de Marketing Crítico da Uesb*. Vitória da Conquista, 2019. **Anais do Encontro de Marketing Crítico da UESB**. Vitória da Conquista: Uesb, 2019. p. 1-11.

AULETE. Montagem. **Aulete**, 2023. Disponível em: <https://aulete.com.br/montagem>. Acesso em: 1 mai. 2023.

BALBI, Clara; ALMEIDA, Cleomar; RODRIGUES, Gabriel. Fake news são risco à democracia, dizem especialistas. **Folha de S. Paulo**, 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/09/fake-news-sao-risco-a-democracia-dizem-especialistas.shtml>.

BARBOSA, Bruno, Rafael, Gueiros. **Robôs nas mídias sociais: uma análise sobre gênese e o desenvolvimento o fenômeno social bots**. 2018. Dissertação (Mestrado em Indústrias Criativas). Universidade católica de Pernambuco, Pernambuco, 2018. Disponível em: <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/1086>. Acesso em: 30 set. 2023.

BALDISSERA, Olívia. Podemos falar em uma WEB4 ou Web 4.0? **Pósdigital Pucpr**, 2023. Disponível em: <https://posdigital.pucpr.br/blog/web4>. Acesso em 01 fev.2024.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulações e simulacros**. Lisboa: Antropos, 1981.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BBC NEWS. Entenda o escândalo de uso político de dados que derrubou o valor do Facebook e o colocou na mira de autoridade. **BBC NEWS**, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43461751>. Acesso em: 03 jun. 2021.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1949.

BECKER, Kyene. Tancredo Neves disse “nem Deus me tira da Presidência” pouco antes de morrer #boato. **Boatos.org**, 2022 Disponível em: <https://www.boatos.org/religiao/tancredo-neves-disse-nem-deus-me-tira-da-presidencia-pouco-antes-morrer.html>. Acesso em: 12 mai. 2023.

BÍBLIA SAGRADA. **Bíblia sagrada**. Tradução de Domingos Zamagna *et al.* 50. ed. Rio de Janeiro: vozes, 2005.

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha: Uma metáfora da condição humana**. 50. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRASIL. Congresso Nacional. Discurso do deputado Jair Bolsonaro, PP-RJ na sessão nº 208. 4. 53, 30 de outubro de 2010. **Câmara dos deputados**, 2010. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/SitaqWeb/TextoHTML.asp?etapa=5&nuSessao=208.4.53.O&nuQuarto=29&nuOrador=2&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=14:56&sgFaseSessao=PE&Data=30/11/2010&txApelido=JAIR%20BOLSONARO,%20PP-RJ%3E#>. Acesso em: 03 out. 2023.

BRASIL. Congresso Nacional. Discurso do deputado Jair Bolsonaro, PP-RJ na sessão nº 096.1.54.O, 05 de maio de 2011. **Câmara dos deputados**, 2011. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/SitaqWeb/TextoHTML.asp?etapa=5&nuSessao=096.1.54>.

O&nuQuarto=10&nuOrador=1&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=09:18&sgFaseSessao=BC &Data=05/05/2011&txApelido=JAIR%20BOLSONARO,%20PP-RJ. Acesso em: 03 out. 2023.

BRASIL. Congresso Nacional. Discurso do deputado Jair Bolsonaro, PP-RJ na sessão nº 269. 2. 54.O, 16 de outubro de 2012. **Câmara dos deputados**, 2012. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/sitaqweb/TextoHTML.asp?etapa=3&nuSessao=269.2.54.O&nuQuarto=106&nuOrador=2&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=17:30&sgFaseSessao=GE%2520%2520%2520%2520%2520%2520%2520%2520&Data=16/10/2012&txApelido=JAIR%2520BOLSONARO&txEtapa=Com%2520reda%25C3%25A7%25C3%25A3o%2520final>. Acesso em: 02 out. 2023.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Lei nº 6.802, de 30 de junho de 1980. Dispõe sobre Feriado Nacional do dia 12 de outubro. **Câmara dos deputados**, Brasília, 1980. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/norma/548678#:~:text=Declara%20feriado%20nacional%20o%20dia,Senhora%20Aparecida%2C%20Padroeira%20do%20Brasil>. Acesso em: 10 jun. 2023.

BRASIL. Projeto de Lei nº 2623/07. **Câmara dos deputados**, Brasília, 2007. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=380897>. Acesso em: 10 jun. 2023.

BRASIL. **Lei nº 13.709, de agosto de 2018**. Dispõe sobre proteção de dados. Brasília, 2018. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/113709.htm. Acesso em: 1 mai, 2024.

BRASIL. **Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014**. Dispõe do marco civil. Brasília, 2014. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/112965.htm. Acesso em: 1 mai, 2024.

BRONCA POPULAR. TSE e urnas eletrônicas. **BRONCA POPULAR**, 2018. Disponível em: <https://www.abroncapopular.com.br/>. Acesso em: 30 jun. 2023.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 16. ed. Rio de Janeiro; civilização brasileira, 2018.

CALAZANS, Janaina de Holanda Costa; LIMA, Cecília Almeida Rodrigues. Sociabilidades virtuais: do nascimento da Internet à popularização dos sites de redes sociais online. *In*: 9º Encontro Nacional de História e da mídia. Ouro preto, 2013. **Anais**. Ouro Preto: UFOP, 2013. p. 1-15.

CALSAVARA, Fabio. TJPR reconhece tortura e anula provas contra os acusados do Caso Evandro. **Gazeta do povo**, 2023 Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/parana/tjpr-reconhece-tortura-e-anula-provas-contra-os-acusados-do-caso-evandro/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

CAMBRIDGE University Press & Assessment. Fake news. **Cambridge Dicionário**, 2023. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/fake-news>. Acesso em 30 mai. 2023.

CAMPANHA, Diógenes. Estão fazendo um novo linchamento comigo, diz dono de 'guarujá alerta'. **Folha de S. Paulo**, 2014. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/05/1450848-estao-fazendo-um-novo-linchamento-comigo-diz-dono-de-guaruja-alerta.shtml>. Acesso em: 23 nov. 2023.

CARDELL, Lídia, Maria, Pires, Soares. Discutindo o conceito de relativismo cultural: abrangências e limites. Paulo Afonso: **Opará**. v. 1. p. 78- 87, 2013.

CARTA CAPITAL. Kit gay quer doutrinar em vez de educar. **Carta capital**, 2012. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/kit-gay-quer-doutrinar-em-vez-de-educar-diz-serra/>. Acesso em: 03 out. 2023.

CARTA CAPITAL. Lula, a cachaça e o preconceito de classe. **Carta capital**, 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/3a-turma/lula-a-cachaca-e-o-preconceito-de-classe/>. Acesso em: 03 out. 2023.

CARVALHO, Kétryn. Por que o correto é homossexualidade e como surgiu o termo homossexualismo? **Observatório G**, 2021. Disponível em: <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/cultura/por-que-o-correto-e-homossexualidade-e-como-surgiu-o-termo-homossexualismo> . Acesso em: 10 jun. 2023.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. v. 1. São Paulo: Editora Paz e terra, 1999. Disponível em: <https://globalizacaoeintegracaoregionalufabc.files.wordpress.com/2014/10/castells-m-a-sociedade-em-rede.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2020.

CASTORINO, Pauler; XAVIER, Vanessa Regina Duarte. O caráter patológico na definição de homossexualidade em dicionários escolares. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 11, n. esp, p. 245-260, 2021.

CHARAUDEAU, Patrick. **A manipulação da verdade**: do triunfo da negação às sombras da pós-verdade. Tradução de Dóris de Arruda C. da Cunha e André Luís de Araújo. São Paulo: Contexto, 2022.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. Tradução de Fabiana Komesu e Dilson Ferreira. 2. ed. São Paulo: contexto, 2018.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CHAUÍ, Marilena.; NOGUEIRA, Marco Aurélio. O pensamento político e a redemocratização do Brasil. **Lua Nova**, n. 71, São Paulo, 2007.

CHICARINO, Tathiana. Tancredo Neves: o desenrolar de uma liderança política. **Aurora**: Revista de Arte, Mídia e Política, São Paulo, v. 5, n. 14, p. 47-67, jun.-set. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/download/9442/7520/25021>. Acesso em: 1 mai. 2023.

CNN BRASIL. O que foi a Operação Lava Jato. **CNN BRASIL**, 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/o-que-foi-a-operacao-lava-jato/>. Acesso em 01 dez. 2023.

CONSELHO Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil sem homofobia**: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

CORREIA, Pedro Miguel Alves Ribeiro; MOREIRA, Maria Faia Rafael. Novas formas de comunicação: história do Facebook - Uma história necessariamente breve. **ALCEU**, n. 28 p. 168-187, 2014.

COURTINE, Jean Jacques.; HAROCHE, Claudine. **História do Rosto**. Tradução de Ana Moura. Éditions Rivages, 1988.

COURTINE, Jean-Jaques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

DA REDAÇÃO. 62% dos brasileiros não sabem reconhecer uma notícia falsa. **Veja**, 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/tecnologia/62-dos-brasileiros-nao-sabem-reconhecer-uma-noticia-falsa>. Acesso em: 10 jun. 2023.

DARIE, Marina. O que aconteceu no escândalo do Mensalão?. **Politize**, 2018. Disponível em: <https://www.politize.com.br/mensalao-o-que-aconteceu/>. Acesso em: 12 nov. 2023.

DARNTON, Robert. Armadilha da mídia: redes difamatórias de comunicação existem, há quatro séculos. **Folha de S. Paulo**, 1995. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/9/17/mais!/16.html>. Acesso em: 20 set. 2021.

DARNTON, Robert. Notícias falsas existem desde o século 6. **Folha de S. Paulo**, 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/02/1859726-noticias-falsas-existem-desde-o-seculo-6-afirma-historiador-robert-darnton.shtml>. Acesso em: 03 jun. 2020.

DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. *In*: DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart, São Paulo: editora 34, 1992.

DERRIDA, Jacques. História da mentira: prolegômeros. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 10, n. 27, 1996, p. 5-39.

DIAS, Cristiane. Análise do discurso digital: sobre o arquivo e a constituição do corpus. **Estudos linguísticos**, São Paulo, v. 44, n. 3, p. 972-980, 2015.

DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital**: sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas: Pontes, 2018.

DIAS, Cristiane.; COUTO, Olívia Ferreira. As redes sociais na divulgação e formação do sujeito do conhecimento: Compartilhamento e produção através da circulação de ideais. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, Santa Catarina, v. 11, n. 3, p. 631-648. 2011.

DOSSE, François. **História do estruturalismo**: campo do signo. Tradução de Álvaro Cabral. 1. Ed. São Paulo: editora unesp, 2018.

EAGLETON, Terry. **Doce violência**: a ideia do trágico. Tradução de Alzira Allegro, São Paulo: Editora Unesp, 2013.

ESTANISLAU, Lucas. O Brasil vai virar a Venezuela: o que está por trás do bordão da direita que segue vivo em 2022. **Brasil de Fato**, 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/09/20/brasil-vai-virar-a-venezuela-o-que-esta-por-tras-do-bordao-da-direita-que-segue-vivo-em-2022>. Acesso em: 03 ago. 2023.

FATO OU FAKE. Veja o que é #FATO ou #FAKE nas entrevistas de Jair Bolsonaro para o Jornal Nacional e para o Jornal das Dez. **G1**, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/08/29/veja-o-que-e-fato-ou-fake-nas-entrevistas-de-jair-bolsonaro-para-o-jornal-nacional-e-para-o-jornal-das-dez.ghtml>. Acesso em: 21 out. 2023.

FEITOSA, Patrícia, Cristina, Leite. **A cachaça como identidade cultural**. 2005. TCC. (Pós-graduação *stricto sensu* em Turismo, Cultura e Lazer) – Universidade de Brasília, Brasília, 2005. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/620/1/2005_PatriciaCristinaLeiteFeitosa.pdf. Acesso em 24 jun. 2023.

FEITOSA, Charles. Pós verdade e política. **Cut**, 2017. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/pos-verdade-e-politica/>. Acesso em: 2 jun. 2020.

FERREIRA, Matheus Gomes Mendonça; FUKS, Mario. **O hábito de frequentar cultos como mecanismo de mobilização eleitoral**: o voto evangélico em Bolsonaro em 2018. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 34, 2021, p. 1-27.

FERNANDES, Sofia. O que está em jogo na disputa entre Musk e o STF. **Brasil de fato**, 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/04/10/o-que-esta-em-jogo-na-disputa-entre-musk-e-o-stf>. Acesso em: 1 mai, 2024.

FOLHA DE S. PAULO. O jornal mais influente do Brasil. **Grupo Folha**, 2023. Disponível: https://www1.folha.uol.com.br/institucional/o_grupo.shtml?fill=1. Acesso em: 10 jun. 2023.

FORQUIN, Jean-Claude. O currículo entre o relativismo e o universalismo. **Educação & Sociedade**, n. 47, p. 47-70. 2000.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Tradução de Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Moraes. Rio de Janeiro: Nau, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Beata Neves. Rio de Janeiro: Florence Universitária, 2015.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio, ed. 24, São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 4**: as confissões da carne. Tradução de Heliana de Barros Conde Rodrigues e Vera Portocarrero. ed. 3. Rio de Janeiro; paz e terra, 2021b.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. ed. 11. São Paulo: Paz e terra, 2021a.

FREITAS, Christiana Soares de. O capital tecnológico-informacional. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, n. 17, p. 115-132, 2004.

FUKS, Mário; MARQUES, Pedro Henrique. Polarização e contexto: medindo e explicando a polarização política no Brasil. **Opinião pública**, Campinas, v. 28, n. 3, p. 560-593, 2022.

FURLANETTO, Ana Carolina Roque.; BELOCHIO, Vivian de Carvalho.; SAGGIN, Lívia, Freo. Fake news e o desafio da credibilidade jornalística nas redes sociais. **SIEPE**. Santana do livramento, p. 1-4, 2018.

G1. Bolsonaro critica ‘kit gay’ e diz querer ‘mudar alguma coisa’ na Câmara. **G1**, 2011. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2011/02/bolsonaro-critica-kit-gay-e-diz-querer-mudar-alguma-coisa-na-camra.html>. Acesso em: 03 out. 2023.

G1. G1 Lança Fato ou Fake, novo serviço de checagem de conteúdos suspeitos. **Globo notícias**, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/07/30/g1-lana-fato-oufake-novo-servico-de-chacagem-de-conteudos-suspeitos.ghtml>. Acesso em: 10 ju. 2023.

GALLO, Solange; SILVEIRA, Juliana da; PEQUENO, Vitor. Normatização, midiatização e espaços enunciativos informatizados ou: o que torna possível o efeito de sentido de fake news. *In*: XI SEAD – Seminário de Estudos em Análise do Discurso. Recife, 2019. **Anais do XI SEAD**. Simpósio V. Recife: UFPE, 2019, p. 1-5.

GALVÃO, Tatiana Maria Silva. **Fake news na eleição presidencial de 2018 no Brasil**. 2020. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/31967>. Acesso em: 20 abr. 2023.

GENESINI, Silvio. A pós verdade é uma notícia falsa. **Revista USP**, São Paulo, n. 116, p. 45-58, 2018.

GHIRALDELLI, Paula. Ramos. **Discurso militar**: uma análise de propagandas do serviço militar Brasileiro e Russo na atualidade. 2022. TCC (Graduação em Letras) – Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2022. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/4449?mode=full>. Acesso em 16 jun. 2023.

GHIRALDELLI, Paulo. **Semiocapitalismo**: a era da desreferencialização. Ibitinga, São Paulo: Cefa editorial, 2022.

GIRÃO, Mel.; IRIGARAY, Hélio Arthur Reis.; STOCKER, Fabrício. Fake news e storytelling: dois lados da mesma moeda ou duas moedas com lados iguais? **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 1-15, 2023.

GLOSSÁRIO LGBT: Homossexualidade. **Secretaria de Saúde da Bahia**, [s. d]. Disponível em: <https://www.saude.ba.gov.br/atencao-a-saude/saude-de-todos-nos/saudelgbt/glossario-lgbt/>. Acesso em: 12 jun. 2023.

GOURLART, Natália. Governo Dilma: ‘Kit gay’ será reformulado e lançado até fim do ano. **Veja**, 2011. Disponível em: Leia mais em: <https://veja.abril.com.br/educacao/kit-gay-sera-reformulado-e-lancado-ate-fim-do-ano-diz-haddad>. Acesso em: 03 out. 2023.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Foucault: o discurso e a arqueologia dos saberes. *In*: GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso**: diálogos e duelos. São Carlos: Claraluz, 2004. p. 65-110.

GRIGOLETO, Evandra. O Ensino a Distância e as Novas Tecnologias: o funcionamento do discurso pedagógico nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem. **Eutomia**, v. 1, n. 07, p. 254-271, 2011.

GUADALUPE, José Luis Pérez. **Evangelicals and Political Power in Latin America**. 1. ed. Peru: Instituto de Estudios Social Cristianos (IESC); Konrad Adenauer Stiftung (KAS), 2019.

GONÇALVES, Penata Mendes; Lima, Bruno Ignácio. Big Techs: o que são e quais integram as Big Five. **Olhar digital**, 2024. Disponível em: https://olhardigital.com.br/2024/01/18/pro/big-techs-o-que-sao-e-quais-integram-as-big-five/#google_vignette. Acesso em: 1 mai , 2024.

HAUGEN, Geir Marius Saetenes. **Manipulation and deception with Social Bots**: Strategies and indicators for minimizing impact. 2017. Dissertação. (Mestrado em Segurança da informação) –Universidade de ciência e tecnologia da Noruega, Noruega, 2017. Disponível em: <https://ntnuopen.ntnu.no/ntnu-xmlui/handle/11250/2448952>. Acessado em: 02 jul. 2020.

GUERRA, Rayanderson. É fake que revistas publicaram capas com declarações de diretor da OEA sobre fraudes nas urnas. **Fato ou Fake**, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/09/29/e-fake-documento-atribuido-ao-exercito-que-exige-pericia-nas-urnas-eletronicas-antes-e-depois-das-eleicoes.ghtml>. Acesso em: 30 jun. 2023.

GUILHAUMOU, Jacques; MALDIDIER, Denise. Efeitos do arquivo: A Análise do Discurso no lado da história. *In*: ORLANDI, Eni Puccinelli.(Org). **Gestos de leitura: da história no discurso**. Campinas: editora Unicamp, p. 169-191, 2014.

GUTIÉRREZ Julio César Bonilla, **Acesso à informação, jornalismo e fake news**. Conferência internacional de comissários de acesso à informação, Brasília, 2021, v. 2 p. 65-71.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HENRIQUES, Cláudio Cezar. **Léxico e semântica**: estudos produtivos sobre palavra e significação. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

HUTTNER, Luiz Ricardo Goulart. **É fake news? Como elementos do jornalismo são utilizados para a elaboração de “notícias falsas”**. Dissertação, 2020. (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/206028/001112382.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 03 ago, 2023.

INDURSKY, Freda. Lula Lá: Estrutura E Acontecimento. **Organon**, Porto Alegre, v. 17, n. 35, p. 101-120, 2003.

INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, F; MITTMAN, S; FERREIRA, M.C.L. **Memória e história na/da análise do discurso**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2011, p. 67-89.

JORNAL NACIONAL. Jair Bolsonaro (PSL) é entrevistado no Jornal Nacional- 28/08/2018. **Globoplay**, 2018. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6980200/>. Acesso em: 03 out. 2023.

KAKUTANI, Michiko. **A morte da verdade**: Notas sobre a mentira na era Trump. Tradução André Czarnobai e Marcela Duarte. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

KOYRÉ, Alexandre. Reflexões sobre a mentira. Tradução de Caio Souto. **Ipseitas**, São Carlos, v. 5, n. 1 p. 119-132, 2019.

KUHN, Thomas Samuel. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 2013.

LANEY, Doug. 3 Data Management: Controlling Data Volume, Velocity and Variety. **Meta Group**. São Francisco, 2001. Disponível em: https://idoc.pub/documents/3d-data-management-controlling-data-volume-velocity-and-variety-546g5mg3ywn8#google_vignette. Acesso em: 19 jun. 2023.

LEMOS, Luiza A influência das fake news na democracia: uma análise dos processos eleitorais dos Estados Unidos e do Brasil In: GUIMARÃES, André Grandis *et al.* **Cidadania, Epistemologia e interdisciplinaridade**. Direito em diálogo. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2022. p. 174-221.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

LISBOA, Andréia Muniz; SOARES, Thiago Barbosa. Desinformación en la elecciones brasileñas de 2018: condiciones de producción. **Gláukus**, v. 23, n. 1, p. 141-158, 2023.

LISBOA, Andréia Muniz; SOARES, Thiago Barbosa. Relativismo e fake news: reformulação de sentidos nas eleições brasileiras de 2018. *In: SILVA, Greize Alves. Descrição e análise linguística*. Campinas; Pontes, 2022. p. 75-94.

LOPES, Plínio. É falso que Lula tenha dito que ‘nem a volta de Jesus Cristo’ iria impedi-lo de ser presidente. **Lupa**, 2019. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2019/06/26/verificamos-lula-jesus-cristo-presidente/>. Acesso em: 20 mai. 2022.

LOTT, Diana. RESENDE, Sarah Mota. Não é verdade que Bolsonaro propôs mudar representação de N. Sra. Aparecida. **Folha de S. Paulo**, 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/nao-e-verdade-que-bolsonaro-propos-mudar-representacao-de-n-sra-aparecida.shtml>. Acesso em: 20 jun. 2023.

MACEDO, Emiliano Unzer. Religiosidade popular brasileira colonial: um retrato sincrético. *Revista Ágora*, Vitória, n. 7, p. 1-20, 2008.

MAGALHÃES, Vera. PT já discute antídoto para evitar que Haddad fique respondendo ora sobre mensalão ora sobre 'kit gay'. **Folha de S. Paulo**, 2012. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/71275-kit-gay-sera-em-2012-o-aborto-de-2010.shtml>. Acesso em: 30 nov. 2023.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2002.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola editorial, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Tradução de Freda Idursky Possenti, Campinas: Ponte, 1997.

MALDIDIER, Denise. A inquietude do discurso. Um trajeto na história da Análise do Discurso: o trabalho de Michel Pêcheux. *In: PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. Legados de Michel Pêcheux: inéditos em Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 40-62.

MARACCI, João Gabriel; MACHADO, Paula Sandrine. Kit gay: Mapeando controvérsias nas redes de uma ofensiva antigênero. **Psicologia Política**. v. 22, n. 53. p. 37-51. 2022.

MARCONDES, Danilo. **Textos básicos de linguagem**. De Platão a Foucault. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARX, Karl. **A origem do capital: a acumulação primitiva**. ed.5, São Paulo: Globla editora, 1985

MARIANI, Bethânia. **Colonização linguística**. Campinas: Pontes, 2004.

MARIANI, Bethânia. Discursividades prêt-à-porter, funcionamento de fake news e processos de identificação. **Entremeios**, v. 17, p. 3-18, 2018.

MARSHAL, Leandro. A sociedade da hipercomunicação. **Observatório da imprensa**, 2014. Disponível em: https://www.observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/_ed791_a_sociedade_da_hipercomunicacao/. Acesso em: 10 jun. 2023.

MARX, Karl. Introdução à crítica do direito de Hegel. In: MARX, Karl.; ENGELS, Frederich. **Sobre a religião**. Paris: Éditions sociales, 1972.

MATSUKI, Edgar. Boechat zombou de Deus semanas antes de sua morte e foi castigado #boato. **Boatos.org**, 2019. Disponível em: <https://www.boatos.org/religiao/boechat-zombou-deus-morte-castigado.html>. Acesso em: 01 mai. 2023.

MATSUKI, Edgar. História falsa: Jovem brinca com Deus e se dá mal em acidente de carro. **Boatos.org**, 2014. Disponível em: <https://www.boatos.org/religiao/historia-falsa-jovem-brinca-com-deus-e-se-da-mal-em-acidente-de-carro.html>. Acesso em: 01 mai. 2023.

MEIRELLES, Mauro; AYDOS, Valéria. **Cultura, Etnocentrismo e relativismo cultural**. Porto Alegre: Cirkula, 2017.

MELLO, Patrícia Campos. **A máquina do ódio**: notas de uma repórter sobre *fake news* e violência digital. 1. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2020.

MELLO, Patrícia Campos. Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp. **Folha de S. Paulo**, 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>. Acesso em: 01 nov. 2023.

MELO-PFEIFER, Sílvia; GERTZ, Helena Dedecek. Transforming Disinformation on Minorities Into a Pedagogical Resource: Towards a Critical Intercultural News Literacy. **Cogitatio**. v.10, n. 4, p. 338-345, 2022.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. Caso Lava Jato. Entenda o caso. **Ministério Público Federal**, 2023. Disponível em: <https://www.mpf.mp.br/grandes-casos/lava-jato/entenda-o-caso>. Acesso em: 20 abr. 2023.

MIZANZUK, Ivan. O caso Evandro. **Projetos humanos**, 2018. Disponível em: <https://www.projetohumanos.com.br/temporada/o-caso-evandro/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

MOURA, Bernardo. Site publica informações falsas e distorcidas sobre ataque hacker à urna eletrônica. **Aos fatos**, 2018. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/site-publica-informacoes-falsas-e-distorcidas-sobre-ataque-hacker-a-urna-eletronica/>. Acesso em 30 jun. 2023.

MOURA, Bernardo; MENEZES, Luís Fernando. TSE não entregou códigos de segurança das urnas a venezuelanos; licitação citada sequer ocorreu. **Aos fatos**, 2018. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/tse-nao-entregou-codigos-de-seguranca-das-urnas-venezuelanos-licitacao-citada-sequer-ocorreu/>. Acesso em: 03 ago. 2023.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano demasiado humano**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

OLIVEIRA, Carla. Aprendizado de máquina e modulação de comportamento humano. *In: A sociedade do controle: manipulação e modulação nas redes digitais*. SOUZA, Joyce; AVELINO, Rodolfo; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. (Orgs.). ed. 1, São Paulo: hedra, 2018, p. 71-104.

OLIVEIRA, Flávio Augusto Ferreira de.; BARROCO, Sonia Maria Shima. Revolução tecnológica e smartphone: considerações sobre a constituição do sujeito contemporâneo. **Psicologia em estudo**, v. 28, p. 1-16, 2023.

OLIVEIRA, Letícia Costa. **O uso de dados pessoais na Era Digital como forma de manipulação social e ameaça à democracia**: Um estudo de caso da Cambridge Analytica. 2021. TCC. (Curso de Graduação em Relações Internacionais) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2021. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/1870>. Acesso em: 11 ago. 2023.

ORGANIZAÇÃO AS NAÇÕES UNIDAS. Bombardeio de Israel atinge escola da ONU em Gaza, que abriga 1,5 mil. **Organização das nações unidas**, 2014. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2014/07/1480671>. Acesso em: 30 out. 2023.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Silêncio e implícito (produzindo a monofonia). In: GUIMARÃES, Eduardo. (Org.). **História e sentido na linguagem**. Campinas: Pontes, 1989. p. 39-46.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A contrapelo: incursão teórica na tecnologia - discurso eletrônico, escola, cidade. **Rua**, 2010, v. 2, n. 16, p. 2-14, 2010.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**. No movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e leitura**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e texto**: Formulação e circulação dos sentidos. Campinas, São Paulo: Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. O discurso religioso. *In: ORLANDI, Eni Puccinelli. A linguagem e seu funcionamento*: as formas do discurso. Campinas, São Paulo: Pontes, 1987, p. 239-262.

ORWELL, George. **Sobre a verdade**. Tradução de Claudio Alves Marcondes. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

OXFORD University Press. *fake news*. **Oxford Learner's Dictionary**, 2023. Disponível em: <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/us/definition/english/fake-news?q=fake+news>. Acesso 30 mai. 2023.

PAES, Maria, Helena, Simões. **A década de 60: rebeldia, contestação e repressão política**. Lisboa: Editora Ática, 1992.

PARISER, Eli. **O filtro invisível: o que a Internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PARTIDO DOS TRABALHADORES. Nossa história. **Partidores dos Trabalhadores**, [s.d]. Disponível em: <https://pt.org.br/nossa-historia/>. Acesso em: 27 dez. 2022.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET Françoise, HAK Tony, (Orgs). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Trad. Bethânia S. Marianni *et al.* 5. ed. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp; 2014a. p. 59-158.

PÊCHEUX, Michel. **Discurso: Estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni. Puccinelli. Orlandi. 7. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015a.

PÊCHEUX, Michel. Língua, Linguagens e Discurso. In: PIOVEZANI, Carlos.; SARGENTINI, Vanice (Orgs.). **Legados de Michel Pêcheux: Inéditos em análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 63-75.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre *et al.* Papel da memória. Tradução de José Horta Nunes. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015b, p. 45-50.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: Uma crítica a afirmação do óbvio**. Tradução de Eni. P. Orlandi *et al.* 5. ed. Campinas: Unicamp, 2014b.

PÊCHEUX, Michel.; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET Françoise, HAK Tony, (Orgs). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução de Bethânia Marianni *et al.* 5. ed. Campinas (SP): Ed. Unicamp; 2014a. p. 159-279.

PEDROSO, Rosa Nívea. **A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista**. São Paulo: Annablume, 2001.

PENNYCOOK, Alastair. A linguística Aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda (ORGs). **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas**. Campinas, São Paulo: Mercado letras, 1996, p. 21-46.

PINEZI, Ana Keyla Mosca; CHESNUT, Andrew. Jair Messias Bolsonaro como novo messias para evangélicos e católicos tradicionais. **Observatório da imprensa**, 2018. Acesso em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/eleicoes-2018/jair-messias-bolsonaro-como-novo-messias-para-evangelicos-e-catolicos-tradicionais/>. Acesso em: 13 jun. 2023.

PIZA, Marina Vassallo. **O fenômeno do instagram: considerações sob a perspectiva tecnológica**. 2012. TCC (Bacharel em Ciências Sociais com habilitação em Sociologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/3243/1/2012_MarianaVassalloPiza.pdf. Aceso em 01 out. 2023.

PLATÃO. **A república**. Belém: Edufpa, 2000.

PLUCKROSE, Helen; LINDSAY, James. **Teorias cínicas**. Tradução de Carlos Szlak. São Paulo: Faro editorial, 2021.

PONTES, Fábio Souza. **A revolução de 1930 e a industrialização na era vargas (1930-1939)**. 2015. TCC. (Graduação em economia)- Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/997/3/FSPontes.pdf>. Acesso em 20 nov. 2023.

PORTAL R7. Bombardeio atinge escola na Faixa de Gaza administrada pela ONU. **Portal R7**, 2023. Disponível em: <https://noticias.r7.com/internacional/bombardeio-atinge-escola-na-faixa-de-gaza-administrada-pela-onu-04112023/>. Acesso em: 30 out. 2023.

QUESSADA, Miguel. **Desinformação e esquerda brasileira: o discurso por trás das fake news**. 2022. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/15684>. Acesso em: 19 mai. 2020.

REBELLO, Aiuri. Alvo de CPI, site de *fake news* com 903 anunciantes perde apoio com campanha. **UOL**, 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/05/21/alvo-de-cpi-site-de-fake-news-com-903-anunciantes-perde-apoio-com-campanha.htm>. Acesso em: 03 ago. 2023.

RESENDE, Adriana. Projeto torna Nossa Senhora padroeira apenas dos católicos. **Agência Câmara de Notícias**, 2018. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/114726-projeto-torna-nossa-senhora-padroeira-apenas-dos-catolicos/>. Acesso em: 10 jun. 2023.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**. A formação e o Sentido do Brasil. Ed. 1. São Paulo; Companhia das letras, 2002.

RIPOLL, Leonardo.; OHLSON, Márcia.; ROMANINI, Vincíus. Análise do conceito de desinformação a partir da semiótica de Peirce. **Linguistic Frontiers**, v. 5, n. 2, p. 61-68, 2022.

RISÉRIO, Antônio. **Sobre o relativismo pós-moderno e a fantasia da esquerda identitária**. Rio de janeiro: Topbooks, 2019.

ROTHER, Larry. Hábito de bebericar do presidente vira preocupação nacional. **Folha de S. Paulo**, 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0905200405.htm>. Acesso em: 10 jun. 2022.

RUBINSTEIN, Ira S. Big Data: The End of Privacy or a New Beginning?, **SSRN product and services**, 2013. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2157659. Acesso em: 17 jun, 2022.

RUDNITZKI, Ethel; OLIVEIRA Rafael. Como o facebook está patenteado suas emoções. **Apublica**, 2019. <https://apublica.org/2019/07/como-o-facebook-esta-patenteando-as-suas-emocoes/>. Acesso em: 24 out, 2023.

SANTOS NETO, José Olímpio dos. A produção/fabricação da mentira pelas tecnologias midiáticas de comunicação: a pseudo-verdade. **Revista de Filosofia**, v. 15, n. 2, p. 116-127, 2017.

SASTRE, Angelo; CORREIO, Claudia Silene Pereira de Oliveira.; CORREIO, Francisco Rolfsen Belda. A influência do “filtro bolha” na difusão de fake news nas mídias sociais: reflexões sobre as mudanças nos algoritmos do facebook. **Geminis**, São Carlos, v. 9, n. 1, p. 1-14, 2018.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Escritos de linguística geral**. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo; Cultrix, 2002.

SAVIANI, Demerval. Transformações do capitalismo, do mundo do trabalho e da educação. In: LOMBARDI, José Claudinei.; SAVIANI, Dermeval.; SANFELICE, Luís. (Orgs.). **Capitalismo, trabalho e educação**. Campinas: Autores Associados, 2006, p. 13-14.

SCHOPENHAUER, Arthur. **As dores do mundo**: o amor, a morte, a arte, a moral, a religião, a política, o homem e a sociedade. Tradução de José Souza de Oliveira. 1. ed. 1. São Paulo: Edipro, 2019.

SCHULTZ, Adriana. É #FAKE que Bolsonaro sugeriu troca da imagem de Nossa Senhora Aparecida e que assinou projeto de lei para retirada do título de padroeira do Brasil. **Fato ou fake**, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/10/16/e-fake-que-bolsonaro-sugeriu-troca-da-imagem-de-nossa-senhora-aparecida-e-que-assinou-projeto-de-lei-para-retirada-do-titulo-de-padroeira-do-brasil.ghtml>. Acesso em: 20 mai. 2022.

SENADO FEDERAL. Mais de 80% dos brasileiros acreditam que redes sociais influenciam muito a opinião pública. **Senado Federal**, 2019. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/materias/pesquisas/mais-de-80-dos-brasileiros-acreditam-que-redes-sociais-influenciam-muito-a-opinio-das-pessoas>. Acesso em: 01 nov. 2023.

SERRA, Nathália Conde. **Proteção de Dados Pessoais e Facebook**: análise sobre privacidade de dados na Internet. 2018. TCC (Graduação) – Universidade de Brasília, Faculdade de Direito, Brasília, p. 1-113, 2018. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/22020/1/2018_NathaliaCondeSerra_tcc.pdf. Acesso em: 12 ago. 2023.

SHARE AMERICA. Guerra na Ucrânia causa danos a importantes locais culturais. **Share America**, 2022. Disponível em: <https://share.america.gov/pt-br/guerra-na-ucrania-causa-danos-a-importantes-locais-culturais/>. Acesso em: 30 out. 2023.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu de. A noção de modulação e os sistemas algorítmicos. In: **A sociedade do controle**: manipulação e modulação nas redes digitais. SOUZA, Joyce; AVELINO, Rodolfo.; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. (Orgs.). ed. 1, São Paulo: hedra, 2018, p. 31-46.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. Capitalismo digital. **Revista Ciências do Trabalho**, n. 20, p. 1-10, 2021.

SOARES, Marcelo Negri.; BEZERRA, Eudes Vitor. Revolução Tecnológica, redes sociais e desafios contemporâneos para efetivação da ciberdemocracia e dos direitos do e-cidadão: uma proposta para referendun de questões políticas importantes. **Rev. De Direitos Humanos e Efetividade**, Maranhão, v. 3, n. 2, p. 1-18, 2017.

SOARES, Thiago Barbosa Uma noção com dois fundadores: formação discursiva. **Revista Capim Dourado**. v. 1, n. 2, p. 45-64, 2018a.

SOARES, Thiago Barbosa. 1969, o ano que não terminou: o acontecimento discursivo da análise do discurso *In*: BUTTURI JUNIOR, Atílio.; BRAGA, Sandro.; SOARES, Thiago Barbosa (Orgs). **No campo discursivo: teoria e análise**, ed.1. Campinas, são Paulo: pontes editora, 2020b, p. 167-187.

SOARES, Thiago Barbosa. Discurso do Sucesso: sentidos e sujeitos de sucesso no Brasil contemporâneo. **Estudos linguísticos**, São Paulo, v. 45, n. 3, p. 1082-1091, 2016.

SOARES, Thiago Barbosa. Os limites da interpretação: uma reflexão sobre os usos da noção de discurso. **Ratio integralis**, v. 3, n. 2, p. 175-184, 2023.

SOARES, Thiago Barbosa. **Percorso discursivo**: Heterogeneidades epistemológicas aplicadas. Campinas: Pontes, 2022.

SOARES, Thiago Barbosa. **Percorso linguístico: conceitos, críticas e apontamentos**. Campinas: Pontes, 2018b.

SOARES, Thiago Barbosa. Teoria crítica e Análise do Discurso: a mídia como objeto comum. **Porto das letras**, v. 5, n. 1, p. 21-38, 2019.

SOARES, Thiago Barbosa. Uma análise dos dizeres sobre a voz de sucesso midiático. **Caderno estudos linguísticos**, Campinas, v. 62, p. 1-17, 2020a.

SOARES, Thiago Barbosa. **Discursos do sucesso**: a produção de sujeitos e sentidos do sucesso no Brasil contemporâneo. São Carlos, São Paulo: Pedro & João Editores, 2017.

SOUZA, Carlos Eduardo Ferreira de. Fake News e desinformação: o papel da grande mídia em notícias sobre cloroquina e Bolsonaro no Brasil entre setembro de 2019 e agosto de 2020. *In*: GUIMARÃES, André Grandis *et al.* **Cidadania, Epistemologia e interdisciplinaridade**. Direito em diálogo. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2022. p. 214-234.

SOUZA, Juliana Lopes de Almeida.; ARAÚJO, Daniel Costa de.; PAULA, Diego Alves de. Mídia social whatsapp: uma análise sobre as interações sociais. **Alterjor**, São Paulo, v. 1, p. 1-35. 2015.

TARDÁGUILA, Cristina. É falsa foto de Manuela com camiseta que traz a frase “Jesus é travesti”. **Lupa**, 2018. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2018/10/02/verificamos-manuela-jesus>. Acesso em: 24 jun. 2023.

TED TALK. Inside the fight against Russia's fake news empire. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yue6t5UmP4o>. Acesso em: 30 mai. 2023.

TFOUNI, Fábio Elias Verdiani. O fetichismo da mercadoria em Slogans e Propagandas. **Comunidade Midiática**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 12-28, 2014.

TORDESILLAS, Alonso. Platão, Protágoras e o homem-medida. **Dissertatio**, v. 29, n. 11, p. 11-42, 2009.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. Parceria entre Justiça Eleitoral e agências de checagem de fatos evitou disseminação de notícias falsas no 2º turno das eleições. **Tribunal superior eleitoral**, Brasília, 2018. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2018/Outubro/parceria-entre-justica-eleitoral-e-agencias-de-checagem-de-fatos-evitou-disseminacao-de-noticias-falsas-no-segundo-turno-das-eleicoes>. Acesso em: 01 nov. 2023.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Queima de livros (artigo resumido). **Enciclopédia do holocausto**, [s.d]. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/book-burning-abridged-article>. Acesso em: 23 out. 2022.

VIANA, Júlia Ribas. **Capitão américa na guerra fria**: a construção do anticomunismo como estratégia de política externa estadunidense. 2020. TCC. (Bacharelado em relações internacionais) -Universidade do Sul de Santa Catarina, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/16778>. Acesso em: 10 set. 2023.

VIEIRA, Alessandro. Projeto de lei 2630/20. Institui a Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet. **Câmara dos deputados**, Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/2256735>. Acesso em: 19 mai. 2020.

VIEIRA, Eurípedes, Falcão. O tempo-espaço: ficção, teoria e sociedade. **Cadernos Ebape**. v. 1, n. 1, p. 1-7, 2003.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. Information disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making. **Strasbourg Cedex: Council of europeu report DGI**, 2017. Disponível em: <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-researc/168076277c>. Acesso em: 20 abr. 2020.

WENDLING, Mike. Como o termo fake news virou arma nos dois lados da batalha política mundial. BBC, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-42779796>. Acesso em: 20 jun. 2023.

WESTIN. Ricardo. Em 1922, eleição presidencial teve fake news e resultado questionado. **Senado Federal**, Brasília, 2022. Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/em-1922-eleicao-teve-fake-news-e-resultado-questionado>. Acesso em: 28 nov. 2023.

ANEXO

Transcrição da entrevista do Bolsonaro ao Jornal Nacional

(*Entrevistadora Renata Vasconcellos*) vamos para um outro tema importante que é homofobia. A cada dezenove horas, um gay, lésbica ou trans é assassinado ou se suicida por causa de homofobia no Brasil. O senhor já disse que não é homofóbico, mas o senhor também declarou que vizinho desvaloriza imóvel, o senhor já disse que prefere que um filho morra a ser gay inclusive relacionou pedofilia com homossexualismo. É...Candidato essas declarações não são homofóbicas? (...) (*Entrevistador William Bonner*) Esse termo, (...) inclusive homossexualismo, (...) o senhor que usou por que (...) em geral a palavra correta seria (...) homossexualidade Renata foi literal na transcrição do que o senhor disse. (*Candidato Bolsonaro*)Essa última, essa última declaração não procede, as outras...vamo falar. Olha só isso começou a acontecer em novembro de 2010 comigo, até aquele momento, eu era uma pessoa normal como você, normal por aí no tocante a isso. Eee eu passando pelos corredores da câmara vi algo acontecendo de forma esquisita, um grupo que:: Não é normal você na praia encontrar gente de paletó e gravata ou num fórum gente com short de banho e tava o pessoal vestido a caráter e PERguntei SIM pro segurança lá, vai haver alguma parada do orgulho gay na câmara? E TOMEi conhecimento do que isso estava acontecendo lá, eles tinham acabado do nono seminário LGTB infanTIL, repito, nono seminário LGBT infanTIL, estavam discutindo ali né, comemorando o lançamento de um material para combater a homofobia que passou a ser conhecido como kit gay, entre esse material Bonner estava esse livro lá Bonner, Então o pai que tenha filho na sala agora, reTIRE o filho da sala pra não vê isso aí, se bem que na biblioteca das escolas públicas têm (...) olha só, não (...) eu vou mostrar (*Entrevistadora Renata Vasconcellos*) Candidato, Não vai mostrar se as crianças não podem (...) ver (*Candidato Bolsonaro*) não, mas é um livro escolar pra criança (...) (*Entrevistador Willian Bonner*) eu pediria ao senhor (*Candidato Bolsonaro*) é um LIVRO para a criANÇA OS PAIS NÃO SABEM QUE ISSO ESTÁ NA BIBLIOTECA(...)(*Entrevistador Willian Bonner*) Temos uma regra candidato que eu estou lembrando com seus assessores os candidatos não mostram documentos, eles não mostram (...) (*Candidato Bolsonaro*) não, mas Tá AQUI O LIVRO, uma prova (...) (*Entrevistador Willian Bonner*) eu pediria ao o senhor (...)(*Candidato Bolsonaro*) isso aqui me fez (...) vou tirar vou tirar (...) (entrevistador Willian Bonner) não é respeitoso (...) quer deixar o livro comigo? (...) (*Candidato Bolsonaro*) não pode deixar, não vou mostrar mais

não (...)Então olha só, eu vou mostrar Numa live depois do programa o livro sem problema nenhum[...] se bem que fiz esse livro com minha filha até o momento deee antes do livro entrar em questão, tirei minha filha e fiz uma live, uma LIVE não, fiz uma matéria no facebook deu QUAREnta milhões de acesso em quinze dias [...] (*entrevistadora Renata Vasconcellos*) candidato essas suas declarações que eu me referir (...) (*Candidato Bolsonaro*) (...) Olha só (...) (*entrevistadora Renata Vasconcellos*) gostaria que o senhor dissesse (...) (*candidato Bolsonaro*): EU es-ta-va defendendo as criANças em as-la de AU-la (...) meu deus (...) É TO-DOS esse momentos (...) (*entrevistadora Renata Vasconcellos*) quando o senhor se referiu a vizinho gay (...) (*candidato Bolsonaro*) a todos esses momentos(...) TO-DOS esses momentos (...) (*entrevistadora Renata Vasconcellos*) o que isso tem a ver com as crianças? (...) (*candidato Bolsonaro*) um PAi não quer chegar em ca-sa e em-com-trar um Filho brincando com bonECA por in-flu-ên-cia da es-co-la, ESSE é o assunto (...) (*entrevistadora Renata Vasconcellos*) Mas para defender seu(...) (*candidato Bolsonaro*) não mais pera ai(...) (*entrevistador Willian Bonner*) a Renata fez uma pergunta mas o senhor não tá respondendo (*candidato Bolsonaro*) foi comissões foi foi foi em momentos que a temperatura cresceu (...) (*entrevistadora Renata Vasconcellos*) então o senhor, o senhor (...) (*candidato Bolsonaro*) NA-da eu tenho contra o GAY, eu tenho contra o material escolar em sala de aula(...) (*entrevistadora Renata Vasconcellos*) e porque que pra defender candidato seu ponto de vista o senhor faz declarações tão fortes que inclusive pode ofender as pessoas (*candidato Bolsonaro*) NÃo, tem MUIto Gay que é pai que é mãe e concorda comIGO, aas declarações foram FORtes, fo-ram algumas caneladas (...) (*entrevistadora Renata Vasconcellos*) Você se arrepende? (*candidato Bolsonaro*) pe-ço Até desculpas (...) mas foi um momento de temperatura ALta, comissões quee qua-se hou-ve vias de fatos e muitas discussões porque o ativISMO lgbt levava pra isso INCLUSIVE eu peço pra você que está em casa ENTRA na internet, pegue láá, pla-no nacio-nal de pro-mo-ção e ci-da-da-nia LGBT, são cento e oitenta ITENS, entre eles, a des-cons-tru-ção da he-tero-normatividade, OU SEJA, estão ensinando em algumas escolas que homem e mulher TÁ ERRAdo pode ser SIm, homem com homem e mulher e mulher o que é diFÍcil (...) BONner (...) pra cri-na-cinha a par-tir de se-is ANos de idade [...]